



Programa de Pós-Graduação em  
**LINGUÍSTICA**

---

---

**“OLÁ A TODES!”: UMA ANÁLISE DE PERCEPÇÕES SUBJETIVAS SOBRE USOS  
LINGUÍSTICOS NÃO BINÁRIOS**

São Carlos  
2024



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

PRISCILA CRISTINA ZAMBRANO

**“OLÁ A TODES!”: UMA ANÁLISE DE PERCEPÇÕES  
SUBJETIVAS SOBRE USOS LINGUÍSTICOS NÃO BINÁRIOS**



São Carlos - SP  
2024

PRISCILA CRISTINA ZAMBRANO

**“OLÁ A TODES!”: UMA ANÁLISE DE PERCEPÇÕES  
SUBJETIVAS SOBRE USOS LINGUÍSTICOS NÃO BINÁRIOS**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos, como requisito à obtenção do título de Mestra em Linguística.

Linha de pesquisa: Descrição, Análise e Processamento Automático de Línguas Naturais

Orientadora: Profa. Dra. Caroline Carnielli Biazolli

SÃO CARLOS - SP

2024



# UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Educação e Ciências Humanas  
Programa de Pós-Graduação em Linguística

---

## Folha de Aprovação

---

Defesa de Dissertação de Mestrado da candidata Priscila Cristina Zambrano, realizada em 12/11/2024.

### Comissão Julgadora:

Profa. Dra. Caroline Carnielli Biazolli (UFSCar)

Prof. Dr. Marcus Garcia de Sene (UPE)

Profa. Dra. Flavia Bezerra de Menezes Hirata Vale (UFSCar)

Zambrano, Priscila Cristina

"Olá a todes!": uma análise de percepções subjetivas sobre usos linguísticos não binários / Priscila Cristina Zambrano -- 2024.  
153f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de São Carlos, campus São Carlos, São Carlos  
Orientador (a): Caroline Carnielli Biazolli  
Banca Examinadora: Marcus Garcia de Sene, Flávia Bezerra de Menezes Hirata-Vale  
Bibliografia

1. Linguagem não binária. 2. Percepções linguísticas. 3. Sociolinguística. I. Zambrano, Priscila Cristina. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática (SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Arildo Martins - CRB/8 7180

*À minha mãe,  
que, mesmo passando por um temporal,  
me ensinou que é preciso ter paciência para poder ver o arco-íris.*

## AGRADECIMENTOS

À minha fé inabalável, que me mantém firme e esperançosa, apesar das adversidades da vida. Aos meus Guias, pelos ensinamentos, pela proteção e por todo o axé; por cuidarem tão bem de mim e por não me deixarem andar só.

À minha família, por me cercarem com tanto amor e respeito. Aos meus pais, Elisabete e Armando, muito mais do que a vida, devo toda a minha gratidão por terem me ensinado tudo o que sei e sou hoje, por abrirem mão, diversas vezes, do que era melhor para vocês, para poderem oferecer o que seria melhor para mim; agradeço por serem presentes, por me ensinarem a ter caráter e lutar pelo o que é meu. Ao meu irmão, Guilherme, agradeço por todo auxílio dado com as ferramentas necessárias para o desenvolvimento deste trabalho, pelo companheirismo e ensinamentos no dia a dia, por me apoiar e estar sempre por perto.

À minha orientadora de tantos começos, Caroline Carnielli Biazolli, eu não poderia ter encontrado pessoa mais incrível. Desde o primeiro dia. Tinha que ser você. Agradeço, profundamente, por toda confiança, compreensão, carinho e transparência, por ter aceitado me acompanhar durante esses tantos anos e por sempre me encorajar a fazer mais e a ser mais, por acreditar em tudo o que eu posso ser. Se algum dia eu for um pouco como você, sei que terei florescido nessa vida.

À Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Flávia Bezerra de Menezes Hirata-Vale, pelos apontamentos valiosos desde a Qualificação, por me fazer enxergar por outra perspectiva quando necessário; agradeço pelos anos em que pude aprender com você sendo sua aluna e por vê-la presente na continuação da minha jornada acadêmica.

Ao Prof. Dr. Marcus Garcia de Sene, pelas sempre tão generosas contribuições, recomendações e trocas. Por ter visto esse trabalho nascer e crescer, pela sua pronta atenção e disponibilidade em me auxiliar quando preciso; por todas as palavras de apoio e incentivo durante meus momentos de incerteza.

Às amigas e amigos que a UFSCar me deu; aqueles que convivo e aqueles que não vejo mais com tanta frequência, mas que carrego sempre no coração. Às amigadas que se consolidaram nesses anos de Mestrado, com quem pude dividir angústias, medos, alegrias e realizações. Às oportunidades que surgiram por estudar na área da Sociolinguística – onde me encontrei –, por ser um espaço de tantas discussões possíveis e pertinentes.

À Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), pelo ensino público de qualidade e por ser um lugar de tantas experiências e possibilidades. Que siga resistindo!

Na Amazônia, igapó é uma grande poça de água estagnada às margens de um rio, sobretudo depois da cheia. Acho uma boa metáfora para a gramática normativa. Como eu disse, enquanto a língua é um rio caudaloso, longo e largo, que nunca se detém em seu curso, a gramática normativa é apenas um igapó, uma grande poça de água parada, um charco, um brejo, um terreno alagadiço, à margem da língua. Enquanto a água do rio/língua, por estar em movimento, se renova incessantemente, a água do igapó/gramática normativa envelhece e só se renovará quando vier a próxima cheia.

(Bagno, 2007, p. 10)

## RESUMO

O presente estudo objetiva investigar as percepções de falantes do português brasileiro sobre a linguagem não binária (particularmente, sobre os usos de “@”, “x” e “e” em palavras e sentenças). Partimos da defesa desses usos, pelo fato de os considerarmos um meio simbólico de inclusão social de grupos minorizados. O cerne do estudo está, portanto, na discussão das correlações entre língua, sociedade e identidades, com vistas ao entendimento das percepções subjetivas. Para tanto, baseamo-nos na visão de língua heterogênea (Labov, 2008[1972]), que deve ser analisada de acordo com as circunstâncias linguísticas e contextuais, e na ótica da Linguística *Queer*, que encadeia discussões sobre como a língua(gem) pode sustentar ou confrontar as normas de gênero e sexualidade. Com base em aporte teórico que versa sobre linguagem não binária, a partir de pesquisas bibliográfica e documental (Zambrano, 2022), organizamos e aplicamos um questionário a estudantes, docentes e técnico-administrativos de uma Instituição de Ensino Superior pública federal, localizada no interior de São Paulo, a fim de que pudéssemos observar as reações subjetivas e os graus de concordância desse público sobre os usos linguísticos em questão. As análises são quali-quantitativas (Knechtel, 2014) e contam com dados obtidos através das escalas do tipo Likert (Likert, 1932) e do tipo de Diferenciais Semânticos (Osgood; Suci; Tannenbaun, 1957). Os resultados revelam uma rejeição expressiva no que se refere às alternativas disruptivas de gênero na língua, mas aponta para possíveis índices de aceitação da variante “e” a longo prazo. Esperamos contribuir com a bibliografia existente sobre a temática, a partir da validação de dados quali-quantitativos e fomentar novas investigações que venham a discorrer sobre o mesmo objeto.

**Palavras-chave:** Linguagem não binária. Percepções linguísticas. Sociolinguística.

## RESUMEN

El presente estudio tiene como objetivo investigar las percepciones de los hablantes de portugués brasileño sobre el lenguaje no binario (particularmente sobre los usos de “@”, “x” y “e” en palabras y oraciones). Defendemos estos usos, ya que los consideramos un medio simbólico de inclusión social para grupos minoritarios. El núcleo del estudio es, por tanto, la discusión de las correlaciones entre lengua, sociedad e identidades, con vistas a comprender las percepciones subjetivas. Para ello, nos basamos en la visión de una lengua heterogénea (Labov, 2008[1972]), que debe ser analizada según circunstancias lingüísticas y contextuales, y en la perspectiva de la Lingüística *Queer*, que encadena las discusiones sobre cómo la(s) lengua(s) puede apoyar o confrontar las normas de género y sexualidad. Con base en sustento teórico que aborda el lenguaje no binario, con base en investigaciones bibliográficas y documentales (Zambrano, 2022), organizamos y aplicamos un cuestionario a estudiantes, docentes y técnico-administrativos de una Institución de Educación Superior pública federal, ubicada en el interior de São Paulo, de modo que pudiéramos observar las reacciones subjetivas y los grados de acuerdo de este público sobre los usos lingüísticos en cuestión. Los análisis son cualitativos y cuantitativos (Knechtel, 2014) y se basan en datos obtenidos mediante escalas tipo Likert (Likert, 1932) y tipo Diferenciales Semánticos (Osgood; Suci; Tannenbaun, 1957). Los resultados revelan un rechazo significativo a las alternativas de género disruptivas en el idioma, pero apuntan a posibles tasas de aceptación de la variante “e” a largo plazo. Esperamos contribuir con la bibliografía existente sobre el tema, a partir de la validación de datos cualitativos y cuantitativos e incentivar nuevas investigaciones que discutan el mismo objeto.

**Palabras clave:** Lenguaje no binario. Percepciones lingüísticas. Sociolingüística.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

### LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Círculo permanente de práticas sociolinguísticas.....	29
Figura 2 - Gráfico de interesse pelos termos “linguagem neutra” e “linguagem não binária”.	38
Figura 3 - Identidades de gênero binárias e não binárias .....	44
Figura 4 - Localização da cidade de São Carlos e cidades vizinhas no estado de São Paulo ..	54
Figura 5 - Países favoráveis e contrários ao uso da linguagem não binária .....	59
Figura 6 - Jornalista rebate críticas de internautas sobre uso de linguagem não binária.....	60
Figura 7 - Polêmica sobre cantor utilizar suposta linguagem não binária em anúncio de show .....	60
Figura 8 - Post e comentários de anúncio de show.....	60
Figura 9 - Professora é demitida por discutir sobre linguagem não binária em sala de aula ...	61
Figura 10 - Câmara dos Deputados aprova proibição de linguagem não binária em órgãos públicos.....	61
Figura 11 - Câmara Municipal de Natal aprova lei que proíbe o uso de linguagem não binária .....	61
Figura 12 - ABRALIN publica Nota de Repúdio em relação ao texto do PL ° 6.256/2019 aprovado pela Câmara dos Deputados .....	63

### LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Formação (em andamento ou concluída), por área de conhecimento, na graduação .....	85
Gráfico 2 - Formação (em andamento ou concluída), por área de conhecimento, na pós-graduação.....	85
Gráfico 3 - Natureza do curso de graduação .....	86
Gráfico 4 - Respostas dos participantes em relação ao emprego do "e" .....	89
Gráfico 5 - Respostas dos participantes em relação ao emprego do "x" .....	89
Gráfico 6 - Respostas dos participantes em relação ao emprego do "@" .....	90
Gráfico 7 - Resumo das respostas dos docentes em relação ao emprego de “e”, “x” e “@” ...	91
Gráfico 8 - Resumo das respostas de estudantes em relação ao emprego de “e”, “x” e “@” ..	91
Gráfico 9 - Resumo das respostas de técnico-administrativos em relação ao emprego de “e”, “x” e “@” .....	91

Gráfico 10 - Percentual inicial das respostas obtidas na Parte II .....	93
Gráfico 11 - Pergunta n° 01 - Parte II.....	94
Gráfico 12 - Pergunta n° 02 – Parte II.....	94
Gráfico 13 - Pergunta n° 03 - Parte II.....	95
Gráfico 14 - Pergunta n° 04 - Parte II.....	95
Gráfico 15 - Pergunta n° 05 - Parte II.....	95
Gráfico 16 - Pergunta n° 06 - Parte II.....	96
Gráfico 17 - Pergunta n° 07 - Parte II.....	96
Gráfico 18 - Pergunta n° 08 - Parte II.....	96
Gráfico 19 - Pergunta n° 05 – Parte III: Você concorda com o emprego da marcação de "@", "x" e "e"? .....	98
Gráfico 20 - Idade dos respondentes .....	99
Gráfico 21 - Idade e posicionamento dos participantes.....	100
Gráfico 22 - Orientação sexual.....	101
Gráfico 23 - Identidade de gênero .....	101
Gráfico 24 - Pergunta n° 01 – Parte III: Você sabe o que é uma pessoa não binária? .....	103
Gráfico 25 - Pergunta n° 02 – Parte III: Existem pessoas não binárias nos seus círculos sociais? .....	103
Gráfico 26 - Pergunta n° 03 – Parte III: Existem pessoas não binárias no seu convívio na UFSCar? .....	103
Gráfico 27 - Pergunta n° 04 – Parte III: Você tem conhecimento sobre as causas LGBTQIAPN+? .....	103

## **LISTA DE QUADROS**

Quadro 1 - Entendimento sobre as terminologias empregadas para fenômenos linguísticos de inclusão.....	36
Quadro 2 - Quantitativo de cada um dos termos pesquisado no Google.....	37
Quadro 3 - Características das pesquisas com abordagem qualitativa e quantitativa .....	53

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 - Quantitativo de estudantes, docentes e técnico-administrativos do CECH.....	55
Tabela 2 - Quantitativo de estudantes, docentes e técnico-administrativos do CCBS .....	56
Tabela 3 - Quantitativo de estudantes, docentes e técnico-administrativos do CCET .....	56
Tabela 4 - Exemplo de escala Likert .....	68
Tabela 5 - Posicionamentos sobre as variantes de acordo com identidade de gênero.....	101
Tabela 6 - Posicionamentos sobre as variantes de acordo com a orientação sexual .....	102

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

<b>ABRALIN</b>	Associação Brasileira de Linguística
<b>AC</b>	Análise de Conteúdo
<b>ACIEPES</b>	Atividades Curriculares de Integração Ensino, Pesquisa e Extensão
<b>CAPES</b>	Catálogo de Teses e Dissertações
<b>CCBS</b>	Ciências Biológicas e da Saúde
<b>CCET</b>	Centro de Ciências Exatas e de Tecnologia
<b>CCS</b>	Coordenadoria de Comunicação Social
<b>CECH</b>	Centro de Educação e Ciências Humanas
<b>CEP</b>	Comitê de Ética em Pesquisa
<b>CNS</b>	Conselho Nacional de Saúde
<b>DS</b>	Diferencial Semântico
<b>i.e.</b>	isto é
<b>IES</b>	Instituição de Ensino Superior
<b>LGBTQIAPN+</b>	Lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, travestis, queer, intersexo, assexuais e demais orientações sexuais e variações de gênero
<b>LQ</b>	Linguística <i>Queer</i>
<b>PAE</b>	Programa de Acolhimento Estudantil
<b>PB</b>	Português Brasileiro
<b>PcDs</b>	Pessoas com Deficiência
<b>PL</b>	Projeto de Lei
<b>PL-MG</b>	Partido Liberal Regional Minas Gerais
<b>PL-SC</b>	Partido Liberal de Santa Catarina
<b>PPGL</b>	Programa de Pós-Graduação em Linguística
<b>PT-DF</b>	Partido dos Trabalhadores do Distrito Federal
<b>QR Code</b>	<i>Quick Response Code</i>
<b>SAGUI</b>	Sistema de Apoio à Gestão Universitária Integrada
<b>SciELO</b>	<i>Scientific Electronic Library Online</i>
<b>STF</b>	Supremo Tribunal Federal
<b>TA</b>	Técnico-administrativo
<b>TCLE</b>	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
<b>TV UFMG</b>	TV da Universidade Federal de Minas Gerais
<b>TVM</b>	Teoria da Variação e Mudança

**UFSCar**

Universidade Federal de São Carlos

**vs**

*versus*

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>17</b>
<b>1.1 Organização da dissertação .....</b>	<b>19</b>
<b>2 ARCABOUÇO TEÓRICO .....</b>	<b>21</b>
<b>2.1 A área de estudos da Sociolinguística .....</b>	<b>21</b>
2.1.1 A terceira onda da Sociolinguística .....	24
2.1.2 Avaliações e percepções sociolinguísticas.....	27
<b>2.2 Linguística <i>Queer</i> .....</b>	<b>31</b>
<b>2.3 A linguagem não binária em foco .....</b>	<b>36</b>
2.3.1 Terminologia empregada.....	36
2.3.2 Questões sobre identidade e língua(gem).....	39
2.3.2.1 A(s) identidade(s).....	39
2.3.2.2 Aprofundamentos sobre a linguagem não binária.....	44
2.3.3 O que diz a Linguística Formal .....	47
<b>3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....</b>	<b>52</b>
<b>3.1 A natureza do estudo e os participantes da pesquisa .....</b>	<b>52</b>
<b>3.2 Instrumentos de pesquisa, procedimentos de análise e decisões metodológicas .....</b>	<b>57</b>
3.2.1 Levantamentos bibliográfico e documental .....	59
3.2.1.1 As manchetes das notícias.....	59
3.2.2 O questionário: Escalas Likert e de Diferenciais Semânticos.....	67
3.2.2.1 O questionário: a construção das seções .....	69
<b>4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS DO QUESTIONÁRIO .....</b>	<b>72</b>
<b>4.1 Resultados da divulgação do questionário.....</b>	<b>72</b>
<b>4.2. Análise das percepções subjetivas manifestadas nas questões abertas.....</b>	<b>73</b>
<b>4.3. Análise das percepções subjetivas manifestadas nas questões fechadas.....</b>	<b>84</b>
<b>4.4 Análise do perfil social dos informantes .....</b>	<b>98</b>

4.5 Síntese dos resultados .....	104
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	107
REFERÊNCIAS .....	110
ANEXO A – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP.....	119
APÊNDICE A – ARTE PARA DIVULGAÇÃO DO QUESTIONÁRIO.....	127
.....	127
APÊNDICE B – COLAGEM DA ARTE DE DIVULGAÇÃO PELO <i>CAMPUS</i> SÃO CARLOS DA UFSCar .....	128
APÊNDICE C – TCLE .....	130
APÊNDICE D – QUESTIONÁRIO APLICADO .....	132

## 1 INTRODUÇÃO

Todas as línguas vivas são multifacetadas, heterogêneas em sua natureza e, portanto, a variação é natural, uma propriedade regular e inerente ao sistema linguístico (Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968]; Labov, 2008 [1972]). Considerando a relação intrínseca entre língua e sociedade e as reverberações dos diversos condicionadores sociais que operam na variação e mudança linguísticas, questões como a identidade – também caras às discussões *queer* – podem integrar o bojo caracterizador destes trabalhos.

As discussões *queer* têm se alastrado por diversas áreas do fazer científico (Borba, 2020a), colocando em evidência debates sobre os processos que visam à identificação de identidades sociais, a partir de questões referentes a gênero, à sexualidade e à língua. Adotando teorias e metodologias que questionam as normatividades linguísticas, os estudos que buscam ir para além das amarras formais têm causado bastante desconforto, tanto no âmbito social quanto no científico. As ambivalências são claras: de um lado, há pessoas que não se sentem representadas pelas formas dicotômicas e historicizadas de gênero e estão contestando sua representatividade linguística. De outro, há pessoas que questionam os espaços e garantias conquistados por indivíduos que fogem à norma pré-estabelecida socialmente sobre identidade e expressão de gênero, sexualidade e comportamento.

Em virtude da heterogeneidade linguística, esbarramos em atitudes de aceitação e rejeição dos mais variados usos linguísticos, atitudes essas que estão intrinsecamente ligadas à maneira como os falantes percebem e avaliam as manifestações do outro. Essas atitudes podem interferir no percurso de uma língua e, a respeito disso, Moreno Fernández (1998) explica:

(...) as atitudes influenciam decisivamente os processos de variação e mudança linguística que ocorrem nas comunidades de fala. **Uma atitude favorável ou positiva pode fazer com que uma mudança linguística aconteça mais rapidamente**, que em determinados contextos predomine o uso de uma língua em detrimento de outra, que o ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira seja mais eficaz, que certas variantes linguísticas sejam confinadas a contextos menos formais e outras predominem em contextos mais monitorados. **Uma atitude desfavorável ou negativa pode levar ao abandono e esquecimento de uma língua ou impedir a difusão de uma variante ou mudança linguística** (Moreno Fernández, 1998, p. 179, grifo nosso, tradução nossa<sup>1</sup>).

---

<sup>1</sup> (...) las actitudes influyen decisivamente en los procesos de variación y cambio lingüísticos que se producen en las comunidades de habla. Una actitud favorable o positiva puede hacer que un cambio lingüístico se cumpla más rápidamente, que en ciertos contextos predomine el uso de una lengua en detrimento de otra, que la enseñanza-aprendizaje de una lengua extranjera sea más eficaz, que ciertas variantes lingüísticas se confinen a los contextos menos formales y otras predominen en los estilos cuidados. Una actitud desfavorable o negativa puede llevar al abandono y el olvido de una lengua o impedir la difusión de una variante o un cambio lingüístico (Moreno Fernández, 1998, p. 179).

Isto é, as atitudes linguísticas e o percurso de uma língua manifestam uma relação indissociável, sob a qual Moreno Fernández (1998) compreende que, conseqüentemente, uma variedade linguística pode ser interpretada como um traço definidor de identidade dos grupos que a utilizam. Essas ponderações nos levam a concordar com a asserção de Calvet (2002) de que as línguas não existem sem as pessoas que as falam e que a história de uma língua é a história de seus falantes.

A partir de estudos preliminares já desenvolvidos acerca do que estudiosos da língua e a sociedade em geral têm dito a respeito da linguagem não binária<sup>2</sup> – o que é, para o que e para quem serve (Zambrano, 2021, 2022) –, nesta pesquisa, alinhada à vertente da Sociolinguística que se debruça sobre o estudo de percepções linguísticas, buscamos evidenciar a relação inerente entre língua, sociedade e identidades.

Em virtude da inquietação a respeito da temática, debatida atualmente em diversos países<sup>3</sup> acerca de sua adoção ou não, temos como objetivo geral desta pesquisa compreender o que determinados falantes da língua portuguesa entendem por linguagem não binária, quais são suas percepções a respeito desse fenômeno linguístico e como as avaliações linguísticas dos falantes podem impactar na trajetória desse fenômeno.

Dentre os objetivos específicos, estão: i) adquirir e consolidar conceitos relacionados à Sociolinguística e aos estudos sobre gênero e língua; ii) analisar essas percepções a partir de nichos particulares de uma Instituição de Ensino Superior (IES) pública federal, localizada no interior paulista, contrastando, por exemplo, as percepções de estudantes de graduação (licenciandos ou não), pós-graduandos, docentes e técnico-administrativos dessa instituição; e, por fim, iii) observar, a partir da aplicação de um questionário, as reações subjetivas e os graus de concordância sobre a escolha dos usos de “@”, “x” e “e” nas palavras e sentenças.<sup>4</sup>

---

<sup>2</sup> A escolha terminológica será justificada em seção oportuna.

<sup>3</sup> Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/governo-milei-proibe-linguagem-neutra-em-toda-a-administracao-publica/>; <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2022/07/buenos-aires-proibe-linguagem-de-genero-neutro-em-escolas-e-abre-batalha-com-ativistas.shtml> (Buenos Aires); <https://oglobo.globo.com/mundo/noticia/2023/11/02/com-apoio-de-macron-senado-da-franca-proibe-linguagem-inclusiva-em-frances-o-masculino-e-o-neutro.ghtml> (França); <https://www.gazetadopovo.com.br/ideias/enquanto-a-franca-proibe-a-espanha-oficializa-a-linguagem-neutra/>; <https://pt.globalvoices.org/2020/11/23/instituicao-linguistica-oficial-da-espanha-recua-do-uso-de-pronome-neutro/> (Espanha); <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2019/09/17/dicionario-britanico-inclui-genero-neutro.htm>; <https://www.poder360.com.br/internacional/eua-emitem-o-primeiro-passaporte-com-opcao-de-genero-neutro/> (Estados Unidos). Acesso em: 06 abr. 2024.

<sup>4</sup> Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP). CAAE: 69435023.0.0000.5504. Ver Anexo A.

Nesta pesquisa, salientamos que estudos que tratam dos fatos linguísticos interligando-os ao contexto situacional de seus usos são essenciais para a análise da inclusão (e, em contrapartida, da exclusão) social, bem como para o fomento das investigações científicas sobre *língua*. Sustentados pela inquestionabilidade de a linguagem ser o que existe de mais íntimo e que melhor representa a subjetividade dos indivíduos (Leite, 2008), defendemos o uso da linguagem não binária porque a compreendemos como uma ferramenta de inclusão. Assim, abordamos a demanda por uma expressão linguística que represente a diversidade e a representatividade de identidades dissonantes na sociedade.

Buscamos investigar as percepções de falantes a respeito da linguagem não binária, alicerçados no que estudiosos da língua têm discorrido sobre esse uso, não somente pelo viés que a aborda por razões linguísticas (como a discussão sobre o sistema linguístico do português possibilitar ou não o gênero neutro), mas, também, por meio de debates contextualizados sócio, histórica, político-ideológica e culturalmente.

No que compete à escolha do estudo de nichos particulares envolvendo, sobretudo, estudantes universitários e profissionais da área da Educação da IES em foco, sinalizamos o fato de a Academia ser o âmbito que proporciona investigações sobre os fatos da língua(gem) e onde há investimento e autonomia na formação de futuros professores que atuarão em escolas públicas. Vale enfatizar, aqui, a seriedade do tema e a necessidade de estudos científicos que se dediquem à investigação do fenômeno em questão e que abordem sua importância linguística e social, visto que agentes educacionais atuantes nas redes de ensino vêm constantemente sofrendo grande (re)pressão parlamentar sobre conduções docentes que instiguem discussões acerca do uso da linguagem não binária, incitada através de multa pecuniária<sup>5</sup>.

Ademais, sabemos que as universidades devem ser espaços que buscam acolher e respeitar a diversidade sexual e de gênero, além de serem espaços com potencial para fomentar essas reflexões entre os estudantes que estejam dispostos a discutir temas relacionados à questão da diversidade (Anacleto; Galliciano; Teixeira-Filho, 2013) e onde se estreitam as questões de políticas públicas educacionais e demandas sociais sobre esse tópico (Vaidergorn, 2010).

## **1.1 Organização da dissertação**

Esta dissertação está organizada em cinco grandes seções, iniciada por esta, intitulada “Introdução”. Na seção seguinte, trazemos um arcabouço teórico para sustentar as proposições

---

<sup>5</sup> Disponível em: <https://exibirgospel.com.br/2022/04/08/deputado-de-sp-quer-multar-escolas-que-ensinarem-a-linguagem-neutra/>. Acesso em: 11 fev. 2024.

do estudo, considerando, sobretudo, a área de estudos da Sociolinguística e seus desdobramentos nos estudos de terceira onda, bem como as possíveis relações estabelecidas com a Linguística *Queer*. Abordamos também o fenômeno da linguagem não binária. Na terceira seção, discorremos sobre os procedimentos teórico-metodológicos, desde a natureza da pesquisa, os levantamentos bibliográfico e documental, até as decisões para a elaboração do questionário aplicado aos participantes deste estudo. A seção quatro busca analisar e discutir os resultados obtidos ao longo da pesquisa e a seção cinco expõe as conclusões do estudo. Por fim, são apresentadas as referências, os anexos e os apêndices.

## 2 ARCABOUÇO TEÓRICO

Ao estudarmos um objeto ou situação-problema, defrontamo-nos com a necessidade de teorias que sustentem as colocações desencadeadas em todo seu complexo temático. De acordo com Faraco (2005), as teorias são sistemas de princípios gerais capazes de dar um tratamento unificado que torna os fatos inteligíveis, compreensíveis, mostrando como eles se articulam entre si e se influenciam mutuamente.

Esta seção tem como principal objetivo apresentar algumas das concepções que norteiam este estudo. Apresentamos, de forma sucinta, uma contextualização sobre a Sociolinguística, o que se intitula como terceira onda, uma discussão sobre avaliações e percepções sociolinguísticas, o que é a Linguística *Queer* e sua relação com a linguagem não binária. Quanto à linguagem não binária, dedicamo-nos a abordá-la a partir de vários aspectos.

### 2.1 A área de estudos da Sociolinguística

Ao longo da história, inúmeros estudiosos dedicaram-se às investigações sobre a origem e o desenvolvimento das línguas. No século XIX, predominaram os estudos de método histórico-comparativo, isto é, estudos que se preocupavam em relacionar os fatos de uma língua aos correspondentes de outra da mesma família. Os estudos empreendidos por Saussure, na sequência, derivados de uma perspectiva formal, passaram a vigorar com um caráter mais sistemático e abstrato e a conceber a língua como um axioma homogêneo, composto por signos arbitrários e com valor representacional dentro da estrutura linguística (Leite, 2010).

Em oposição ao paradigma formalista, o funcionalismo despontou com uma visão de linguagem enquanto instrumento de interação social, buscando estudar a relação entre a estrutura gramatical e as diferentes situações comunicativas em que a língua é utilizada. Investigar a motivação para os fatos da língua através das escolhas linguísticas realizadas pelos falantes em contextos reais de uso tornou-se o novo propósito.

Através da Sociolinguística, partindo da noção de que a língua é uma prática social, heterogênea em sua natureza e sistemática, compreendemos determinada escolha linguística do falante por a tomarmos dentro de um contexto comunicativo (a partir de seu uso). Logo, suas investigações, solidificadas na década de 60 por William Labov, baseiam-se em estudos empíricos que procuram demonstrar a relação entre língua, cultura e sociedade, tendo como herança de Meillet a noção de língua como fato social dinâmico e como herança de Bakhtin a perspectiva de que a língua é um fenômeno social cuja natureza é ideológica (Coelho *et al.*, 2012).

O pensamento sociolinguístico demonstrou uma virada de chave nas investigações das línguas: ainda que haja diversidade nos parâmetros linguísticos, a ordenação existe e é sistemática, isto é, Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) buscam explicar como as alterações se dão na língua, sem que os sujeitos tenham reveses na comunicação. Para os autores:

[...] parece bastante inútil construir uma teoria de mudança que aceite como seu *input* descrições desnecessariamente idealizadas e inautênticas dos estados de língua. Muito antes de se poder esboçar teorias preditivas da mudança linguística, será necessário aprender a ver a língua – seja de um ponto de vista diacrônico ou sincrônico – como um objeto constituído de heterogeneidade ordenada (Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968], p. 35).

Labov (2008 [1972]) estabelece a necessidade de se compreender o funcionamento linguístico a partir de situações reais de uso, apresentando, para tanto, pressupostos teórico-metodológicos para trabalhos empíricos. A proposta teórico-metodológica de Labov surge como uma reação aos modelos saussureano e chomskiano.

Como crítica responsiva a determinados aspectos na descrição saussuriana, o sociolinguista expressa que, se todos os falantes têm conhecimento da *langue* (o que, em outras palavras, seria a “língua” utilizada pelos membros de uma comunidade para se comunicarem), seria possível estudar as características sociais da linguagem através de um único sujeito. Entretanto, o estudo da *parole* (nessa lógica, então, a “fala”) só poderia ser empreendido a partir da observação da interação linguística em contexto social. Assim sendo, o autor resume aquilo que qualificou como *paradoxo saussuriano*:

O aspecto social da língua é estudado pela observação de qualquer indivíduo, mas o aspecto individual somente pela observação da língua em seu contexto social. A ciência da fala nunca se desenvolveu, mas a abordagem da ciência da língua teve sucesso desde a metade do século XX (Labov, 2008 [1972], p. 218).

Em relação aos estudos desenvolvidos por Chomsky, a crítica se dá, sumariamente, ao abstracionismo da comunidade de fala quanto ao objeto linguístico e à noção de *falante-ouvinte ideal*. Já se sabe do traço heterogêneo e da existência de variações inerentes às comunidades de fala, o que pressupõe a **não existência** de um falante-ouvinte ideal.

O aspecto primordial na abordagem empreendida por Labov é a peça social na análise linguística. O autor rompe com a configuração que polariza a estrutura e a sincronia de um lado e a história e a diacronia de outro (como feito nos estudos estruturalistas); aproximando-as, apresenta a língua como um sistema heterogêneo – constituído por unidades e regras e variáveis

–, fomenta as explicações para as escolhas linguísticas com base em fatores extralinguísticos e evoca a importância dos procedimentos quantitativos para a investigação das regularidades do axioma linguístico.

Em 1962, é divulgada a dissertação de mestrado de Labov, produto da investigação realizada na comunidade de Martha's Vineyard, estado de Massachusetts, nos Estados Unidos, em que buscou verificar as diferenças das variedades fonéticas dos nativos ilhéus em relação às de grupos de falantes de outras áreas da região, insistindo categoricamente na correlação entre língua e sociedade e como as atitudes de **identificação** ou não à ilha poderiam se tornar um mecanismo plausível na explicação dos usos linguísticos. Labov sustentou seu trabalho a partir da gravação das falas dos indivíduos, de modo que eles exibissem o menor grau de monitoramento possível, para que se pudesse ter uma aproximação do vernáculo dos falantes.

Nos anos seguintes, em 1966, o sociolinguista publica sua tese de doutorado, intitulada *The Social Stratification of English in New York City*, escrita sob orientação de Weinreich, na qual procurou explorar e investigar a estratificação social dos falantes através das variações fonológicas do /r/ em lojas de departamentos da cidade nova iorquina, dentre outras variações.

Em relação ao termo “Sociolinguística”, Labov (2008 [1972]) uma vez disse emití-lo com certa resistência por entendê-lo como um tanto enganoso e redundante, já que não há como conceber uma linguística fora de seu contexto social. De acordo com Labov (*apud* Calvet, 2002, p. 32), entretanto, “se não fosse necessário destacar o contraste entre este trabalho [o de uma linguística geral: fonologia, morfologia, sintaxe...] e o estudo da linguagem fora de todo contexto social, eu diria de bom grado que se trata simplesmente de linguística”.

Tanto as obras de Labov, quanto o livro “Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança”, de Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), tornaram-se referência mundial para os estudos sociolinguísticos. Em decorrência dos estudos destes autores, consolida-se a Sociolinguística Variacionista, comumente denominada Teoria da Variação e Mudança (TVM) (ou, ainda, como Sociolinguística Laboviana ou Quantitativa), com a proposta de descrição das variações e mudanças linguísticas, tendo em vista a circunstância social de produção e examinando, sobretudo, os traços linguísticos e extralinguísticos com base em dados quantitativos.

Uma das declarações mais célebres dos autores é que “nem toda variabilidade e heterogeneidade na estrutura linguística implica mudança; mas toda mudança implica variabilidade e heterogeneidade.” (Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968], p. 126), isto é, podemos nos deparar com contextos em que duas ou mais variantes estão competindo pelo

mesmo espaço, mas que, ainda assim, não preveem o obsoletismo de uma em detrimento de outra; as variantes podem coexistir em situação de variação estável e prolongada, sem que haja, de fato, uma mudança linguística, conforme explicado por Tarallo (1997).

Hodiernamente, pesquisas filiadas à corrente variacionista da Sociolinguística têm investido no estudo de variáveis como indexadores de comportamentos e significados construídos socialmente. Essas pesquisas se relacionam ao que Eckert (2022 [2012]) concebe como “terceira onda da Sociolinguística”, reafirmada pela visão da variação como um sistema complexo de significados sociais (Coelho *et al.*, 2012).

### **2.1.1 A terceira onda da Sociolinguística**

Nos estudos sociolinguísticos, a importância do significado social das variantes tem sido abordada e apresentada de variadas formas. Na tentativa de elucidar essas abordagens, Eckert (2022 [2012]) busca caracterizar uma a uma aquilo que ela vem denominando como as “três ondas da Sociolinguística”. A linguista reitera o fato de que, apesar de existir uma cronologia dos estudos desenvolvidos, não se pode falar em sobreposição ou anulação de ondas: “each wave refines aspects of the previous one, but it has always been clear that the basic ideas of each wave have always been implicit in the earlier waves [...] the accumulation of evidence in each wave made more work possible in the next” (Eckert, 2018, p. xi-xii)<sup>6</sup>, fato que se verifica quando apontado o trabalho de mestrado de Labov, de 1962, sobre a centralização de ditongos na ilha de Martha’s Vineyard, para estudos de segunda onda, temporalmente anterior à tese de doutorado, de 1966, sobre os padrões de distribuição de variáveis fonológicas na cidade de Nova Iorque, tido como referência para os estudos de primeira onda.

Conforme citado, a primeira onda remonta às pesquisas labovianas e foi fundamental para os estudos variacionistas. Oliveira, Rockenbach e Gutierrez, traduzindo o artigo de Eckert (2022 [2012]), sustentam que, a partir da correlação do uso das variáveis às macrocategorias sociais, como sexo, faixa etária, etnia, escolaridade e classe socioeconômica, foi possível de ser observado um padrão regular de estratificação das formas linguísticas, atribuindo um valor social à variação. Os estudos dessa tendência demonstram a associação direta da variação à alternância do estilo – este último sendo atrelado a níveis de formalidade decorrentes de graus de atenção prestados à fala –, realçando, mais uma vez, a questão da proximidade ao vernáculo do falante. De acordo com Lacerda, Görski e Paza (2022), as análises partem dessas relações,

---

<sup>6</sup> “(...) cada onda refina aspectos da anterior, mas sempre ficou claro que as ideias básicas de cada onda sempre estiveram implícitas nas ondas anteriores (...) e o acúmulo de evidências em cada onda possibilitou mais trabalho na seguinte” (Eckert, 2018, p. xi-xii, tradução nossa).

concatenando-as aos valores de prestígio e estigma reproduzidos pela inferência da norma-padrão. A investigação de Labov (2006 [1966]) sobre o inglês vernacular afro-americano em Nova York é pioneira nessa corrente analítica.

A segunda onda voltou-se a estudos de metodologia etnográfica, com vistas a identificar a dinâmica local da variação e sua relação com aspectos identitários, a partir da análise de categorias macrossociológicas que emergem do cenário local, em redes sociais ou em comunidades de práticas (Lacerda; Görski; Paza, 2022). Essas dinâmicas locais se traduzem nas práticas com a linguagem, em que traços vernaculares são utilizados como formas de expressão de identidade e afiliação a determinado grupo social, salientando a noção de pertencimento à comunidade de fala. Tais estudos revelam nitidamente o interesse em condicionadores estilísticos – superando a noção de “estilo” da primeira onda, que compreendia o termo como nível de atenção dado à fala, o “automonitoramento”. Para essa corrente, vários estudos são considerados proeminentes, além do estudo de Labov (2008 [1972]) em Martha’s Vineyard<sup>7</sup>.

Estudos de primeira e de segunda onda, dessa forma, trouxeram importantes contribuições para a compreensão da variação linguística, mas baseavam-se em categorias estáticas e atribuíam a identidade dos sujeitos a elas. Já na terceira onda, segundo Santos (2020, p. 65),

(...) a mudança linguística não é o foco de discussão, mas a capacidade que os falantes têm de se posicionar no mundo social, comunicando informações sociais a respeito de sua identidade e sobre sua “tomada de posição”, isto é, a posição discursiva na qual o indivíduo se coloca no momento de uma interação social.

Sob tal ponto de vista, Freitag, Martins e Tavares (2012, p. 922) resumem que

Os estudos de primeira e segunda ondas, segundo Eckert (2012), têm como foco a descrição da estrutura – um retrato estático. Os estudos de terceira onda incorporam a dinamicidade da estrutura, ou seja, como a estrutura se molda no cotidiano, com os condicionamentos sociais impostos e as relações de poder estabelecidas atuando sobre ela.

Ou seja, para a terceira onda, a identidade dos falantes passa a ser um traço essencial da língua, em que as práticas os situam como agentes estilísticos, ressaltando a qualidade da autoidentificação e da diferenciação. Importa, nesta situação, explorar questões relacionadas ao estilo e à identidade, ao invés do padrão dialetal. Sobre isso, Freitag (2023, p. 9402) reitera um

---

<sup>7</sup> Cf. Milroy (1980), Cheshire (1982), Eckert (1989), entre outros estudos.

dos objetivos centrais da terceira onda, que é entender “como pessoas se identificam e se constroem naquela comunidade”. Logo, o cerne da investigação passa a ser o indivíduo e não a comunidade, uma vez que o comportamento desse sujeito pode se traduzir no estilo, porque estilos surgem de posturas repetidamente tomadas (Eckert, 2022 [2012]).

Enquanto na primeira e segunda ondas são estabelecidas conexões indexadas entre características linguísticas e categorias sociais, na terceira onda destaca-se a ligação indicial entre as características linguísticas e os **significados** sociais (Moore; Podesva, 2009).

Sobre a Sociolinguística e as novas dimensões de análise, Lacerda, Görski e Paza (2022, p. 18) explicam como a esfera ideológica circunda essas novas proposições:

(...) o campo passou a admitir também, agora encaminhando-se para a terceira onda, que a análise de usos da língua em contextos específicos evoca também discursos, tendo esse último termo a acepção de “perspectiva ideológica do falante frente às práticas de que participa”. Sendo, pois, contexto e discurso categorias analíticas inseparáveis, o campo, prescindindo de aspectos físicos (lugar espacial/geográfico, interação face a face etc.) evocados pelos *loci* anteriores, admitiu, então, também como *locus* de pesquisa, a própria “prática discursiva”, tomando-a como prática de estilização dos recursos linguísticos, para projeção de identidades (leia-se: *personas*, máscaras sociais ou atos de identidade).

A maneira como os sujeitos se posicionam, a postura que dispõem e a forma como engajam recursos estilísticos constroem a persona que desejam, refletindo, assim, sua identidade. Essa persona, (re)construída cotidianamente, é submetida aos moldes sociais: emerge dos papéis que ocupam na sociedade, das práticas que desempenham, dos ambientes que frequentam, etc., o que nos leva a depreender a organicidade entre o papel individual e o papel do coletivo, além da agentividade estilística desse sujeito, que deixa de ser apenas um portador passivo. Nessa mesma direção, Borba (2015) alude à construção da *persona*, nos estudos *queer*, que perpassa por diversas práticas discursivas durante o processo de formação identitária:

(...) não se é somente uma lésbica; mas sim uma lésbica, feminista, negra, de classe popular, secretária, com práticas sexuais sadistas... Dessa forma, ao analisarmos as práticas discursivas nas quais os indivíduos engajam-se podemos estudar a construção discursiva de um imenso leque identitário que, em suas performances corporais e linguísticas, escapam as dicotomias homem/mulher, hetero/homo (Borba, 2015, p. 101).

Para Carvalho (2020, p.12),

Essa redução dos corpos a padrões ocidentais tradicionais de gênero, no modelo bíblico de homem e mulher, marcados nas gramáticas das línguas

ocidentais e ocidentalizadas, como uma herança judaico-cristã na difusão do conhecimento ocidental, é fruto de uma padronização que reproduz uma submissão ao ideal patriarcal, que não o exerce somente aos corpos femininos, mas a tudo que não é reconhecido como o masculino do topo na hierarquia dos corpos.

Segundo Oushiro (2019), a terceira onda procura ter, então, um olhar mais atento aos próprios indivíduos e às suas práticas cotidianas, porque uma categoria imposta por um pesquisador, por exemplo, poderia não ser a forma mais precisa de como essa pessoa se identificaria. Para ela:

**Identidades de gênero são um bom exemplo disso, porque não é possível classificar todas as pessoas dentro de apenas duas caixinhas – homens e mulheres –**, que são categorias que se referem ao sexo biológico somente, e não necessariamente ao modo como as pessoas se identificam em seu dia a dia (Oushiro, 2019, p. 306, grifo nosso).

Como a autora indica, um indivíduo não é somente “homem ou mulher”, “gay ou hétero”, “de direita ou de esquerda”, essas categorias se cruzam e, dentro de determinada perspectiva da terceira onda, as pessoas não “são” essas categorias, porque as próprias identidades são construídas por meio da variação linguística. Isto é, os falantes não falam do modo como falam como reflexo das categorias a que “pertencem”, mas essas categorias identitárias são elaboradas, de forma mais ou menos consciente, pelos falantes durante suas interações sociais (Oushiro, 2019), confluindo, diretamente, com a postulação apresentada por Borba (2015).

À vista disso, Carvalho (2020) exprime que a atualização conceitual da categoria linguística de gênero deve acompanhar as diferentes relações que representa. Isso porque, como as sociedades tendem a caminhar em direção ao reconhecimento de identidades distintas, “(...) seja de gênero ou de qualquer outra classe social, em suas atitudes e práticas, sua língua também as acompanha nesse trajeto. É dever da linguística e da gramática perceber essa caminhada e acompanhá-la, e jamais criar barreiras para seu curso.” (Carvalho, 2020, p. 18).

### **2.1.2 Avaliações e percepções sociolinguísticas**

Para o desenvolvimento desta pesquisa, outra discussão, no campo da Sociolinguística, também nos interessa: a que diz respeito às avaliações e percepções sociolinguísticas. Tomamos como ponto crucial para a compreensão dos debates sobre a linguagem não binária o modo como os falantes expressam suas ideologias em relação a esse fenômeno, calcados no reconhecimento (ou não) das lutas e movimentos sociais.

Assim como todo e qualquer fator envolto na sociedade, a identidade e a língua estão sujeitas a juízos de valores, a questões de poder e hierarquização (Zambrano, 2022). Arguições a respeito de uma língua (variedade) ou variante ser mais ou menos bonita, melhor ou pior que outra, traduzem, na verdade, as percepções subjetivas dos falantes. E isso também se dá com o uso da linguagem não binária.

Na esteira dos estudos sociolinguísticos, estão em pauta as distinções, trazidas por Bortoni-Ricardo (2014), entre a macrossociolinguística e a microssociolinguística. À luz de Ralph Fasold (1984), a autora explica que as pesquisas sobre atitudes linguísticas ocorrem no campo das ideias **macrossociais**. Nesse campo, portanto, está a investigação dos sentimentos ambivalentes que os falantes promovem em relação a línguas (variedades), uma vez que “(...) os falantes podem ter sentimentos de orgulho, de lealdade, podem nutrir por elas sentimentos positivos, considerando-as bonitas e agradáveis de ouvir, ou sentimentos negativos, associando-as a *status* desprestigiados na sociedade” (Bortoni-Ricardo, 2014, p. 46).

O conceito de atitude foi discutido, inicialmente, no campo da Psicologia Social, que visava compreender a dimensão subjetiva dos fenômenos sociais (Stralen, 2005), isto é, o comportamento humano e suas intenções. Conforme situado por Sene (2019), Lambert, na década de 1960, reconhece a linguagem como um componente essencial em suas investigações, o que o tornou o precursor nos estudos de atitudes linguísticas. Para Lambert e Lambert (1966), atitude é assim definida:

(...) uma maneira organizada e coerente de pensar, sentir e reagir em relação a pessoas, grupos, questões sociais ou, mais genericamente, a qualquer acontecimento ocorrido com nosso meio circundante. Seus componentes essenciais são os pensamentos e as crenças, os sentimentos (ou emoções) e as tendências para reagir. Dizemos que uma atitude está formada quando esses componentes se encontram de tal modo inter-relacionados que os sentimentos e tendências reativas específicas ficam coerentemente associados com uma maneira particular de pensar em certas pessoas ou acontecimentos (Lambert; Lambert, 1966, p. 77-78).

Nos trabalhos de Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), o interesse pelos estudos de avaliação culminou em uma grande potência explicativa para as descrições de variação e mudança linguísticas. Os autores elencaram cinco problemas na TVM: o problema dos fatores condicionantes; o problema da transição; o problema do encaixamento; o problema da implementação; e o problema da avaliação. Sobre este último, os pesquisadores afirmam:

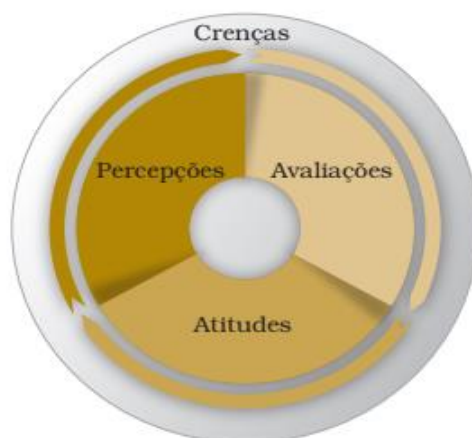
(...) o estudo do problema da avaliação na mudança linguística é um aspecto essencial da pesquisa que conduz a uma explicação da mudança. Não é difícil ver como traços de personalidade inconscientemente atribuídos a falantes de

um dado subsistema determinariam a significação social da alternância para esse subsistema e assim seu desenvolvimento ou obsolescência como um todo (Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968], p. 103).

Oushiro (2015) sistematiza uma diferenciação conceitual entre os termos “avaliação” e “percepção”, que se faz, fundamentalmente, através do comentário metalinguístico: enquanto a avaliação é empregada para fazer referência ao discurso metalinguístico dos falantes sobre variantes, constituindo um objeto de estudo, a percepção refere-se às inferências realizadas pelos falantes ao ouvir outro usuário da língua, “que podem ou não ser conscientes – e que, portanto, podem não ser objeto de comentário metalinguístico” (Oushiro, 2015, p. 32). Segundo Garcia (2018), nessa lógica, a avaliação produz um comentário passível de estudo, enquanto a percepção não necessariamente.

Amparado nas colocações de Edwards (1999), Sene (2019) afirma que a percepção acaba por ser “um filtro por meio do qual os dados sensoriais são, em um primeiro momento, analisados, e então registrados” (Sene, 2019, p. 307). O autor disserta sobre a variabilidade do termo nas pesquisas sociolinguísticas e reconhece a existência de pontos de intersecção, resultados do contato entre os domínios da avaliação, da atitude e, também, da percepção, conforme figura abaixo:

**Figura 1 - Círculo permanente de práticas sociolinguísticas**



Fonte: Sene (2019, p. 317)

Sob esse olhar, Sene (2019) ressalta que a ligação entre essas áreas pode ser compreendida como uma atividade circular, já que as pesquisas mais recentes vêm utilizando esses domínios como similares, “não só pelo uso da técnica de estímulos pareados, já que outras técnicas produtivas têm sido utilizadas, como também pela dificuldade de delinear, com exatidão, fronteiras que separem um domínio do outro” (Sene, 2019, p. 317). A crença, nessa

perspectiva, é o cerne para que os outros domínios coexistam, já que todos recebem influência direta ou indireta, além de ser a responsável por espelhar nossos posicionamentos, preconceitos e nossa identidade.

Os conceitos de percepção, avaliação e atitude linguísticas são fundamentais para que possamos debater sobre as reverberações acerca da linguagem não binária, se pensarmos na construção de julgamentos subjetivos dos falantes em relação a sua própria língua e/ou em relação à língua de seu interlocutor e como esses julgamentos possuem impactos identitários e afetam, também, a forma de se pensar sobre a língua (Barbosa; Ghessi, 2019). Para Milroy (2011, p. 49 *apud* Ghessi, 2020, p. 15), “(...) esses julgamentos estão ancorados na ideologia linguística de uma língua padrão, uma vez que os falantes acreditam que a língua existe em formas padronizadas e esse tipo de crença afeta o modo como pensam sua própria língua”.

Tradicionalmente, as pesquisas sociolinguísticas partem de dados de produção e descrição do funcionamento da língua para descreverem a realidade (sócio)linguística, e a análise das percepções subjetivas das variantes, usualmente, é realizada a partir da estratificação social de determinada amostra. Recentemente, entretanto, pesquisas sobre percepção, crenças, atitudes e avaliações têm ganhado força no campo das ideias linguísticas. Sobre isso, Oushiro (2015) destaca:

Ainda que, da perspectiva dos estudos variacionistas, o número de trabalhos sobre percepções seja bastante reduzido em relação àqueles sobre produção, existe um campo já bastante bem constituído e prolífico a respeito de “atitudes linguísticas”, interdisciplinar com a Psicologia Social, no qual se podem incluir os trabalhos sobre percepções (Oushiro, 2015, p. 266).

Sene (2019) discorre sobre a importância dos estudos sobre avaliação e percepção linguísticas nos trabalhos da Sociolinguística no Brasil e ressalta, mais uma vez, a complexidade da dinâmica da variação linguística, que deve ser compreendida para além da fala dos usuários ligada ao espaço social: deve-se também incluir a percepção, a avaliação subjetiva dos fenômenos variáveis e a atitude linguística manifestada por esses falantes de diferentes comunidades de fala. O linguista ainda recorda que a maneira como os indivíduos se expressam não se trata apenas de uma inter-relação entre os fatores linguístico e social, mas da demarcação do posicionamento desses falantes no mundo social (Campbell-Kibler, 2009; Eckert, 2012 *apud* Sene, 2019). Tais considerações nos revelam que as avaliações podem estar relacionadas a questões linguísticas, sociais e até mesmo ideológicas.

Os trabalhos sobre avaliações e percepções demonstram a sistematicidade das associações realizadas pelos ouvintes em relação a certos usos e significados sociais (Oushiro,

2021) e, assim como a língua, essas percepções são igualmente variáveis e exibem heterogeneidade ordenada (Oushiro, 2015). Desse modo, evidenciam o fato de que os usuários da língua não reagem, necessariamente, da mesma maneira a um mesmo estímulo linguístico, mas, ainda assim, suas reações diante de determinada ocorrência se consolidam de maneira ordenada e previsível.

Garcia (2018, p. 34) esclarece alguns entraves a respeito dos termos e conceitos utilizados nesses trabalhos:

(...) os conceitos de avaliação, crenças, percepção e atitudes linguísticas não são conceitos fechados – ainda não há consenso entre autores e alguns acabam por amalgamar uns e não outros, enquanto há autores que diferenciam cada um destes termos. Não há conceitos completos, o que há são discussões quanto ao tratamento destes.

Isto posto, neste trabalho, compreendemos que percepções (reações subjetivas), avaliações e atitudes são, o tempo todo, influenciadas pelas crenças dos falantes, conforme sintetizado por Sene (2019), na figura 1. Sob tal ponto de vista, percepções e avaliações podem não coincidir: as pessoas podem ter uma percepção sobre um uso, mas, ainda assim, exteriorizar um discurso diferente.

## 2.2 Linguística *Queer*

Aproximando-se das perspectivas pós-estruturalistas, a teoria *queer* emerge em meados da década de 1980, nos Estados Unidos, a partir de uma série de estudos intitulados *gays*, *lésbicos* e *feministas*, tendo alcançado grande notoriedade com a publicação do livro *Gender trouble: feminism and the subversion of identity*, de Judith Butler. A gênese dos estudos *queer* é, justamente, questionar “estruturas sociais, sistemas de significação e relações de poder extremamente naturalizados” (Borba, 2020a, p. 14).

Desde seu surgimento, o termo “*queer*” se configurou como parte de um processo de desconstrução e ressignificação política. Segundo Louro (2001, p. 546),

*Queer* pode ser traduzido por estranho, talvez ridículo, excêntrico, raro, extraordinário. Mas a expressão também se constitui na forma pejorativa com que são designados homens e mulheres homossexuais. Um insulto que tem, para usar o argumento de Judith Butler (1999), a força de uma invocação sempre repetida, um insulto que ecoa e reitera os gritos de muitos grupos homófobos, ao longo do tempo, e que, por isso, adquire força, conferindo um lugar discriminado e abjeto àqueles a quem é dirigido.

A autora também argumenta que

[...] *queer* significa colocar-se contra a normalização – venha ela de onde vier. Seu alvo mais imediato de oposição é, certamente, a heteronormatividade

compulsória da sociedade; mas não escaparia de sua crítica a normalização e a estabilidade propostas pela política de identidade do movimento homossexual dominante. *Queer* representa claramente a diferença que não quer ser assimilada ou tolerada, e, portanto, sua forma de ação é muito mais transgressiva e perturbadora (Louro, 2004, p. 38-39).

Aos poucos, o termo fora (re)apropriado pelos grupos minorizados, sob a afirmativa “*We’re queer, we’re here, get fucking used to it!*”<sup>8</sup>, passando a referir-se não somente a gays, lésbicas e transgêneros, mas também à área de estudo sobre esses grupos (Borba, 2015).

De acordo com Livia e Hall (2010, p. 113), a Linguística *Queer* (LQ) aborda “a linguagem com base nas perspectivas combinadas de gênero e sexualidade” e destaca que, embora sejam consideradas categorias separadas, estão intrinsecamente ligadas. Já para Barret (2002, p. 26 *apud* Borba, 2020a, p. 17), a Linguística *Queer* nada mais é do que o “estudo da língua ampliado a partir de ideias da teoria *queer*”. No Brasil, a teoria *queer* já se caracteriza como uma área de investigação, sendo a Linguística *Queer* considerada um campo interdisciplinar nos estudos da linguagem.

Em um primeiro momento, estudava-se “como pessoas que, por suas vivências sexuais e corporais, relegadas à zona de ininteligibilidade social, faziam uso estratégico de códigos linguísticos dissonantes na negociação de suas identidades e de sua existência cultural” (Borba, 2015, p. 93), isto é, tais investigações buscavam explicar como essas pessoas, que faziam uso de diferentes códigos linguísticos que não estariam autorizadas a fazer, construíam, também, seu lugar social. Com o passar do tempo, a área de estudos se voltou à investigação dos discursos e como estes deixam traços na língua e podem ser sustentados ou subvertidos na performance linguística.

Tomaz Tadeu da Silva explica que,

Tal como o feminismo, a teoria *queer* efetua uma verdadeira reviravolta epistemológica. A teoria *queer* quer nos fazer pensar *queer* (homossexual, mas também “diferente”) e não *straight* (heterossexual, mas também “quadrado”): ela nos obriga a considerar o impensável, o que é proibido pensar, em vez de simplesmente considerar o pensável, o que é permitido pensar. (...) O *queer* se torna, assim, uma atitude epistemológica que não se restringe à identidade e ao conhecimento sexuais, mas que se estende para o conhecimento e a identidade de modo geral. Pensar *queer* significa questionar, problematizar, contestar, todas as formas bem comportadas de conhecimento e de identidade. A epistemologia *queer* é, neste sentido, perversa, subversiva, impertinente, irreverente, profana, desrespeitosa (Silva, 1999, p. 107)

Nesse sentido, a teoria *queer* deságua nos estudos linguísticos com o propósito de

---

<sup>8</sup> “Somos *queers*, estamos aqui, acostume-se com isso!”, tradução nossa.

desessencializar estruturas hegemônicas. Em suas várias manifestações críticas, estão, sobretudo, os processos de legislação e/ou legitimação da identidade:

(...) ao questionar a cis-heteronormatividade e os processos que a sustentam (como, por exemplo, o essencialismo, a matriz de inteligibilidade e binarismos estabilizadores do tipo homem/mulher, dentro/fora, natureza/cultura, competência/desempenho), a perspectiva *queer* nos faz desconfiar de relações naturalizadas entre desejos e práticas sexuais (e.g., um homem que deseja/faz sexo com outro), de um lado, e identidade (e.g., homossexual), de outro. Argumenta-se, com isso, que desejos e práticas sexuais são forças dinâmicas e as identidades supostamente ligadas a elas são, na verdade, sentidos sedimentados no tempo e no discurso. **Por ter adquirido uma aparência de coisa perene e inabalável, isso que chamamos de identidade (homem, mulher, homo, hetero, trans, cis etc.) funciona como ponto de orientação que nos guia socialmente e, por conta disso, “tende a ser instrumento de regimes regulatórios” (Butler, 1991, p.13), i.e., homem é isso; mulher é aquilo; homem fala assim; mulher fala assado etc. Ao abalar o chão (cis-heteronormativo) pretensamente sólido onde pisamos, o *queer* pretende nos tirar do eixo, pois mostra que as identidades não são portos tão seguros como pensávamos** (Borba, 2020a, p. 14-15, grifo nosso).

Esses apontamentos reiteram o caráter limitador imposto por categorias binárias, tidas como “a referência mestra para a construção do eu, do conhecimento sexual e das instituições sociais”, conforme argumentado por Seidman (1995, p. 126, *apud* Louro, 2001, p. 549), ineficientes para a descrição de identidades não normativas, mas suficientes para sua marginalização. Para Borba (2015), o gênero é tomado, então, como efeito de uma sofisticada maquinaria discursiva, sustentado por grandes instituições como a medicina, o direito, a família, a língua e etc., que acaba suplantando possibilidades de estruturação de práticas generificadas e sexuais ao elaborar corpos estanques (macho/fêmea).

Ao questionar as estruturas sociais, as relações de poder intrinsecamente relacionadas aos gêneros e naturalizadas a partir deles, os estudos *queer* buscam retorcer as dinâmicas de hierarquização, bem como contestar a fachada de “normalidade” por meio de processos culturais, políticos, legais, metodológicos e epistemológicos (Borba, 2020a). É nesse sentido, segundo o autor, que as provocações *queer* se alastraram por diversas áreas do fazer científico, atingindo a Sociologia, a Fenomenologia, a Psicologia e outras áreas de estudo.

Extraindo a noção de gênero de uma perspectiva que busca relacionar língua-gênero-sexualidade, desvinculando estes dois últimos da Biologia e, a partir de um posicionamento político, tentando desontologizar a própria língua, Butler assevera que gênero é performativo “porque configura a sua existência por meio de seu próprio pronunciamento feliz. Este pronunciamento é feliz, como podemos retomar a partir do pequeno livro de Austin, se ele for

feito dentro das circunstâncias sociais esperadas.” (Livia; Hall, 2010, p. 121). Ou seja, o gênero é construído socialmente, uma vez que se exige que determinada pessoa aja de acordo com as normas regulatórias estabelecidas para seu suposto gênero.

Em face do exposto, Borba (2020) revela, no entanto, a fragilidade das normas de gênero:

Pessoas que se identificam como travestis passam por longos e dolorosos processos de modificação corporal (hormônios, silicone etc.), **produzindo um corpo que mistura formas femininas e uma biologia masculina. Já aí mostram fissuras nas normas de gênero social.** (Borba, 2020a, p. 28, grifo nosso)

O linguista exemplifica que, enquanto a **performance** refere-se às ações de um indivíduo, como falar, escrever, andar, beijar, transar, casar, etc., a **performatividade** trata-se do sistema de regulações que impõem limites a essas ações. Segundo ele,

(...) não se fala/escreve A, B ou C porque se é X, Y ou Z. Pelo contrário, X, Y ou Z são *feitos* de sentido produzidos ao falarmos/escrevermos A, B ou C. Ao inverter os termos dessa equação, a LQ, a partir da teoria da performatividade, não entende a língua como um instrumento para externalizar um eu que lhe é anterior e lhe serve de origem — uma perspectiva que desorienta tanto o senso comum quanto teorias linguísticas altamente complexas baseadas no modelo cartesiano da identidade. A língua é vista como um fenômeno sócio-histórico-cultural exterior ao indivíduo que, por repetição, acaba ganhando uma fachada de coisa natural. (Borba, 2020a, p. 21)

No ensejo de elucidar melhor esse ponto, o autor resgata as palavras de Butler (2019 [1993], p. 21): “a performatividade deve ser entendida não como um “ato” singular ou deliberado, mas como uma prática reiterativa e citacional por meio da qual o discurso produz os efeitos daquilo que nomeia”. Isto é, a performatividade é reiterativa devido à repetição de convenções que levam significados aos atos de fala, e citacional justamente porque cita discursos que a tornam culturalmente reconhecível. Segundo Vale (2017), Butler afirma que a manutenção da dicotomia de gênero (masculino/feminino) é constantemente feita a partir de hábitos, gestos e signos que são repetidos culturalmente e, assim, reiteram como devem ser e agir os corpos masculinos e femininos na sociedade. O gênero é, dessa forma, uma performance repleta de signos embutidos, e o conjunto de fatores que determina a sexualidade de uma pessoa pressuposta por outros fatores de ordem biológica é o que Butler chama de **performatividade**. A exemplo disso, então, “o indivíduo não-heterossexual desafia diretamente a performatividade de gênero imposta pela sociedade” (Vale, 2017, p. 19).

Dado que os atos de fala (se) movimentam e podem fortalecer contextos de inclusão,

exclusão, valoração, opressão e etc., tais características da performatividade são pilares essenciais e de interesse à Linguística *Queer*. De acordo com Borba (2020a, p. 30-31, grifo nosso):

A construção da identidade, assim, envolve a produção de links indexicais indiretos que vinculam determinada estrutura linguística a certo sentido social contextualmente. Ou seja, **a produção disso que chamamos de identidade não está restrita ao uso explícito de categorias identitárias, mas ocorre por meio de diversos recursos linguísticos (sons, morfemas, estruturas sintáticas etc).**

(...)

O uso fluido do gênero gramatical por travestis é um bom exemplo de como a indexicalidade funciona. Ao exigir que outras pessoas se refiram a elas com o feminino, elas não só reforçam sua identificação com a feminilidade, **mas revestem o gênero gramatical com camadas de sentido que o vinculam a respeito por sua identidade de gênero e/ou filiação política à sua causa.**

A Linguística *Queer*, sob um ponto de vista linguístico, nos serve críticas, questionamentos e indagações quanto aos regimes da normalidade (Miskolci, 2009), rebatendo a naturalização da heteronormatividade, dos binarismos orientadores da vida social (Borba, 2020a), e a manutenção das relações de poder (Sampaio, 2011). Ainda que de maneira singular, as provocações *queer* tendem a caminhar pelo campo sociolinguístico:

“Seria a teoria *queer* importante para a sociolinguística?”. Para responder essa indagação, Barrett revisita alguns pressupostos teóricos *queer* como, por exemplo, a desconfiança em categorias identitárias e a performatividade para problematizar o fato de que na teoria sociolinguística a relação entre língua e identidade é, por vezes, tomada como direta e estanque (homens falam assim; mulheres falam assado; heteros falam dessa maneira; gays falam daquela) — um efeito da cis-heteronormatividade que produz o uso de língua como expressão de uma ligação “natural” e linear entre sexo, gênero e desejo. A partir de uma perspectiva *queer*, o linguista argumenta que categorias identitárias não podem ser consideradas fenômenos inerentes aos indivíduos, mas sim efeitos que emergem das dinâmicas performativas da indexicalidade e do caráter indexical da performatividade.

(...)

O autor conclui afirmando que a teoria *queer* é sim importante para a teoria sociolinguística, pois essa aproximação possibilita modos de produção de conhecimento que estejam mais atentos ao papel da língua na reprodução e na contestação de ideologias assim como na configuração de relações intersubjetivas (Borba, 2020a, p. 33-34).

É a partir dessas considerações (e por conta delas) que entendemos ser imprescindível relacionar e aproximar nossa linha de pesquisa, situada no campo da Sociolinguística, com as reflexões tecidas por teóricos *queers*.



No que correspondeu às buscas feitas no Google, para a coleta de dados, Zambrano (2022) se pautou, inicialmente, no recorte temporal de 2011 a 2020, com a utilização posterior de determinados filtros. Retomamos, abaixo, os dados encontrados pela autora.

**Quadro 2 - Quantitativo de cada um dos termos pesquisado no Google**

<b>Palavra-chave</b>	<b>Linguagem inclusiva</b>	<b>Linguagem não(-)sexista</b>	<b>Linguagem neutra</b>	<b>Gênero neutro</b>	<b>Linguagem não(-)binária</b>
<b>Resultado bruto</b>	32.100	7.140	131.000	119.000	5.510
<b>Total</b>	294.750				

Fonte: Zambrano (2022, p. 50)

Como este estudo está, desde o princípio, orientado terminologicamente à “linguagem não binária”, mas o quantitativo expresso no Quadro 2 indicou certa preferência ao termo “linguagem neutra”, nos pareceu importante compor os dados com uma busca mais atual pelos dois termos através da ferramenta *Google Trends*<sup>10</sup>.

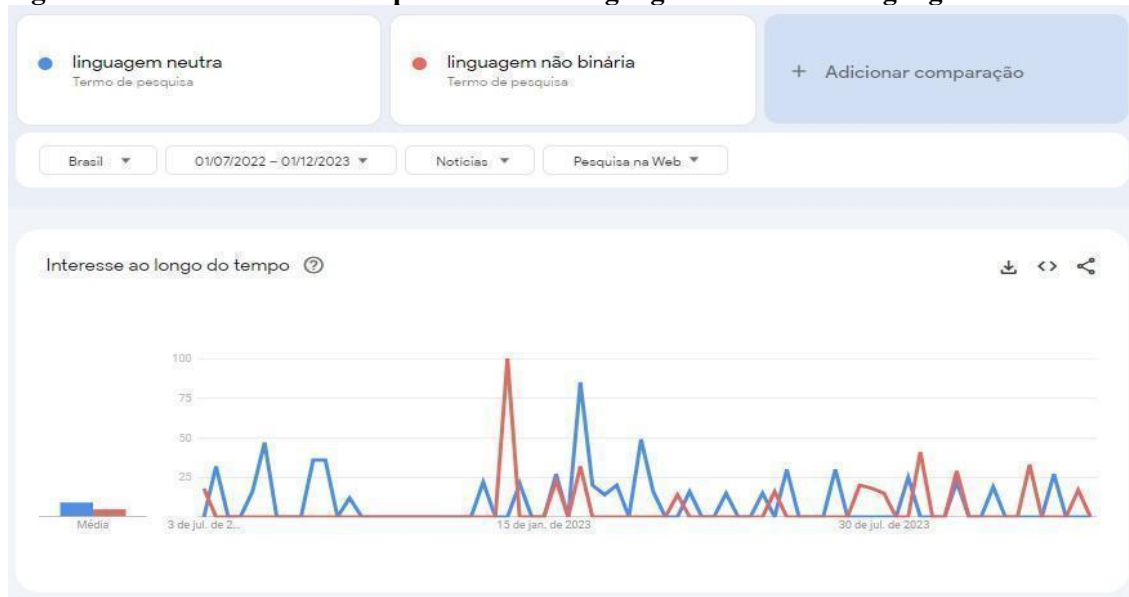
Conforme notificado pela própria ferramenta de busca, os números apresentados representam apenas o grau de popularidade de um termo: “(...) um valor de 100 representa o pico de popularidade de um termo. Um valor de 50 significa que o termo teve metade da popularidade. Uma pontuação de 0 significa que não havia dados suficientes sobre o termo”. Segundo Gomes (2022, p. 71), “quando realizamos a busca por um termo no Google Trends, podemos ter uma noção da popularidade daquele termo quase que em tempo real, isso porque as pessoas estão constantemente utilizando o buscador”.

Alguns recortes, ainda, podem ser realizados na ferramenta, como: 1) região: mundo, país e estado; 2) temporalidade; 3) categorias: Animais de estimação e Animais, Artes e entretenimento, Automóveis e veículos, Casa e jardim, Ciência, Comercial e Indústria, Comida e bebida, Compras, Computadores e aparelhos eletrônicos, Comunidades online, Condicionamento físico e beleza, Empregos e educação, Esportes, Finanças, Hobbies e lazer, Imóveis, Internet e telecomunicações, Jogos, Lei e governo, Livros e literatura, Notícias, Pessoas e sociedade, Referência, Saúde e Viagens, além das suas respectivas subcategorias; e 4) pesquisas na *web*: pesquisa de imagens, pesquisa de notícias, *Google Shopping* e pesquisa do *YouTube*.

<sup>10</sup> Disponível em: <https://trends.google.com.br/trends>.

A ferramenta permite que seja buscado mais de um termo ao mesmo tempo, gerando, dessa forma, gráficos comparativos de tais buscas. Decidimos filtrar a busca por 1) Brasil – por ser o país de interesse desta pesquisa; 2) 01 de julho de 2022 a 01 de dezembro de 2023 – devido ao período determinado para este estudo; 3) Notícias – para analisarmos manchetes da instância jornalística e, por fim, 4) pesquisa na *web* – intencionalmente, sem aplicar uma subcategoria, já que nos interessavam as buscas realizadas pelos usuários na plataforma *Google* de um modo geral. Vejamos a figura a seguir:

**Figura 2 - Gráfico de interesse pelos termos “linguagem neutra” e “linguagem não binária”**



Fonte: *Google Trends*

Como podemos observar, as buscas realizadas pelo termo “linguagem neutra” se sobressaíram nas pesquisas e, ainda que tenhamos procurado notícias na plataforma por meio do termo “linguagem não binária”, os dados direcionavam a fontes jornalísticas cujas manchetes evidenciavam o termo mais procurado. Devido a esses apontamentos, as manchetes e notícias analisadas neste estudo seguirão essa logicidade.

Assim como apontado em Zambrano (2022), reforçamos que a própria escolha terminológica para se referenciar ao fenômeno linguístico em questão está atrelada a posturas ideológicas que atravessam os discursos científicos sobre esse assunto. Em resumo, atribuímos ao maior aparecimento do termo “linguagem neutra” a recente proliferação de textos produzidos por jornalistas e políticos que rejeitam o uso de formas não binárias, posicionando-se de forma sarcástica, alinhados a posições político-partidárias conservadoras.

Por questões científicas (já que nos baseamos em outras produções acadêmicas que discorrem sobre este assunto) e ideológicas, empregamos o termo “linguagem não binária”

neste estudo. Por um lado, interessa-nos os usos que representam pessoas transgêneras/não binárias – a marcação de “@”, “x” ou “e”<sup>11</sup> –; e, por outro, a representatividade dessas identidades na língua.

### 2.3.2 Questões sobre identidade e língua(gem)

Observamos até aqui que linguagem e sociedade estão ligadas entre si de modo inquestionável e que essa relação é, de fato, a base da constituição da humanidade (Alkmim, 2001). Para Guimarães e Moita Lopes (2022), as escolhas linguísticas dos falantes ajudam a definir os posicionamentos assumidos e a formar tipos de pessoas identificáveis, que apresentam certas características específicas: generificadas, sexualizadas, racializadas, de nacionalidade, de classe social, etc. Isto posto, entendemos ser fundamental delinear sobre a problemática identitária, para, em seguida, tratar da linguagem não binária em comunhão com a proposta.

#### 2.3.2.1 A(s) identidade(s)

A questão da identidade é um tema que permeia diferentes discussões na contemporaneidade. Segundo Oushiro (2019), “identidade” vem sendo um assunto de grande interesse à Sociolinguística, e não somente “os modos como os falantes se identificam, mas também como eles identificam outros falantes e de que modo eles o fazem” (Oushiro, 2019, p. 315). As discussões de Zambrano (2022) asseveram a dificuldade em definir o termo **identidade** por se tratar de um tema cuja complexidade transita por diversas áreas de conhecimento, podendo divergir sobre sua significação. Nosso estudo se alinha a teorias que conjecturam a relação indissociável entre língua, sociedade e identidade(s), apresentando, portanto, conceitos procedentes tanto de campos de estudos das ciências humanas quanto sociais.

Embora o estatuto de terceira onda e as discussões que envolvem as interseccionalidades sejam atribuídos à recência das investigações, a gênese das discussões identitárias aludem ao estudo de Labov em Martha’s Vineyard (Mendes, 2017). No contexto da investigação do sociolinguista, como já demonstrado anteriormente, nativos ilhéus buscavam diferenciar-se dos veranistas por meio do uso linguístico, ao utilizarem uma variante fonético-fonológica mais centralizada, enquanto os visitantes apresentavam uma variante de uso mais ditongada (como,

---

<sup>11</sup> Compreendemos a existência de discussões por outros vieses, como é o caso dos sistemas *elw/ile/il/el* para pronomes, entretanto, neste estudo, optamos por trabalhar com as variantes “@”, “x” e “e” em palavras e sentenças, em continuidade às discussões e propostas trazidas em trabalhos anteriores (Zambrano 2021, 2022).

por exemplo, em casos de ‘house’ /aw/ e ‘right’ /ay/). Estes mesmos nativos, que buscavam se diferenciar do grupo de visitantes veranistas, demonstravam um sentimento de maior apego e identificação à ilha, assim como preservavam hábitos e costumes locais.

Para Candau (2002, p. 31) a identidade é “um conceito polissêmico, podendo representar o que uma pessoa tem de mais característico ou exclusivo, ao mesmo tempo em que indica que pertencemos ao mesmo grupo”. Daí surgem duas dimensões sob este prisma: a primeira no que se refere à construção da subjetividade individual e a segunda no que compete ao processo social de identificação, desejo e pertencimento; ambas estão intimamente relacionadas e se desenvolvem através do encadeamento com o **outro**.

Quanto à concepção de “identidade”, Hall (2013, p. 103) critica a ideia de uma formação que seja “integral, originária e unificada”, e propõe a desconstrução contínua do que se compreende sobre o termo, eximindo qualquer argumentação que engendre um caráter estático sobre esse construto:

O conceito de identidade aqui desenvolvido não é, portanto, um conceito essencialista (...). Esta concepção de identidade *não* assinala aquele núcleo estável do eu que passa, do início ao fim, sem qualquer mudança, por todas as vicissitudes da história (Hall, 2013, p. 108).

Ao situar, ainda, essa discussão no campo da subjetividade, Hall (2013) toma como preferível utilizar o termo “identificação”, e explica:

Na linguagem do senso comum, a identificação é construída a partir do reconhecimento de alguma origem comum, ou de características que são partilhadas com outros grupos ou pessoas, ou ainda a partir de um mesmo ideal. É em cima dessa fundação que ocorre o natural fechamento que forma a base da solidariedade e da fidelidade do grupo em questão (Hall, 2013, p. 106).

Para Bucholtz e Hall (2004, *apud* Gonzalez; Moita Lopes, 2022), não há como renunciar a noção de “identidade”, já que a geramos continuamente em nossas práticas sociais, tanto ao nos posicionarmos diante de alguém ou algum acontecimento, quanto ao atribuímos uma identidade às pessoas com quem interagimos. As identidades, assim, são vistas como moventes, como incessantemente (re)configuradas, (re)negociadas e (res)significadas. Nesse sentido, compreendemos que o processo de criação e afirmação da identidade é performativo (Butler, 2003) e nunca completado; perpassa pela ideia da continuidade, da transformação e está associado a maneiras de falar, de se vestir, de se comportar.

Silva (2014) sugere uma ideia de identidade que é percebida e que só faz sentido a partir das afirmações sobre a diferença com o outro:

As afirmações sobre diferença também dependem de uma cadeia, em geral oculta, de declarações negativas sobre (outras) identidades. Assim como a identidade depende da diferença, a diferença depende da identidade. Identidade e diferença, são, pois, inseparáveis (Silva, 2014, p. 75).

Por consequência,

A afirmação da identidade e a marcação da diferença implicam, sempre, as operações de incluir e de excluir. (...), dizer “o que somos” significa também dizer “o que não somos”. A identidade e a diferença se traduzem, assim, em declarações sobre quem pertence e sobre quem não pertence, sobre quem está incluído e quem está excluído (Silva, 2014, p. 82).

Seguindo a lógica do autor, Zambrano (2022, p. 25) exemplifica: “dizer “sou brasileiro” implica dizer que “não sou argentino”, “não sou alemão”, e assim sucessivamente. Analogamente, dizer “sou mulher” implicaria dizer “não sou homem”, assim como “sou não-binárix” implicaria dizer “não sou só homem ou só mulher””. Ou seja, a construção da identidade é também marcada por processos de inclusão e exclusão, por dissimetrias de poder, envolvendo questões muito mais amplas, como a luta de grupos sociais assimetricamente situados na hierarquia social.

Considerando o deslocamento de inclusão e exclusão, é possível dizer que algumas identidades são estabelecidas como norma, como parâmetro às demais. Normalizando estas identidades, os atributos relacionados a elas supõem sempre características positivas; são avaliadas hierarquicamente de maneira superior e convencionadas como “corretas”. Ao fixá-las dessa maneira, inevitavelmente, fadamos àquelas dissonantes o *status* de marginalidade, de inferioridade, sendo possível de serem avaliadas apenas negativamente. Sobre isso, Woodward (2014) comenta como a diferença pode ser admitida:

A diferença pode ser construída negativamente – por meio da exclusão ou da marginalização daquelas pessoas que são definidas como "outros" ou forasteiros. Por outro lado, ela pode ser celebrada como fonte de diversidade, heterogeneidade e hibridismo, sendo vista como enriquecedora: é o caso dos movimentos sociais que buscam resgatar as identidades sexuais dos constrangimentos da norma e celebrar a diferença (Woodward, 2014, p. 50-51).

Essa reflexão atesta a dicotomia das avaliações feitas sobre a identidade dos sujeitos, que pode ter sua natureza compreendida e respeitada ou, como testemunhamos ao longo da História sobre as identidades sexuais, por exemplo, subjazer a discursos de invalidez, sendo considerada, sobretudo, como uma anomalia (Foucault, 2001). Esses discursos, por sua vez, produzidos em determinadas circunstâncias sócio-históricas e de acordo com os interesses em curso, são disseminados por grandes instituições “como a igreja, o direito e a medicina, que

definem o que é aceitável ou inaceitável” (Foucault, 1976/1998 *apud* Gonzalez; Moita Lopes, 2022, p. 163). Alves (2017) resgata as ideias de Ciampa (2002), ao discorrer que a política da identidade, revelada por meio “das ações e ideologias dos grupos e coletividades, como o movimento feminista, o movimento negro, o movimento gay e muitos outros, bem como o machismo, o paternalismo, as religiões, as torcidas organizadas, etc.” (Alves., 2017, p. 3), tem relação direta com a formação dessas identidades, atinentes às hegemônicas ou às marginalizadas pelas sociedades.

Sob essa visão, Vale (2017) menciona que,

No que tange à população LGBTQ+, Troiden (1988) já discorreu sobre os estágios de desenvolvimento da identidade homossexual, que consistem em: sensibilização, confusão identitária, assunção e comprometimento. Durante o estágio de confusão identitária, **o indivíduo busca o contato com outros que o ajudem a compreender o que se passa, procurando histórias que se assemelhem à sua** e tragam um senso de normalidade à situação vivenciada. Ainda segundo Troiden, **esse estágio pode ser ainda mais complicado pela falta de modelos identitários que possam ser seguidos ou representações bizarras da identidade em questão**, fazendo com que o jovem tenha sentimentos relacionados à culpa, isolamento social e necessidade de esconder o que se passa em sua cabeça (Vale, 2017, p. 33, grifo nosso).

Embora seja ressaltada, especificamente, a identidade homossexual, numa compreensão mais ampla e possível, cabem tais análises aos aspectos e processos identitários em geral; a noção de “pertencimento” é fundamental para compreendermos a construção da identidade. O autor destaca, ainda, a importância do papel da representatividade, da procura do contato com outros, “buscando identificação e senso de pertencimento a um grupo” (Vale, 2017, p. 45).

A sensação de pertencimento e a criação de uma identidade enquanto grupo perpassam, de certa forma, por questões sobre identidade cultural descritas por Hall (1996). Vale (2017, p. 20) recobra que essas identidades, segundo as acepções de Hall, podem ser “definidas como as particularidades que um indivíduo ou grupo atribui a si pelas características semelhantes que compartilham” e, também, podem estar relacionadas às experiências e aos códigos em comum desses sujeitos.

O que se sabe sobre as sexualidades e as identidades de gênero são efeitos do que Foucault chamou de “dispositivo de sexualidade”. Para Foucault (1995, p. 244) esse dispositivo demarca “um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas”. Mais uma vez, reforçamos o fato de que gênero é um construto social (Butler, 2003) e não uma determinação

biológica; que os fatores que constroem essa identidade podem ser explicados, historicizados e (trans)formados, mas, no que tange ao senso comum cerceado por ideologias conservadoras/reacionárias, não impede que a discriminação aconteça:

O humano se concebe de forma diferente dependendo de sua raça e da visibilidade de dita raça; de sua morfologia, na medida em que se reconhece dita morfologia; de seu sexo e da verificação perceptiva de dito sexo; de sua etnicidade e da categorização de dita etnicidade. Certos humanos são reconhecidos como menos que humanos e esta forma de reconhecimento com emendas não condiz a uma vida viável (Butler, 2004:2 *apud* Gonzalez; Moita Lopes, 2022, p. 163).

Em outras palavras, pessoas transgêneras, por exemplo, por não se encaixarem no binarismo de gênero, são vistas como “corpos que não importam”, detentoras de vidas inviáveis. Ao fugirem do escopo dos atributos necessários para serem considerados “humanos”, para serem validados socialmente, esses sujeitos são colocados à margem; as relações de poder estabelecidas nos espaços de sociabilidade determinam e legitimam discursos e atos de violência direcionados a eles. À vista disso, urge que compreendamos a força que certas escolhas linguísticas têm para ratificar ou repreender tais atitudes. Para Bagno (2011), a língua é política e uma grande ferramenta para que grupos específicos defendam e reivindiquem seus direitos.

Situado num enunciado de confluência com as proposições de Butler sobre performatividade, Pennycook (2006) discorre sobre como as identidades são formadas na performance linguística ao invés de serem pré-dadas:

Tal visão da identidade linguística nos ajuda a ver como as subjetividades passam a existir e são sedimentadas com o passar do tempo por meio de atos linguísticos regulados. Isso também fornece a base para considerar as línguas [práticas linguísticas] de uma perspectiva antifundacionista, por meio da qual o uso da linguagem é um ato de identidade que possibilita a existência daquela língua (Pennycook, 2006, p. 82).

Portanto, como seres heterogêneos em sua natureza, as possibilidades **da** e **na** língua preconizam produções também dissonantes; a linguagem enquanto terreno propício para a construção das subjetividades é também onde Aburre (2006, p. 16) diz que “(...) se definem identidades”. Resgatando as proposições de Hall (2013), vemos que a questão sobre o essencialismo da/na identidade reverbera também na esfera linguística, “quando nos defrontamos com discursos em defesa da normatividade e do purismo linguísticos, que ignoram qualquer forma de variação e/ou de mudança – fenômenos que são próprios de quaisquer línguas vivas” (Zambrano, 2022, p. 27). Portanto, se a língua pode ser socialmente modificada

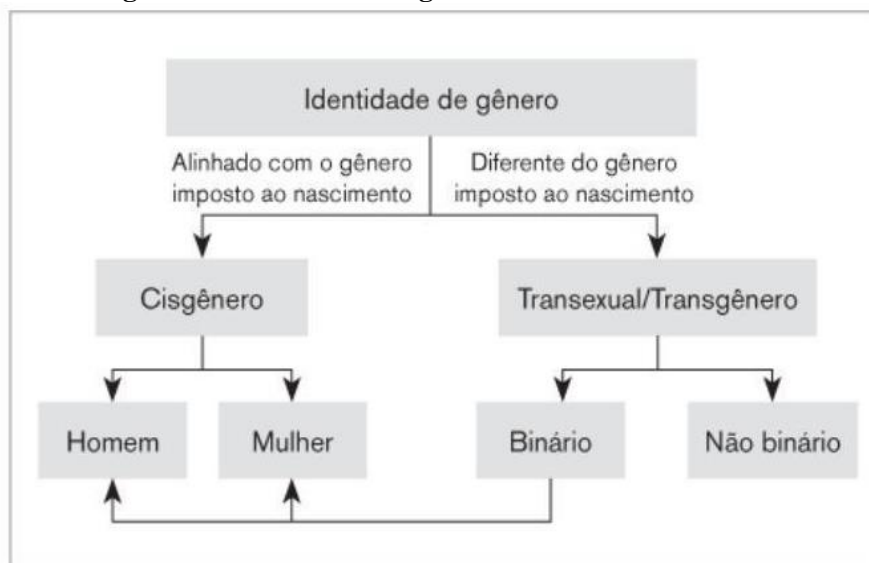
(e ela é) e considerando as relações de poder que a circunscreve, “propor mudanças nos seus padrões é possível e elas são fundamentais a fim de promover inclusão e visibilidade” (Ciasca; Hercowitz; Lopes Junior, 2021, p. 252).

### 2.3.2.2 Aprofundamentos sobre a linguagem não binária

Teorias mais recentes têm desenvolvido novas discussões sobre gênero e língua, antes implícitas ou não pertinentes aos estudos tradicionais, como no caso dos trabalhos de Eckert e McConnell-Ginet (2010), em que o gênero atua como uma construção linguística a ser estudada em termos locais e produzida em tipos diferenciados de pertencimento a comunidades de prática.

Grupos sociais específicos e apoiadores da causa têm requerido e utilizado novas formas linguísticas para se expressarem na escrita e na fala, como as marcações de “@”, “x” e “e”. Esses usos funcionam como objeções às normas regulatórias de gênero, que privilegiam certas formas linguísticas em detrimento de outras (Zambrano, 2022), e movimentam o sistema linguístico na busca pelo ajuste de um *terceiro gênero*, que serviria, em suma, para pessoas não binárias, transgêneras, ou até mesmo para casos em que o gênero de determinada pessoa não é relevante. Como estimado, imperiosamente precisamos explorar sua origem e os agentes por trás dessas novas motivações, envolvendo as discussões sobre identidade de gênero, indivíduos que transitam entre os gêneros e outras similitudes. Para isso, confirmamos a figura a seguir:

**Figura 3 - Identidades de gênero binárias e não binárias**



Fonte: Ciasca, Hercowitz e Lopes Junior (2021, p. 30)

Segundo Ciasca, Hercowitz e Lopes Junior (2021), pessoas não binárias são aquelas que não se identificam com o binômio homem-mulher, já que podem se identificar como algo entre os dois gêneros, terem um terceiro gênero, entre outras definições:

Há povos indígenas norte-americanos, por exemplo, que designam uma identidade “two-spirit”/”dois espíritos” para pessoas que são masculinas e femininas, mostrando o peso de fatores culturais sobre a divisão de gêneros. Outros exemplos incluem os Chuckchi na Sibéria, Bakla nas Filipinas, Quariwarmi no Peru e Hijra na Índia.

(...)

Quando se pensa em gênero da forma como é descrito na sociedade ocidental, percebe-se somente duas opções, mutuamente excludentes: ser homem ou ser mulher. Essa divisão é feita a partir da genitália e dos caracteres sexuais. Essas diferenças, no entanto, passam a justificar uma série de normas que não necessariamente têm relação com o corpo, mas com a cultura. Elas geram expectativas e regras que moldam a vida das pessoas sobre documentos, comportamentos e relacionamentos, impactando sua identidade de gênero (Ciasca; Hercowitz; Lopes Junior, 2021, p. 249).

As considerações tecidas no decorrer do livro referenciado provêm, sobretudo, de experiências médicas diretas com diversas pessoas. Nessa direção, Ciasca, Hercowitz e Lopes Junior (2021, p. 249) destacam que “pessoas não binárias têm maior incidência de problemas de saúde mental, autolesão não suicida, suicidalidade, uso de substâncias e vitimização, resultantes da estigmatização e do preconceito”. Diante desse cenário, o uso da linguagem não binária confere não só respeito, como também proteção da saúde mental de sujeitos que se sentem desconfortáveis ao serem chamados por termos masculinos ou femininos.

As reflexões acerca do fenômeno em questão têm alcançado linguistas de diversos campos de estudo e que reconhecem a necessidade de se pensar em uma língua que inclua todas as pessoas e suas respectivas identidades. A respeito disso, reforçamos a fala da linguista Maria Helena de Moura Neves a um jornalista da *Folha de São Paulo*:

Considero um equívoco o uso desse termo 'linguagem neutra' para a proposta que ele representa. Na verdade, **esse movimento visa a inclusão social, sem discriminações, de todos os grupos da sociedade, tratando-se, pois, da proposta de uma 'linguagem inclusiva', ou 'língua inclusiva', o que é extremamente louvável.** (...) Quando alguém usa, nas suas produções linguísticas, orais ou escritas, as marcas linguísticas que têm sido propostas com essa finalidade, ele está exercendo um papel social, marcado e importante, de condenação das discriminações (Neves, 2022, s/p, on-line, grifo nosso).

Nessa direção, Borba (2020b) salienta que

(...) em suas ações linguísticas, [os falantxs transviadx] justapõem registros, estilos, léxicos, gêneros do discurso, sintaxes e variedades que contradizem as

expectativas de como, o que, quando, com quem, onde deveriam falar, engajando-se, assim, em práticas translinguísticas que xs colocam nas fronteiras entre gêneros e sexualidades por atravessarem normas do que é legitimamente aceito (Borba, 2020b, p. 391-392).

Isto é, os usos linguísticos que esses falantes fazem acabam questionando os limites entre o linguístico e o social. Desde a institucionalização da Linguística como ciência no final do século XIX, a mesma “tem sido pautada por binarismos que prometem objetividade explicativa, mas, ao fim e ao cabo, simplificam e planificam a realidade múltipla da relação entre língua e sociedade.” (Zimman *et al.*, 2014 *apud* Borba, 2020b, p. 393).

Tomando como influência os trabalhos de Butler (1997, 2003) sobre a construção discursiva do binarismo normativo de gênero, o caminho foi aberto para a abordagem dos estudos de gênero e língua. Borba (2019) retoma a autora ao proferir que “a linguagem opressora não substitui a experiência da violência. Ela performa um tipo próprio de violência” (Butler, 1997 *apud* Borba, 2019, n.p). Com isso, Borba (2019) indica que o discurso violento disseminado contra pessoas trans/não binárias torna visível a vulnerabilidade linguística que nos constitui – dado que somos seres constituídos na/pela linguagem – e exclui a diversidade de corpos e vivências que não se encaixam no padrão estabelecido sócio-historicamente.

Mas se a língua repercute as transformações das classes societárias, que são heterogêneas em sua essência, por que há tantos indicativos de estigmas e de violências? Há de pensarmos quem conta a história da língua e como ela é contada também. O que pode ser ou não considerado língua, afinal, depende de **quem**? Ao fim e ao cabo, as línguas de todo o mundo são permeadas por posições de poder e por valorização provenientes de resquícios de uma falsa ideia de pureza associada a um contexto de dominação/subordinação. Se levarmos em conta o pensamento de Churchill “a história será gentil para mim, pois pretendo escrevê-la”<sup>12</sup>, presente em Shapiro (2006, p. 161), apreenderemos o sentido de que **quem conta define a história**.

Uma vez consideradas essas indagações, não há como desatar a relação intrínseca entre língua e sociedade. Nem o fato de que, muitas vezes, o conceito de língua acaba sendo muito mais político do que científico e/ou linguístico. Em face do exposto, as escolhas linguísticas feitas pelos falantes e, por conseguinte, sua realização em contextos diversos de uso, imbuídas de crenças e avaliações subjetivas, podem ser examinadas, também, como um dos traços definidores da identidade e, sendo assim,

(...) qualquer atitude em relação aos grupos com determinada identidade pode

---

<sup>12</sup> Tradução adaptada de "For my part, I consider that it will be found much better by all parties to leave the past to history, especially as I propose to write that history myself", de Shapiro (2006, p. 161).

ser e, na maioria dos casos, é uma reação às variedades usadas por esse grupo ou aos seus usuários, uma vez que normas e marcas culturais dos falantes se transmitem ou se sedimentam por meio da língua, atualizada na fala de cada indivíduo (Silva; Aguilera, 2014, p. 704-705).

### 2.3.3 O que diz a Linguística Formal

Em subseção anterior, já preambulamos acerca de algumas correntes teóricas de estudo. Desde a gênese da linguística moderna, o paradigma *formalista* teve grande alcance e contemplação nas explicações linguísticas. Alavancada por Ferdinand Saussure (1857-1913), o conceito de língua, opondo-se à fala, instaura, no século XX, a emancipação da Linguística enquanto Ciência.

O linguista versa sobre a autonomia do sistema linguístico que se estrutura seguindo leis e regras internas do próprio sistema: “a linguística tem por único e verdadeiro objeto a língua considerada em si mesma e por si mesma” (Saussure, 2012, p. 305), estabelecendo princípios e métodos para sua abordagem.

Segundo Dillinger (1991, p. 397), ao formalismo é atribuído o estudo da forma linguística (fonética, fonologia, morfologia e sintaxe). Estudos orientados por essa corrente compreendem a língua como um sistema autônomo, capaz de assumir explicações para suas peculiaridades a partir de observações de sua própria estrutura (seus constituintes e as relações entre eles), sem se preocupar em alto grau com as relações entre os constituintes e suas funções ou, ainda, entre a língua e seu meio.

À vista disso, para compreendermos as críticas e os apontamentos linguísticos tecidos em relação à linguagem não binária, buscando, sobretudo, contrapor o que vimos discutindo até aqui, entendemos ser fundamental discorrer sobre o fenômeno, também, a partir de considerações do campo formalista. Para essa argumentação, tomamos como base as reflexões de Schwindt (2020) sobre o tema e os limites do sistema linguístico, bem como os exemplos que serão apresentados.

O autor, ao longo do texto, elenca algumas dificuldades para a implementação/naturalização do uso não binário de gênero. São elas: i) dificuldade com a pluralização; ii) dificuldade no processo de concordância; e iii) problemas de referência semântica, determinação ou indeterminação por artigos e pronomes e retomada pronominal (especialmente quanto ao uso do “e”).

Quanto à questão do plural, Schwindt (2020) retoma uma das alternativas sugeridas para nomes terminados em *res* no masculino e *ras* no feminino, como no caso de

professores/professoras.

(1) Realizaram uma homenagem aos professores.

A admissão de *ries*, na tentativa de diferenciar este plural do plural atribuído ao masculino (professores), segundo o autor, é uma regra pouco natural, portanto, difícil de ser aderida.

Para entender o problema da concordância, precisamos primeiro falar sobre a concepção de gênero na língua, ajustada por Câmara Jr. (1970). Alicerçado às observações de Corbett (1991), Schwindt (2020) sustenta que nem todos os idiomas codificam gênero:

Nos sistemas que concebem essa categoria é frequente se identificar alguma correspondência semântica com sexo biológico, como é o caso das línguas indoeuropeias, ainda que este não seja um fato universal. Traços como [±animado], [±racional], [±humano], [±forte], entre outros, podem também embasar sistemas de gênero.

(...)

O português está entre os sistemas híbridos na atribuição de gênero: o traço [±sexuado], relevante para um subconjunto restrito de nomes (ex. menina vs. menino; gerente vs. gerenta), está combinado às propriedades fonológicas e sintáticas que exponenciam gênero e classe temática em todos os nomes na língua. De modo simples: as vogais -a, -o e -e estão presentes também em palavras que não estabelecem qualquer relação com sexo (ex. bola; bolo; ponte; pente) e nuclearizam a concordância na frase nos mesmos moldes dos vocábulos sexuados (Schwindt, 2020, p. 8).

Para Carvalho, no entanto,

A defesa de uma métrica binária prototípica na marcação linguística, cujos valores masculino/feminino são assumidos como arbitrários na classificação de entidades inanimadas e animadas não-humanas (com ressalvas, nesse caso) em línguas de marcação de gênero, como as indo-europeias, em especial o grego, o latim, o aramaico e o hebraico, línguas que influenciaram o pensamento ocidental seja através da filosofia, seja pelas religiões cristãs, na descrição de línguas desconhecidas pelo europeus na expansão colonialista/imperialista, não deve ser estendida à representação de entidades humanas na contemporaneidade, pelo menos (Carvalho, 2020, p. 18).

Inobstante, foi essa distribuição que levou Câmara Jr. (1970) a afirmar que “a” é a forma marcada de gênero, enquanto que a ausência é o que caracteriza o masculino (e não como se faz, logicamente, e de maneira geral, a associação ao “o”). Nessa lógica, “as vogais finais nos demais vocábulos marcam classe temática, segundo o autor, a despeito de seu gênero” (Schwindt, 2020, p. 8). Schwindt (2020), ainda, explica:

Palavras terminadas por consoante ou por vogal tônica, como *mar* e *café*, em princípio não realizam foneticamente gênero, apesar de contarem com essa

categoria em sua matriz morfossintática. Palavras terminadas em vogal átona podem ou não realizar gênero foneticamente em português, sendo o único contraste mais ou menos tácito aquele descrito por Câmara Jr., segundo o qual -a se associa a formas femininas em oposição à ausência dessa marca (ex. gerenta vs. gerente; menina vs. menino). Formas não femininas são entendidas nessa perspectiva como não marcadas, no sentido de que não são associadas a um expoente distintivo. O fato, então, de formas masculinas atuarem como genéricas (um termo mais adequado do que neutras neste caso) é compreendido como decorrência desse sistema de marcação. (Schwindt, 2020, p. 9)

O sistema de marcação não é suficiente para explicar a intuição dos falantes quanto à atribuição de gênero no português. Dependemos, também, da produtividade e restrições envolvidas nesse processo, sobre o que é mais frequente ou não. Schwindt (2020) revela que o português prevê algumas possibilidades de uso genérico, como no caso do uso de termos masculinos ou de formas coletivas. A exemplo disso, temos:

- (2) a. Professores terão prioridade na vacinação.
- b. Amigo de verdade nunca te abandona.

É nesse momento que o autor manifesta que essa “generificação” só funciona em nível semântico, uma vez que, para o processo de concordância, é mais dificultoso, já que temos sempre a revelação do gênero, como nos casos em (3):

- (3) a. Professores **aposentados** terão prioridade na vacinação.
- b. Amigo **sincero** de verdade nunca te abandona.

Por fim, os problemas de referência semântica, determinação ou indeterminação por artigos e pronomes e retomada pronominal (sobretudo, em relação ao uso do “e”):

O problema da referência semântica é esperado neste tipo de mudança, em que se tem mais de uma possível entidade passível de ser representada: uma marca genérica para masculino e feminino, como se ilustra a seguir em (8a), ou uma marca designando um terceiro gênero, como se ilustra em (8b).

- (8) a. Amigues querides, eu uso e porque não quero excluir ninguém.
- b. Bom dia amigas, amigos e amigues!

O problema da determinação por artigos e pronomes e da retomada pronominal, ilustrado em (9), a seguir, revela que gênero é mais do que uma informação lexical: trata-se de um mecanismo gramatical de que se vale o sistema por razões de economia.

- (9) Meus(?) dois(?) amigues mais próximas, Vini e Léo, chegaram. Preciso dar atenção a eles(?) (Schwindt, 2020, p. 16-17).

Em seus dados, o linguista aponta três grandes generalizações que refletem o senso comum sobre representação de gênero em nomes do PB: i) há mais substantivos masculinos do

que femininos, sendo que, em termos absolutos, essa generalização não procede se considerados os dados do dicionário e os dados de uso, mas, quando se observa o subgrupo de itens sexuados sujeitos à variação de gênero, essa realidade se inverte; ii) palavras femininas terminam em -a, palavras masculinas terminam em -o e vice-versa, demonstrando que o português brasileiro, realmente, não possui substantivos genuinamente femininos terminados em -o, à exceção de vocábulos como *tribo*, *libido*, *imago* e *virago*, sendo as palavras masculinas fechadas por -a mais frequentes na língua, tanto em substantivos uniformes quanto comuns de dois gêneros, inclusive entre nomes sexuados (ex. o *amálgama*, o *atleta*); e iii) palavras terminadas em -e são comuns de dois gêneros, comprovando que substantivos terminados em -e podem se referir a todos os tipos de gênero, sendo que “4,6% são substantivos comuns de dois gêneros. A maioria dos nomes, 94,4%, é feminina ou masculina e 1% é de palavras biformes que se flexionam com marcas alternativas (ex. *embaixatriz*, *abadessa*, *princesa*)” (Schwindt, 2020, p. 11).

Schwindt (2020) é categórico ao dizer que o emprego de formas femininas e masculinas, em uma mesma sentença ou discurso, não tem o mesmo objetivo que o uso de “@”, “x” e “e”. Enquanto as formas femininas e masculinas são sustentadas pela afirmação da binariedade no sistema de gênero (homem/mulher, feminino/masculino, macho/fêmea), “numa oposição equipolente, ou seja, duplamente marcada” (Schwindt, 2020, p. 15), o uso de “@”, “x” e “e” mostra-se, de fato, como uma estratégia de neutralização de gênero, já que propõe uma terceira marca a partir dessas variantes.

Embora a dupla marcação seja possível, ela esbarra em uma limitação de caráter pragmático, se considerarmos a questão da economia linguística: dificilmente alguém vai, a todo momento, duplicar gênero e concordância nos atos de fala – até por uma questão de memória. Já os segmentos finais “@” e “x” são praticáveis na ortografia, mas não exibem correspondência fonético-fonológica no sistema do português, fato que os diferenciam expressivamente do uso do “e”.

Para o autor, o uso do “e” é, de longe, a forma mais viável para a demanda da linguagem não binária. Por outro lado, tende a marcar uma oposição/identificação do tipo feminino *vs.* masculino *vs.* neutro e pode, ainda, prejudicar reivindicações da inclusão feminina. Conforme anunciado por Schwindt:

O uso de -e, pronunciado em geral como [i], como marcador de neutro tem maior motivação no interior da língua, seja por se conformar ao inventário fonológico, seja por já possuir papel morfológico, figurando como marcador de classe temática. Todavia, este último fato, (...), pode exercer algum controle sobre a progressão de uma mudança nesse sentido, já que, como vimos, há

palavras masculinas e femininas fechadas por essa vogal na língua. Entretanto, no grupo dos nomes sexuais que fazem oposição a/o, como vimos, uma forma de neutro em -e parece encontrar algum lugar. Por outro lado, não se pode perder de vista que a inclusão de um -e designando neutro nesse grupo força a identificação de -a e -o como marcas respectivas de feminino e masculino, ou seja, demandando, ao menos formalmente, uma oposição do tipo presidenta vs. presidente vs. presidente. O prejuízo é que o emprego de formas como presidenta reduzem neste caso seu potencial pragmático de inclusão, que parece mais efetivo num contraste binário (Schwindt, 2020, p. 16).

O linguista afirma que o fenômeno da variação e da mudança linguísticas atinge os diferentes níveis da linguagem, mas não os atinge em igual escala. É possível, sim, que ocorram mudanças no sistema linguístico, conscientemente demandadas pelos falantes, mas desde que haja certo grau de espontaneidade e naturalidade. As considerações acerca das generalizações nos demonstram os níveis de produtividade de determinadas formas linguísticas, o que é primordial para o alcance de uma mudança, já que esta última depende do conhecimento coletivo para que se efetive.

Ainda que exista certa resistência (inclusive) sistêmica quanto à fixação da linguagem não binária, não devemos confundir resistência com impermeabilidade. Para ele, “o grau de permeabilidade, contudo, parece depender da pressão dos fatores sociais e da naturalidade dos processos envolvidos na mudança, estes últimos a que me referi como limites do sistema” (Schwindt, 2020 p. 18). Em outras palavras, o entrave quanto à linguagem não binária não se dá somente por questões voltadas ao código linguístico, mas pela necessidade de aceitação social e naturalização das novas formas linguísticas, para que, então, a linguagem não binária seja, de fato, aderida ao sistema linguístico do português brasileiro. Isso não significa, no entanto, uma impossibilidade de mudança futura.

### **3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

Podemos analisar um fenômeno linguístico a partir da abordagem da Dialetoлогия, da Ecolinguística, da Sociolinguística, da Crioulística... E todas elas são legítimas. Resgatando a frase célebre de Saussure (2012, p. 39) em que o autor diz que “o ponto de vista cria o objeto”, concluimos que tudo depende, enfim, das escolhas que fazemos, dos autores que utilizamos para um embasamento teórico-metodológico, e essa dinâmica da investigação científica só é possível porque, ao estudar **língua**, estamos lidando com um objeto extremamente multifacetado e heterogêneo.

Nesta pesquisa, analisamos as percepções sociolinguísticas dos falantes, a partir das reações subjetivas e dos graus de concordância em relação ao uso de “@”, “x” e “e” nas palavras e sentenças, a partir da aplicação de um questionário. A pesquisa foi desenvolvida para aplicação em uma IES pública federal, localizada no estado de São Paulo, tendo como foco estudantes de 33 (trinta e três) cursos de Graduação e de 43 (quarenta e três) Programas de Pós-Graduação e demais servidores – docentes e técnico-administrativos – da instituição.

#### **3.1 A natureza do estudo e os participantes da pesquisa**

Desde as primícias, a humanidade busca encontrar respostas às diversas perguntas sobre o mundo que a rodeia. Segundo Gil (2008), ao longo dos séculos, os sujeitos têm tentado explorar sistemas que sejam capazes de explicar a natureza das coisas e o comportamento das pessoas, servindo-se, para tanto, da observação, dos sentidos, das crenças, dos sentimentos, da autoridade e da filosofia. Entretanto, reconhecem a fragilidade desses conhecimentos por estarem próximos à esfera subjetiva, declarando a necessidade da obtenção de conhecimentos mais críticos e seguros: a Ciência.

Stake (2011) relata que a ciência é o que nos demonstra como tudo funciona, seja ela realizada de forma qualitativa ou quantitativa. De acordo com Gil (2008), ciência é uma forma de conhecimento capaz de formular leis que regem os fenômenos e que são comprováveis, probabilisticamente, por meio da observação e da experimentação. Assim, o fazer científico é caracterizado por ser objetivo, racional, sistemático, geral, verificável e falível.

Para a realização deste estudo, empregamos a abordagem quali-quantitativa. Segundo Knechtel (2014, p. 106), a pesquisa quali-quantitativa “interpreta as informações quantitativas por meio de símbolos numéricos e os dados qualitativos mediante a observação, a interação participativa e a interpretação do discurso dos sujeitos (semântica)”. As análises quantitativas,

assim como as qualitativas, fornecem um importante diagnóstico das possíveis motivações para as percepções.

Buscamos analisar o objeto de estudo apoiado em pesquisas bibliográfica e documental. Segundo Gil (2008), tais pesquisas se diferenciam apenas quanto à natureza das fontes:

Enquanto a pesquisa bibliográfica se utiliza fundamentalmente das contribuições dos diversos autores sobre determinado assunto, a pesquisa documental vale-se de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa (Gil, 2008, p. 51).

Ou seja, pesquisas bibliográficas remetem à utilização de fontes secundárias, colocando o pesquisador em contato com produções já realizadas sobre o tema, como registros em livros, artigos de revistas, artigos científicos, etc. (Gonsalves, 2001), enquanto as pesquisas documentais tratam de documentos de primeira mão, que não receberam nenhum tratamento analítico, como documentos oficiais, reportagens de jornal, contratos, filmes, fotografias, entre outros, e documentos de segunda mão, como relatórios de pesquisa, relatórios de empresas, tabelas estatísticas, etc (Gil, 2008).

Dentre as diversas características e tipos de pesquisas possíveis de serem realizados cientificamente, nosso estudo compreende, também, o que o autor define como pesquisa descritiva: “as pesquisas descritivas têm como objetivo principal a descrição das características de determinada população ou fenômeno, estabelecendo correlações entre variáveis” (Gil, 2002, p. 42), sendo a entrevista, o questionário e o formulário, as principais ferramentas para estudos exploratórios.

Em síntese, as particularidades das pesquisas qualitativas e quantitativas são:

**Quadro 3 - Características das pesquisas com abordagem qualitativa e quantitativa**

<b>Abordagem quantitativa</b>	<b>Abordagem qualitativa</b>
Analisa números	Analisa palavras
Análise dedutiva	Análise indutiva
Análise objetiva	Análise subjetiva
O pesquisador distancia-se do processo	O pesquisador envolve-se com o processo
Testa hipótese e mensura variáveis	Gera ideias e categorias para a pesquisa

Fonte: Leonel e Motta (2011, p. 110)

Como já mencionado, este estudo foi desenvolvido em uma IES pública federal, localizada no interior do estado de São Paulo: a Universidade Federal de São Carlos, *campus* de São Carlos.

**Figura 4 - Localização da cidade de São Carlos e cidades vizinhas no estado de São Paulo**



Fonte: Laboratório Multiusuário de Visualização 3D Imersiva<sup>13</sup>

A UFSCar foi fundada no ano de 1968 e foi a primeira instituição federal de Ensino Superior instalada no interior do estado de São Paulo; em 1970, ocorreu o primeiro vestibular e o início das atividades acadêmicas no *campus*. Por ter um caráter vanguardista, para a época, ficou conhecida como “A Pequena Notável” (PAE UFSCar, 2023)<sup>14</sup>. Atualmente, possui quatro *campi*: São Carlos, Araras, Sorocaba e Lagoa do Sino. Os demais campi foram fundados, respectivamente, em 1991, 2006 e 2010 (Revista UFSCar, 2020).

A UFSCar oferece cerca de 64 (sessenta e quatro) cursos, considerando os períodos matutino, vespertino e noturno, além de programas de pós-graduação, cursos de mestrado profissional, mestrado acadêmico, doutorado e cursos de especialização. No escopo da extensão, a UFSCar promove 1.242 atividades de extensão em 319 programas nas mais diversas áreas como Educação, Saúde, Meio Ambiente e Cultura. Oferta, também, 92 Atividades Curriculares de Integração Ensino, Pesquisa e Extensão (Aciepes)<sup>15</sup>.

<sup>13</sup> Disponível em: <http://www.simulacao.eesc.usp.br/cave/map.htm> Acesso em: 24 dez. 2023.

<sup>14</sup> Disponível em: <https://www.cheguei.ufscar.br/a-ufscar> Acesso em: 24 dez. 2023.

<sup>15</sup> Disponível em: <https://www.ufscar.br/a-ufscar/apresentacao> Acesso em: 24 dez. 2023.

Temos como principal objetivo atingir a participação de estudantes, docentes e servidores ativos da instituição, pertencentes ao *campus* de São Carlos, numa configuração que engloba 33 (trinta e três)<sup>16</sup> cursos de Graduação – entre licenciatura e bacharelado – e 43 (quarenta e três)<sup>17</sup> Programas de Pós-Graduação.

O critério fundamental para a seleção, a priori, foi a vinculação dos participantes com a IES. Esses perfis foram escolhidos porque temos por objetivo investigar as percepções sobre linguagem não binária de nichos particulares desta IES, a fim de observar as diferenças e semelhanças, por exemplo, entre percepções de estudantes de cursos e programas distintos, podendo estas serem reflexo (ou não) de grades curriculares (como o cumprimento de matérias da esfera educacional), assim como verificar as percepções de profissionais que atuam em setores distintos da IES quanto ao discernimento dos usos linguísticos não binários.

De acordo com informações extraídas do Sistema de Apoio à Gestão Universitária Integrada (SAGUI<sup>18</sup>) e dos *sites* oficiais de cada Centro (Centro de Educação e Ciências Humanas (CECH), Ciências Biológicas e da Saúde (CCBS) e Centro de Ciências Exatas e de Tecnologia (CCET)<sup>19</sup>), no *campus* de São Carlos, os estudantes dos cursos de Graduação e dos Programas de Pós-Graduação somam cerca de 10.124 pessoas; entre técnico-administrativos há um quantitativo de 283 pessoas e, entre docentes, 955, conforme distribuição das tabelas abaixo<sup>20</sup>:

**Tabela 1 - Quantitativo de estudantes, docentes e técnico-administrativos do CECH**

(continua)

CECH	
Categoria	Quantidade de pessoas
Docentes	272
Técnico-administrativos	62
Alunos*	3.240
*Mestrado	596

<sup>16</sup> Disponível em: <https://www.prograd.ufscar.br/cursos>. Acesso em: 07 set. 2024.

<sup>17</sup> Disponível em: <https://www.propg.ufscar.br/pt-br/pos-na-ufscar/programas>. Acesso em: 07 set. 2024.

<sup>18</sup> Sistema que permite acesso somente a estudantes matriculados e servidores da UFSCar.

<sup>19</sup> Disponível em: <https://www.cech.ufscar.br/pt-br/o-centro/docentes>; <https://www.cech.ufscar.br/pt-br/o-centro/equipe-tecnico-administrativa>; <https://www.ccbs.ufscar.br/pt-br/institucional/apresentacao>; <https://www.ccet.ufscar.br/pt-br/institucional>. Acesso em: 04 set. 2024.

<sup>20</sup> Os números abordados neste estudo referem-se à atualização dos dados no período determinado para a coleta (set./2024), bem como à disponibilização das informações nas páginas oficiais de cada unidade e no sistema da UFSCar à época. Uma recente atualização desses dados pode ser verificada no Ofício nº 454/2024/GR, disponível em: <https://www.soc.ufscar.br/consuni/2024/arquivos/consuni-13-12-2024/proposta-expansao2024.pdf>. Acesso em: 16 dez. 2024.

**Tabela 1 - Quantitativo de estudantes, docentes e técnico-administrativos do CECH**

(conclusão)

<i>*Mestrado Profissional</i>	134
<i>*Doutorado</i>	774
<i>*Graduação</i>	1.736

Fonte: Elaboração própria.

**Tabela 2 - Quantitativo de estudantes, docentes e técnico-administrativos do CCBS****CCBS**

<b>Categoria</b>	<b>Quantidade de pessoas</b>
Docentes	281
Técnico-administrativos	96
Alunos*	2.047
<i>*Mestrado</i>	334
<i>*Mestrado Profissional</i>	93
<i>*Doutorado</i>	414
<i>*Graduação</i>	1.206

Fonte: Elaboração própria.

**Tabela 3 - Quantitativo de estudantes, docentes e técnico-administrativos do CCET****CCET**

<b>Categoria</b>	<b>Quantidade de pessoas</b>
Docentes	402
Técnico-administrativos	125
Alunos*	4837
<i>*Mestrado</i>	628
<i>*Mestrado Profissional</i>	172
<i>*Doutorado</i>	792
<i>*Graduação</i>	3.245

Fonte: Elaboração própria.

Na subseção seguinte, apresentamos as etapas que foram seguidas para a coleta de dados, bem como os instrumentos utilizados, os procedimentos e as decisões metodológicas.

## **3.2 Instrumentos de pesquisa, procedimentos de análise e decisões metodológicas**

### **Etapa I - Levantamentos bibliográfico e documental**

A primeira etapa deste estudo foi a realização de pesquisas bibliográfica e documental. As pesquisas foram pautadas em estudos anteriores sobre o tema (Zambrano, 2022), além de pesquisas em repositórios de publicações científicas<sup>21</sup>, para compreendermos o que especialistas têm dito e analisado sobre linguagem não binária, e que serviram de base teórica para este estudo. Para além do contexto científico, outros espaços foram consultados, a fim de demonstrarmos a emergência desse assunto em nossa sociedade: produções provenientes do âmbito jornalístico (em específico, manchetes de notícias sobre linguagem não binária) – analisadas na subseção 3.2.1.

### **Etapa II - Elaboração do questionário**

Após os avanços nas pesquisas bibliográfica e documental sobre os usos linguísticos não binários, elaboramos um questionário<sup>22</sup> sobre o objeto de estudo (ver subseção 3.2.2), criado através da ferramenta *Google Forms*. Determinamos conjuntos de perguntas de reação subjetiva, com o objetivo de explorarmos as impressões/percepções subjetivas que as pessoas têm em relação ao tópico especificado e os graus de concordância. Assim como a proposta, o questionário, instrumento de coleta de dados deste estudo, também foi submetido para a aprovação<sup>23</sup> do CEP<sup>24</sup> da UFSCar.

### **Etapa III - Divulgação do questionário para coleta de dados**

Para que pudessemos atingir o maior número possível de respondentes, levando em conta o nosso público-alvo, divulgamos o formulário através da Coordenadoria de Comunicação Social (CCS), responsável pela gestão dos processos de comunicação e fluxo de informações da UFSCar, ligada diretamente à Reitoria. Também divulgamos o estudo com o apoio da Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Linguística, mediante solicitação via

---

<sup>21</sup> Por exemplo, o Catálogo de Teses e Dissertações/CAPES, a Biblioteca Digital de Teses e Dissertações, SciELO Brasil e Periódicos/CAPES.

<sup>22</sup> Ver Apêndice D.

<sup>23</sup> Ver Anexo A.

<sup>24</sup> Por questões éticas, de acordo com as Resoluções CNS n° 466/2012 e 510/2016, em que todo projeto de pesquisa envolvendo seres humanos deve, obrigatoriamente, ser apreciado e aprovado por um CEP, assim como as normas do CEP da UFSCar, a identidade dos participantes não será revelada e, se for necessário, pseudônimos serão usados para se referir a eles.

*e-mail* e arte<sup>25</sup>. No intuito de captarmos maior participação dos docentes, encaminhamos via *e-mail* o convite para colaborarem com o preenchimento do questionário e, se possível, disseminá-lo em sala de aula aos estudantes. Em todo o *campus* de São Carlos, espalhamos cartazes<sup>26</sup> que ilustravam o *QR Code* para acesso ao formulário. A divulgação também foi realizada pela Rádio UFSCar.

#### **Etapa IV - Análise dos resultados obtidos através do questionário**

Após a divulgação e coleta dos dados do questionário, partimos para a análise das informações obtidas.

Para Bardin (2016), enquanto a Linguística estabelece o manual do jogo da língua, a Análise de Conteúdo (AC) busca compreender os jogadores e o ambiente do jogo. Nesse sentido, a AC tem sido considerada “um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais sutis em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a «discursos» (conteúdos e continentes) extremamente diversificados” (Bardin, 2016, p. 15), com o objetivo de compreender e analisar os sentidos e significados manifestados pelos sujeitos participantes de dada pesquisa, a respeito da temática ou problematização apresentada (Valle; Ferreira, 2024). Para tanto, segue-se uma sistematização precisa e estruturada em três partes: i) a pré-análise; ii) a exploração do material; e iii) o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação.

Neste estudo, seguimos os três princípios elencados acima para uma análise mais robusta dos dados coletados, permitindo, dessa forma, “a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas)” (Bardin, 2016, p. 48). Assim, na pré-análise, sistematizamos as ideias principais, a partir de uma leitura inicial das informações coletadas; determinamos quais dados seriam analisados (aqueles que atenderam a todos os requisitos necessários para serem computados); resgatamos as hipóteses e os objetivos e, por fim, elaboramos indicadores que fundamentam a interpretação dos resultados.

Na etapa de exploração do material, é considerada a administração sistemática das decisões tomadas, na qual codificamos e categorizamos o conteúdo, com base no recorte das unidades de registro. Diante do exposto, podemos afirmar que as técnicas e metodologia de Análise de Conteúdo “se destina[m] a classificar e categorizar qualquer tipo de conteúdo, reduzindo suas características a elementos-chave, de modo com que sejam comparáveis a uma série de outros elementos” (Carlomagno; Rocha, 2016, p. 175).

---

<sup>25</sup> Ver Apêndice A.

<sup>26</sup> Ver Apêndice B.

Na última etapa, tratamos dos resultados, inferência e interpretação, que podem ser verificados na seção 4 deste trabalho. Destacamos que, de acordo com os objetivos propostos nesta pesquisa, a utilização da ferramenta *Excel* foi suficiente para a organização e a análise dos dados, bem como para a construção dos gráficos, evidenciando os resultados obtidos.

### 3.2.1 Levantamentos bibliográfico e documental

Para a organização da coleta das manchetes jornalísticas propagadas a respeito do fenômeno linguístico, tomamos como base a pesquisa de Zambrano (2022), conforme já destacado em seção anterior. A seguir, apresentamos a análise destes dados.

#### 3.2.1.1 As manchetes das notícias

Apesar da crescente demanda por uma discussão mais impetuosa a respeito da correlação existente entre identidades de gênero e língua, esse debate não é novo. Ao passo que grupos específicos conseguem mover suas reivindicações a um patamar político, novas diretrizes são conquistadas, e isso tem-se dado com questões relativas à comunidade LGBTQIAPN+ e às implicações linguísticas, ainda que as objeções quanto ao caso sejam recorrentes. Vejamos as manchetes abaixo:

Figura 5 - Países favoráveis e contrários ao uso da linguagem não binária



<sup>27</sup> Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/ideias/enquanto-a-franca-proibe-a-espanha-oficializa-a-linguagem-neutra/>. Acesso em: 22 dez. 2023.

Figura 6 - Jornalista rebate críticas de internautas sobre uso de linguagem não binária



Fonte: Isto é Gente, 12/06/2023<sup>28</sup>

Figura 7 - Polêmica sobre cantor utilizar suposta linguagem não binária em anúncio de show



Fonte: Veja, 26/10/2023<sup>29</sup>

Figura 8 - Post e comentários de anúncio de show



Fonte: O Povo, 29/06/2023<sup>30</sup>

<sup>28</sup> Disponível em: <https://istoe.com.br/sandra-annenberg-rebate-criticas-na-web-por-usar-linguagem-neutra-estamos-juntas/>. Acesso em: 22 dez. 2023.

<sup>29</sup> Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/o-som-e-a-furia/a-polemica-entre-djavan-e-conservadores-em-torno-da-linguagem-neutra>. Acesso em: 22 dez. 2023.

<sup>30</sup> Disponível em: <https://www.opovo.com.br/vidaearte/2023/06/29/djavan-divulga-show-e-e-criticado-por-usar-suposta-linguagem-neutra.html>. Acesso em: 22 dez. 2023

Figura 9 - Professora é demitida por discutir sobre linguagem não binária em sala de aula



Fonte: Metrôpoles, 27/09/2023<sup>31</sup>

Figura 10 - Câmara dos Deputados aprova proibição de linguagem não binária em órgãos públicos



Fonte: CNN Brasil, 29/11/2023<sup>32</sup>

Figura 11 - Câmara Municipal de Natal aprova lei que proíbe o uso de linguagem não binária



Fonte: G1, 21/12/2023<sup>33</sup>

“A denúncia foi feita pelo deputado estadual Jessé Lopes (PL-SC). Ele alega que a escola e a professora estariam seguindo uma “agenda antinatural” e política ao ensinarem linguagem neutra” (cf. texto na íntegra da figura 9): vemos aqui a representação mais

<sup>31</sup> Disponível em: <https://www.metropoles.com/brasil/professora-demitida-linguagem-neutra>. Acesso em: 22 dez. 2023.

<sup>32</sup> Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/camara-dos-deputados-aprova-proibicao-de-linguagem-neutra-em-orgaos-publicos/>. Acesso em: 22 dez. 2023.

<sup>33</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/rn/rio-grande-do-norte/noticia/2023/12/21/lei-que-proibe-uso-da-linguagem-neutra-em-escolas-de-natal-e-aprovada-na-camara-municipal.ghtml>. Acesso em: 22 dez. 2023

prototípica daquilo que se extrai dos discursos conservadores sobre a linguagem não binária e que destaca, frequentemente, a noção de ilegalidade, de “errado” e antinatural, por vezes associada a uma suposta “ideologia de gênero” que é ensinada nas escolas. Discursos como esse acompanham as proposições de um movimento político regressista, intitulado “Escola Sem Partido”, que visa promover uma agenda de neutralidade política e ideológica<sup>34</sup> nas instituições de ensino, o que, por si só, já exprime o caráter contraditório ao impelir uma doutrina da direita conservadora como modelo.

A notícia veiculada sobre a Lei que proíbe o uso da linguagem não binária em Natal (cf. figura 11) traz a argumentação do referido vereador autor do projeto, conforme registro:

Precisamos proteger nossas crianças e sermos intransigentes quanto ao **bom uso** da língua portuguesa, sobretudo no âmbito das escolas. A língua **é uma das identidades mais importantes de um povo**, portanto, temos que defender esse patrimônio. A chamada linguagem neutra é uma deturpação que não pode se disseminar nos ambientes escolares (Alves., 2023, s/p, *online*, grifo nosso).

Interessante perceber como este vereador separa a questão identitária do uso linguístico, justamente no intento de “proteger” uma identidade linguística. Para ele, a única referência de uma língua possível é a estabelecida como norma padrão – sustentada pela argumentação do “bom uso” da língua –, derivada das gramáticas normativas. Bagno (2007) explica o frenesi histórico que se deu sobre as concepções de língua e gramática normativa (que não é a língua, mas só uma descrição parcial dela), reiterando que o **preconceito linguístico** está ligado a essa confusão: como a gramática passou a ser um instrumento de poder e controle, por conseguinte, também um instrumento de opressão, criou-se a visão de que os falantes precisam dessa gramática, já que, somente assim, farão uso de uma língua “bonita”, “correta”, “pura”. O linguista ressalta, sim, a importância da gramática, seu valor e méritos, mas critica o uso autoritário desta sobre toda a língua. Com isso, evidencia-se que o preconceito linguístico é, antes de mais nada, um preconceito social.

Outro caso mais recente que tomou proporção nacional refere-se ao projeto de lei, de autoria da deputada Erika Kokay (PT-DF), que pretende instituir um padrão nacional de linguagem simples (cf. figura 10) e que, inicialmente, visava à instauração de uma linguagem jurídica descomplicada na administração pública direta e indireta, com o objetivo de facilitar a compreensão e participação da população nas atividades desenvolvidas nestas entidades. Após

---

<sup>34</sup> Para isso, ver o Projeto de Lei disponível em: [https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop\\_mostrarintegra?codteor=1707037](https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=1707037). Acesso em: 12 out. 2024.

a aprovação do texto inicial, foi aprovada uma emenda, de autoria do deputado Junio Amaral (PL-MG), proibindo o uso da linguagem não binária nos espaços de administração pública, qualificando-a como uma “aberração” e sem finalidade usual. Nessa linha, Freitag (2024) tece considerações resolutas:

Legislar sobre a língua é uma mania da política brasileira, em especial em temas em que leis são absolutamente inócuas, como é o caso da língua. Vinte anos depois, no ápice de uma pandemia que ceifou a vida de mais de 700 mil brasileiros e impôs isolamento social que resultou no fechamento de escolas, parlamentares brasileiros não estavam preocupados com proposições de leis para mitigar os efeitos na aprendizagem, mas, sim, com projetos de lei para proibir o uso de estrangeirismos, ou proibir e punir quem usar marcas não binárias de referência a gênero (Freitag, 2024, p. 17).

Em resposta à falseada legislativa, a ABRALIN emitiu uma Nota de Repúdio, relatando o contato inicial feito com a deputada Kokay, na intenção de adverti-la sobre inconsistências de seu projeto, e as decisões posteriores que foram tomadas, subvertendo as propostas indicadas pela Associação:

**Figura 12 - ABRALIN publica Nota de Repúdio em relação ao texto do PL ° 6.256/2019 aprovado pela Câmara dos Deputados**



Fonte: Instagram, 10/12/2023<sup>35</sup>

<sup>35</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C0sEpL2pN6T/>. Na íntegra em: <https://www.abralin.org/site/nota-abralin/>. Acesso em: 22 dez. 2023.

No texto, a ABRALIN comunica:

Na ocasião, a Comissão de Políticas Públicas elaborou e apresentou uma proposta de texto mais abrangente, com o objetivo de instituir princípios e diretrizes gerais para uma comunicação cidadã segundo os parâmetros das Ciências da Linguagem, que indicam a evidente necessidade de respeitar os direitos linguísticos que emanam da diversidade linguística e cultural do povo brasileiro e a importância de adequar a linguagem dos textos a cada situação comunicativa. Da nossa proposta, apresentada na forma de um novo substitutivo para o PL, o relator acatou apenas dois pontos: a inclusão de um dispositivo que torna obrigatório o uso de “linguagem adequada às necessidades da pessoa com deficiência” e a recomendação de uso das línguas das comunidades indígenas às quais se dirija a comunicação do Estado. **No entanto, no dia da votação, após ceder a pressões do Partido Liberal e de outras legendas partidárias avessas a qualquer legislação que considere a diversidade**, o relator incorporou novas alterações ao texto que resultaram, entre outras mudanças, na eliminação do dispositivo proposto pela Abralin sobre a necessidade de uso de linguagem adequada às pessoas com deficiência, na retirada do inciso que recomendava testar a efetividade dos textos junto ao público-alvo e **na substituição do verbo “observar” por “respeitar” no dispositivo que menciona a atenção ao VOLP, tornando ainda mais mandatário o uso deste vocabulário** (ABRALIN, 2023, s/p, *online*, grifo nosso).

Na sequência, concluí que o adendo ao texto, aprovado com uma margem de votos ainda maior, tinha outro propósito:

(...) torna-se evidente que **o verdadeiro objetivo estratégico da maioria ultraconservadora da Câmara era usar o PL ° 6.256/2019, originalmente um projeto inclusivo de uso da linguagem, como mais uma batalha de uma suposta guerra cultural contra o fantasma da “linguagem neutra”,** distorcendo completamente o objetivo da proposta, que tratava de buscar formas de tornar mais clara e eficaz a comunicação entre governo e sociedade (ABRALIN, 2023, s/p, *online*, grifo nosso).

A Associação traz à luz o fato de que as escolhas linguísticas estão intrinsecamente relacionadas ao pano de fundo sociocultural e, assim como a língua apresenta variantes e variações, a sociedade também; as comunidades são constituídas por seres diversos e inevitavelmente refletirá isso em sua estrutura linguística – o que deve ser respeitado. No entanto, o que leva à aceitação parlamentar de um ou outro uso nos faz perceber que a “língua é, antes de tudo e depois de tudo, uma questão política” (Rajagopalan, 2006, p. 176) e que representantes de governo seguidores de uma corrente mais tradicionalista, cujo *slogan* de cunho histórico fascista “Deus, Pátria e Família” se dá como porta de frente, irremediavelmente colocarão à margem quaisquer tentativas de validar a diversidade – sejam os corpos, sejam os usos.

As consequências sociais dependem, sempre, das deliberações políticas, que podem ser

favoráveis ou não a determinados assuntos. Uma gestão governamental que se atenta aos pilares das políticas públicas, sendo estes saúde, educação, lazer, moradia, gênero e raça, entre outros, pode cumprir com as necessidades de sua população. A língua faz parte disso. Tanto por ser através **dela**, do discurso e da persuasão (Majone, 1989), propriamente ditos, que se sustenta um debate, quanto quando **ela** se torna um objeto de discussão. Podemos exemplificar essa discussão com os exemplos a seguir, extraídos da notícia na íntegra da figura 5:

Na Espanha, o Ministério da Igualdade promove um gênero gramatical de nova criação, com desinência “-e”, válido para pessoas de qualquer sexo. Seu cartaz oficial com o motivo do Orgulho Gay deste ano trazia a legenda: “ORGULLO de TODAS – TODOS – TODES”.

De outro lado,

A ordem do ministro da Educação francês, Jean-Michel Blanquer, se baseia na ideia de que "inventar palavras", como acontece no caso francês com o uso do ponto mediano para incluir as duas desinências de gênero, é uma aberração.

Sob este olhar, conseguimos compreender por que há divergências sobre o mesmo tema, em países diferentes, a depender de suas alianças políticas e ministérios.

Essas proposições alcançam todos de uma dada sociedade e firmar um posicionamento, enquanto pessoa pública, pode promover reações polarizadas (in)esperadas: a empatia de sujeitos pertencentes a comunidades minorizadas em luta pela representatividade e o cancelamento virtual. A jornalista Sandra Annenberg, ao compartilhar um registro com sua família na Parada LGBTQIAPN+ (cf. figura 6), foi alvo de críticas de internautas por ter utilizado a linguagem não binária em sua publicação. Enquanto muitos se debruçaram em tecer comentários ofensivos baseados em um falso imaginário de conhecimento sobre o sistema linguístico (atracado à imutabilidade), a comunicadora fez questão de rebatê-los ressaltando o caráter inclusivo e variável da língua: “A língua é viva e precisa se adaptar”; “Não estou ofendendo a língua portuguesa. Ela não se ofende, ela é viva e muda conforme a necessidade. O tempo exige transformações”.

É fato que todos os falantes dominam a sua língua, conhecem sua estrutura e os aspectos principais que os possibilitam ter uma comunicação verbal (Silva; Milani, 2013; Leite, 2010). Ainda assim, o senso comum é carregado por crenças que enviesam seus discursos e deslocam a língua do campo científico, sobretudo quando é crucial que a argumentação seja embasada em conhecimento sólido sobre determinados temas. Sobre isso, Bagno (2014) explica:

Crenças arraigadas ao longo do tempo, estereótipos, superstições, mitos e preconceitos formam um conjunto de ideias que recebem o nome coletivo de **senso comum**. O senso comum é essa nebulosa de opiniões que resistem durante muito tempo a todo tipo de reflexão crítica, de questionamento, porque, de tão impregnadas no imaginário coletivo, acabam sendo consideradas como “naturais”, quando de fato são resultado de uma longa construção **cultural**. (...) Sendo uma parte tão fundamental do nosso próprio ser individual e social, a linguagem não tinha como escapar das investidas do senso comum. E o **senso comum linguístico**, de um modo poderosíssimo, resiste bravamente às investidas das críticas e dos questionamentos que as ciências da linguagem fazem dele (Bagno, 2014, p. 29, grifo nosso).

A polêmica em torno da linguagem não binária é tanta que algumas alegações a respeito desse uso cristalizaram no imaginário social, configurando um discurso pronto daquilo que não se deve aceitar para reprodução. Essa tática do senso comum levou alguns falantes a deduzirem, equivocadamente, que o uso linguístico realizado no anúncio de um show de um cantor conhecido (cf. figuras 7 e 8) tratava-se do emprego da nova convenção linguística, quando, na verdade, estava traduzido para o idioma catalão, falado em Barcelona, onde seria realizado o show. O jornalista da publicação, inclusive, faz uma ressalva significativa em sua matéria: “ainda que Djavan resolvesse utilizar uma frase com gênero neutro, **ela não caberia no anúncio, já que a expressão não contém sujeito** nem verbo.” (Cruz, 2023, s/n, *online*, grifo nosso).

Os comentários exibidos na figura 8 demonstram, mais uma vez, o código linguístico resumido à gramática normativa e à dicionarização da língua: “Poderias traduzir o que seria ÚLTIMES ENTRADES? Não achei essas palavras no PRIMO AURÉLIO.” – este último fazendo uma analogia irônica ao Dicionário Aurélio, lançado originalmente em 1975 e vendido em larga escala nas décadas seguintes. Outra seguidora ironiza a publicação, referenciando a língua utilizada ao verso de uma música cantada pelo artista: “Mais fácil aprender japonês em braile”.

Por fim, uma pessoa usuária da rede incita que se trata apenas de mais uma forma de “lacrar” – expressão popularmente conhecida por seu sentido de “mandar bem” em alguma situação, mas que também foi ressignificada ao longo do tempo para um uso de teor crítico às movimentações da esquerda política, quando alguém expressa alguma ideia desnecessária, chata ou sem fundamento: “Tua arte não precisa de lacração, muito menos pronome neutro. Na verdade ngm [sic] precisa, as pessoas precisam respeitar pessoas independente do q [sic] elas são. Incluindo a língua portuguesa”. Curioso notar como alguns falantes do português brasileiro sancionam a questão do respeito ao próximo, mas não adotam o próprio respeito linguístico.

Todas essas notícias serviram, especialmente, para nos guiar na confecção do

questionário.

### 3.2.2 O questionário: Escalas Likert e de Diferenciais Semânticos

Segundo Oliveira e Piccinini (2009), um dos conceitos centrais na metodologia da ciência social é a validade. Tendo em conta o crescimento expressivo de trabalhos de cunho tanto quantitativo quanto qualitativo, a concepção de **validade** tem assumido interpretações mais complexas.

Ollaik e Ziller (2012) apontam que a elaboração original do conceito provém de pesquisas quantitativas, cujo termo “validade” referiria-se à extensão em que uma medida representaria corretamente o conceito do estudo, o nível em que dada medida estaria livre de qualquer resquício de erro. Por outro lado, esse conceito não caberia às pesquisas qualitativas, já que a discussão sobre escalas de medição não se aplicaria aos métodos qualitativos. Então, seria necessário a compreensão do termo em outra perspectiva.

Desse modo, a validade também pode ser compreendida como aquilo que é “bem feito, confiável, merecedora de ser tornada pública para contribuir para o conhecimento” (Ollaik; Ziller, p. 252). Ou seja, independentemente das concepções empregadas, a validade reforça o caráter verdadeiro e confiável de determinado assunto, pesquisa ou dados apresentados.

É indispensável, também, que dentro da própria ciência exista um espaço para reflexão sobre os métodos a serem adotados nos estudos, os procedimentos e até mesmo a forma como os pesquisadores têm se relacionado com os sujeitos que participam da pesquisa (Oliveira; Piccinini, 2009). Todos os sujeitos envolvidos no processo do “fazer científico”, efetivamente, atuam na produção de conhecimento, por isso a importância da reflexividade dessas operações.

No intuito de validarmos os dados desta pesquisa, tomamos como base metodológica a aplicação de um questionário que se ancorou nas escalas Likert e de Diferenciais Semânticos. A Escala Likert (ou Escalas de Atitude), comumente utilizada em questionários de pesquisas de opinião, prevê respostas em uma escala psicométrica, enquanto, na Escala de Diferenciais Semânticos, os respondentes precisam avaliar determinado item sob dois adjetivos polarizados e opostos (como “bom” e “ruim”, por exemplo).

A proposta de Likert (1932) sobre a criação de uma escala que pudesse mensurar o sentido e a intensidade de determinada atitude, através de um único instrumento, foi um dos grandes avanços nos estudos de aferição de atitudes. A exemplo disso, vejamos a tabela abaixo:

**Tabela 4 - Exemplo de escala Likert**

<b>Strongly approve</b>	<b>Approve</b>	<b>Undecided</b>	<b>Disapprove</b>	<b>Strongly disapprove</b>
(1)	(2)	(3)	(4)	(5)

Fonte: Likert (1932, p. 17)

De acordo com a revisão bibliográfica realizada por Lucian e Dornelas (2014), a discussão sobre um ponto neutro na escala é notável dentre os teóricos:

Com a popularização da escala de Likert, os debates sobre seus aspectos se intensificaram e um dos pontos mais explorados foi a importância do ponto neutro. Komorita (1963), um dos principais teóricos quanto a esse aspecto, sugere que não é possível definir claramente um ponto neutro em escalas ordinais, que é como classifica a escala em discussão. Anteriormente, Peabody (1962) e Sjoberg e Nett (1968) também já afirmaram que a presença ou ausência de uma categoria neutra é indiferente para a validação da escala. Portanto, a decisão por manter ou retirar o neutro deve ser tomada de acordo com a necessidade do pesquisador (Lucian; Dornelas, 2014, p. 163).

Em nosso estudo, utilizamos a Escala Likert sem empregar um ponto neutro. No ensejo de examinarmos, de fato, o posicionamento dos falantes sobre os usos linguísticos não binários, foram apresentadas questões com seleção de 6 pontos<sup>36</sup> quando relativas às polarizações semânticas – “Parte I” do questionário, conforme tratado mais à frente. A justificativa se deveu à pretensão de evitarmos que o respondente deixasse de se posicionar diante do enunciado projetado.

Importa para esta pesquisa, também, dissertar, ainda que brevemente, sobre a temática do Diferencial Semântico (DS). O DS, assim como o referencial teórico que embasa as proposições da Escala de Atitudes, levanta considerações acerca das atitudes dos indivíduos em relação a um objeto de estudo. Criado por Osgood, Suci e Tannenbaum (1957), “o diferencial semântico possibilita medir a reação das pessoas expostas a palavras e conceitos por meio de escalas bipolares, definida com adjetivos antônimos em seus extremos.” (Andrade *et al.*, 2009, p. 198).

Em nosso trabalho, todas as questões delimitadas ao primeiro conjunto de análise (“Parte I”) empregaram os pólos antônimos citados. Para isso, vejamos as descrições da construção do questionário na sequência.

---

<sup>36</sup> Para melhor compreensão, ver exemplo retirado do questionário, no Apêndice D, p. 127.

### 3.2.2.1 O questionário: a construção das seções

Na **página inicial**, no corpo do formulário, apresentamos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)<sup>37</sup>, indicando a possibilidade de sua impressão ou solicitação do documento assinado digitalmente pela pesquisadora responsável, caso houvesse preferência<sup>38</sup>. Na sequência, dispomos um campo para aceite (ou não) da participação no estudo e uma pergunta sobre sua efetiva atuação enquanto profissional ou estudante na instituição. O respondente só teve acesso às perguntas após confirmar essas informações.

Na **Parte I** do questionário, constavam as questões baseadas na Escala Likert – que variavam em seis pontos, considerando pólos extremos de diferenciais semânticos – para que pudéssemos analisar a percepção dos participantes sobre o uso de “@”, “x” e “e” na modalidade escrita. As questões foram divididas em blocos de perguntas aparentadas<sup>39</sup>:

- ★ Bloco 1: Estética – nada bom/muito bom; nada bonito/muito bonito;
- ★ Bloco 2: Agradabilidade – nada agradável/muito agradável;
- ★ Bloco 3: Seriedade – nada sério/muito sério;
- ★ Bloco 4: Pertinência e Formalidade – nada necessário/muito necessário; nada formal/muito formal;
- ★ Bloco 5: Sobre o emprego de determinada variante – nada correto/muito correto; nada adequado/muito adequado; contra/a favor; nada inclusivo/muito inclusivo;
- ★ Bloco 6: Sobre o emprego de determinada variante em manuais e gramáticas – nada correto/muito correto; nada adequado/muito adequado.

Na **Parte II** do questionário, constavam questões para que pudéssemos analisar a percepção que os participantes têm diante de algumas opções de uso linguístico e quais dessas opções eles selecionariam, baseando-se, portanto, em avaliações subjetivas sobre a própria escolha. Para esse momento, trabalhamos com caixas de seleção para as respostas, no ensejo de examinarmos quais e quantas alternativas de uso seriam feitas para as situações comunicativas apresentadas. Foram exibidas:

- ★ Questão para seleção de usos linguísticos em situação onde o respondente *não conhecia o público ao qual iria se dirigir*;

---

<sup>37</sup> Ver Apêndice C.

<sup>38</sup> No TCLE, o participante da pesquisa tem acesso às informações necessárias a respeito dos riscos, benefícios e custos, antes de optar em colaborar com o estudo.

<sup>39</sup> Esta parte e todas as outras do questionário podem ser consultadas no Apêndice D.

- ★ Questão para seleção de usos linguísticos em situação onde o respondente fosse um *professor e não conhecesse sua turma*;
- ★ Questão para seleção de usos linguísticos em situação onde o respondente fosse um *professor e não conhecesse seus colegas de trabalho*;
- ★ Questão para seleção de usos linguísticos em situação onde o respondente fosse um *estudante e não conhecesse o corpo docente*;
- ★ Questão para seleção de usos linguísticos em situação onde o respondente fosse um *estudante e não conhecesse seus colegas de sala*;
- ★ Questão para seleção de usos linguísticos em situação onde o respondente fosse um *técnico-administrativo e não conhecesse o corpo docente*;
- ★ Questão para seleção de usos linguísticos em situação onde o respondente fosse um *técnico-administrativo e não conhecesse o corpo docente*;
- ★ Questão para seleção de usos linguísticos em situação onde o respondente fosse um *técnico-administrativo e não conhecesse seus colegas de trabalho*;

Todas as questões contaram com as seguintes opções de resposta (por exemplo): **todas**; **todes**; **todos**; **tod@s**; **todxs**; **todos(as)**; **todas(os)**; **todos**, **todas** e **todes**; e **todas**, **todos** e **todes**.

Na **Parte III** do questionário, foram apresentadas questões sobre a comunidade LGBTQIAPN+, para que pudéssemos avaliar o nível de conhecimento e familiaridade do participante sobre determinadas causas, como:

- ★ Você sabe o que é uma pessoa não binária?
- ★ Existem pessoas não binárias nos seus círculos sociais?
- ★ Existem pessoas não binárias no seu convívio na UFSCar?
- ★ Você tem conhecimento sobre as causas LGBTQIAPN+?

Como podemos observar, o questionário foi estruturado, majoritariamente, com questões fechadas, em que os respondentes escolheriam uma das alternativas dentre todas as apresentadas (Gil, 2008) – na Parte I, portanto, para cada pergunta, o informante determinaria como resposta apenas um ponto, em uma escala de 1 a 6; na Parte II, seria necessário selecionar qual termo faria uso dentre todos os termos dispostos em caixas de seleção; e, na Parte III, o respondente optaria por apenas uma resposta entre “sim”, “não”, “não sei”, etc. Para Fachin (2006), em uma pesquisa, as questões fechadas são preferidas pelos grupos-alvo, já que

inculcam um entendimento mais fácil e são mais práticas de serem respondidas. Para além do carácter descomplicado aos respondentes, são, também, questões mais fáceis de serem tabuladas e analisadas.

Optamos, também, por algumas questões abertas no decorrer do formulário, para que os indivíduos pudessem desenvolver reflexões relativas a seus posicionamentos, já que, assim, “pode-se detectar melhor a atitude e as opiniões do pesquisado, bem como sua motivação e significação” (Fachin, 2006, p. 163). Cabe destacar, contudo, que as perguntas abertas não eram obrigatórias por reconhecermos a possível perda de dados advinda de respondentes que poderiam escolher não finalizar o questionário devido à necessidade de escrita.

A **Parte Final** do questionário foi constituída por perguntas voltadas ao perfil social do participante: se o respondente era estudante, docente ou técnico-administrativo da IES, qual sua idade, identidade de gênero, orientação sexual, escolaridade, curso/local de atuação, entre outras.

O tempo aproximado para o preenchimento deste questionário foi de quinze a vinte minutos.

## 4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS DO QUESTIONÁRIO

Nesta seção, buscando proporcionar uma análise que elucide da melhor maneira possível os dados coletados através do questionário e os resultados obtidos, apresentamos, primeiramente, as ponderações trazidas pelos informantes nas respostas abertas, de modo que possamos compreender o embasamento subjetivo por trás das escolhas efetuadas nas respostas fechadas, exploradas, em nossa análise, na sequência. Os quadros e gráficos ilustram as respostas dos participantes e suas percepções acerca dos usos linguísticos não binários. Utilizamos tabelas para sintetizar as correspondências entre identidades de gênero/orientações sexuais e os posicionamentos em relação às variantes.

### 4.1 Resultados da divulgação do questionário

A divulgação do questionário, através dos diversos canais oficiais de comunicação da UFSCar, bem como do PPGL, foi realizada, efetivamente, em 10 de maio de 2024. Durante o período de divulgação e coleta de dados, todas as categorias - discentes, técnico-administrativos e docentes - do *campus*-alvo encontravam-se em greve. Inicialmente, em meados de março de 2024, após negociações frustradas junto ao Governo Federal, os servidores técnico-administrativos deflagraram greve. Na sequência, em maio do corrente ano, a classe docente aderiu às manifestações, bem como os estudantes. Em julho de 2024, após intensas negociações, decidiu-se pela saída coletiva da paralisação.

Infelizmente, o quórum de participação no questionário foi extremamente baixo. Nossa hipótese para este resultado, ademais da greve, se respalda na expressiva quantidade de pesquisas noticiadas por esses canais – *boom* gerado em razão da pandemia da Covid-19 –, que acaba produzindo efeito contrário ao objetivo: não somente o elevado índice de desinteresse tem sido percebido, como também as inúmeras tentativas de convite a pesquisas e eventos têm-se somado e culminado em alheamento dos possíveis participantes.

Para driblar essas adversidades, optamos por uma comunicação mais direta com professores e técnico-administrativos, a partir de uma exaustiva coleta de endereços eletrônicos, realizada com base nas páginas institucionais de cada curso e programa de pós-graduação, convidando-os a participarem do estudo e, se possível, disseminarem entre colegas e discentes. Com isso, pudemos ver um aumento significativo no quantitativo de respostas que, a priori, era de 73 e, ao final, totalizou 208 contribuições – delineadas e analisadas nas subseções seguintes.

## 4.2. Análise das percepções subjetivas manifestadas nas questões abertas

Importa destacar que, das 208 respostas obtidas, 8 foram descartadas devido ao fato de os participantes se manifestarem negativamente quanto à sua atuação (estudo/trabalho) no *campus* de São Carlos da UFSCar. Outras 5 respostas também foram excluídas da análise por motivos diversos, como descrições que continham “colaborador”, “pesquisa” e “postdoc”, quanto à atuação na instituição, inviabilizando o discernimento sobre ser estudante ou docente, por exemplo; “NA” (“não se aplica”), em questões sobre o curso de graduação e identidade de gênero; e “prefiro não dizer”, em questões sobre curso de graduação, curso de pós-graduação e identidade de gênero. Tais respostas eram fundamentais para a contabilização completa dos dados e para o resultado deste estudo e, como não houve manifestação clara do participante, optamos pela exclusão das respostas. Ao final, foram considerados 195 dados para análise.

Posteriormente a essa filtragem e com acesso integral às respostas do questionário, iniciamos um processo de categorização das respostas abertas e graficalização das respostas fechadas. Para a construção dos quadros sintéticos sobre as percepções apresentadas (Quadros 5, 6 e 7), exportamos os dados em uma planilha do *Excel*, na qual separamos as argumentações em três blocos (“@”, “x” e “e”) e, para cada uso linguístico, agrupamos as respostas de acordo com a expressão das percepções: positivas, negativas e hesitantes/indecisas, além de uma quarta separação para comentários mais reflexivos. Feito isso, estabelecemos termos-chave distintos para cada resposta, visto que foram elaborados de acordo com os registros dos participantes, que evidenciaram percepções diferentes sobre esses três usos. Na sequência, agrupamos os termos-chaves aparentados.

Como o número de respostas se manteve expressivo, estabelecemos a apuração de 2 comentários (quando existentes) mais completos, por uso linguístico e por posicionamento, para conservarmos a paridade entre eles. No ensejo de garantir o sigilo da identidade dos participantes, as respostas serão identificadas de acordo com as definições do quadro abaixo:

**Quadro 4 - Categorização das respostas do Questionário**

(continua)

<b>Categorias de análise</b>	<b>Descrição das categorias</b>	<b>Nomenclatura na análise</b>
Posicionamento negativo	Exprime opiniões e percepções negativas/contrárias em relação ao uso linguístico apresentado.	Uso de “e”: (1E-N) e (2E-N) Uso de “x”: (1X-N) e (2X-N) Uso de “@”: (1@-N) e (2@-N)

**Quadro 4 - Categorização das respostas do Questionário**

(conclusão)

Posicionamento indeciso	Exprime opiniões e percepções hesitantes em relação ao uso linguístico apresentado.	Uso de “e”: (1E-I) e (2E-I) Uso de “x”: (1X-I) e (2X-I) Uso de “@”: (1@-I) e (2@-I)
Posicionamento positivo	Exprime opiniões e percepções positivas/favoráveis em relação ao uso linguístico apresentado.	Uso de “e”: (1E-P) e (2E-P) Uso de “x”: (1X-P) e (2X-P) Uso de “@”: (1@-P) e (2@-P)
Comentários diversos	Exprime percepções mais reflexivas, de maneira geral, em relação ao uso linguístico apresentado.	Uso de “e”: (1E-D) e (2E-D) Uso de “x”: (1X-D) e (2X-D) Uso de “@”: (1@-D) e (2@-D)

Fonte: Elaboração própria.

Estabelecidos esses critérios, analisamos as respostas dos Quadros 5, 6 e 7, destacando semelhanças e/ou diferenças, caso haja, e o que mais se sobressaiu nos comentários entre os participantes. A escolha dos termos-chave foi baseada nas considerações dos informantes, destacadas, em negrito, dentro das tabelas:

**Quadro 5 - Respostas do Questionário em relação ao uso de “e”**

(continua)

Categorias de análise	Nomenclatura	Termo(s)-chave	Respostas
Posicionamento negativo	(1E-N)	Gramática	Para mim é uma afronta modificar as palavras de modo a querer parecer mais "inclusivo", <b>uma vez que as palavras são bem consolidadas na língua portuguesa</b> . O uso do "e" parece apenas ser uma provocação para o cancelamento de pessoas que não têm nenhum preconceito de gênero, <b>mas que se recusam a modificar a norma culta da língua</b> portuguesa em favor de uma "novilíngua", agressiva e ditatorial.
	(2E-N)	Imposição/ Língua natural	A língua é viva e pode sim mudar com o passar do tempo, <b>mas não funciona de forma contrária, modificar palavras e obrigar o uso, na minha opinião tem que ser de forma natural, se todos começam a falar desse jeito, ok, um dia pode virar regra, mas não o contrários</b> <sup>40</sup> , sem falar da inclusão, o tanto de pessoas analfabetas que temos no Brasil, que é já difícil aprender o português formal, pessoas surdas que usam a libras e o PT é sua segunda língua, pessoas cegas ou com baixa visão que usam leitores e tela, etc.

<sup>40</sup> Os comentários exibidos nas tabelas 5, 6 e 7 estão descritos exatamente da maneira como cada participante preencheu no questionário.

Quadro 5 - Respostas do Questionário em relação ao uso de “e”

(continua)

Posicionamento indeciso	(1E-I)	Coletivos	<p><b>Eu acredito que existem outras formas na língua portuguesa que expresse a neutralidade do gênero, como por ex: estudantes, pessoas, etc.</b> O uso dessa linguagem deixa obvia a posição de inclusividade com pessoas lgbtqiap+ do emissor e isso pode ser bom no sentido de transmitir a imagem de um local seguro etc, ao mesmo tempo que afastará ou entrará em conflito com pessoas que não concorde com o uso da expressão, mesmo que não sejam necessariamente lgbtqiap+fobicas. Eu me questiono muito sobre a problemática de a linguagem aceita como padrão, ser de fato neutra e por isso corroboraria com opressões de gênero, etc. Eu não entendo dessa forma, apesar desse não ser o meu local de fala. Na minha experiencia e convívio, com pessoas autointituladas não binárias, elas não parecem se importar tanto com essa questão visto que ora elas querem ser tratadas pelo feminino e ora pelo masculino. No meu convívio queer, as pessoas gostam desse jogo entre os gêneros postos. Então, na minha sincera opinião, por eu observar que ha mais uma necessidade artificial muitas vezes parte de instituições e palestrantes do que das proprias pessoas não binarias, eu realmente me questiono sobre a necessidade disso apesar de não ser contra. Acho que teriam outras formas de sermos inclusivos mais relevantes do que esse uso do "e", que muitas vezes carrega o tom de deboche, mesmo na boca de pessoas da comunidade.</p>
	(2E-I)	Padrão neutro/ Obrigatoriedade	<p><b>Para mim, a alteração do gênero das palavras para um padrão neutro não tem a ver com estética ou correção gramatical.</b> Mesmo que seja formalmente errado, as pessoas têm o direito de usar essa forma para sinalizar uma posição, marcar um lugar e se dirigir a um público. <b>É como inventar uma palavra nova, ninguém pode proibir a criação de palavras, mas se elas entrarão ou não no dicionário depende mais de uma adesão dos falantes/escritores do que de</b></p>

Quadro 5 - Respostas do Questionário em relação ao uso de “e”

(continua)

Posicionamento indeciso	(2E-I)	Padrão neutro/ Obrigatoriedade	<b>uma decisão racional sobre regras da linguagem. Da mesma forma, eu não gostaria de ser obrigada a ter que usar essa forma todo o tempo na minha fala/escrita.</b> Mas eu uso nas saudações das minhas falas públicas: "Boa noite a todes", mas não substituo o tempo todo o gênero das palavras.
Posicionamento positivo	(1E-P)	Naturalização/ Ideologia	Acredito que essa nova forma de [não] marcar o gênero na língua portuguesa respeita e se adequa ao sistema linguístico do qual já nos apropriamos ao longo de nossas vidas. <b>O uso do "e", no meu grupo social (também me posicionando como uma pessoa não-binária) ocorre muito naturalmente, e creio que os maiores bloqueios sobre esse novo uso por falantes de língua portuguesa são, majoritariamente, ideológicos. Espero que, no futuro, o uso do "e" se torne tão natural quanto tem potencial para ser.</b>
	(2E-P)	Língua viva	<b>A língua muda constantemente e ao longo da história já foi alterada inúmeras vezes, apesar da discussão a cerca do uso de "pronome neutro" ser pouco falada, e no momento não ser considerado gramaticalmente correto, é válido, trazendo a inclusão de outras pessoas, dessa forma deve ser levado em consideração.</b> Existe o debate do português já possuir um neutro, porém as palavras acabam sempre no "masculino", considerando o sexismo linguístico, até mesmo as mulheres são presentes nessas palavras de forma subjetiva.
Comentários diversos	(1E-D)	Terceira categoria	O que me incomoda mesmo é ver alguém falar algo como "Prezados alunos, alunas e alunes". <b>Ao invés de usar o E para incluir todos, está separando mais ainda criando uma terceira categoria.</b>
	(2E-D)	Pessoas não binárias	<b>Existe um grupo específico que se identifica como não-binário e esse ‘e’ parece contemplar esse tipo de marca identitária.</b> O uso do ‘e’ como um forma de neutralizar o gênero me soa mais estranho. Prefiro “prezadas e prezados estudantes”, quando posso (afinal eu tenho uma ideia de como os

**Quadro 5 - Respostas do Questionário em relação ao uso de “e”**

(conclusão)

Comentários diversos	(2E-D)	Pessoas não binárias	estudantes se identificam nas minhas turmas) ou “prezadas, prezados e prezades estudantes” se sei que há estudantes não binários na turma. Em suma, nunca emprego o “e” como se lê no exemplo.
----------------------	--------	----------------------	--

Fonte: Elaboração própria.

**Quadro 6 - Respostas do Questionário em relação ao uso de “x”**

(continua)

Categories de análise	Nomenclatura	Termo(s)-chave	Respostas
Posicionamento negativo	(1X-N)	Especialistas/ Ideologia	Esta tentativa de mudança da língua portuguesa é ainda pior que a anterior (uso de “e”), doe muito os ouvidos. <b>Apenas o congresso brasileiro pode mudar a língua portuguesa, depois claro de uma ampla discussão com os especialistas, digo, os verdadeiros pesquisadores da língua portuguesa, e não aqueles ideológicos, que se apoiam apenas em venda de votos).</b>
	(2X-N)	Pessoas com deficiência/ Leitura de tela	A mesma observação que coloco anteriormente, <b>pensando numa pessoa com deficiência lendo, com seu leitor de tela, porque vai com o "x", é como o uso de "/" para ele/a (o leitor vai ler, "ele barra a"), pensando em acessibilidade comunicacional e informacional é pensar na eliminação de barreiras para todas as pessoas, como diz a LBI.</b>
Posicionamento indeciso	(1X-I)	Descrição fonética	<b>Pensando nas possibilidades de descrição gramatical, considero que o emprego do "e" pode, talvez, apresentar descrições que são fonética e morfologicamente mais acessíveis linguisticamente, em comparação com os outros empregos.</b>
	(2X-I)	Pauta social	<b>Precisamos nos perguntar quem utiliza "todes" ou "todxs", porque a grande maioria da população está por fora ainda dessa discussão. Parece-me que este uso é restrito a quem tem certa formação, a quem se identifica com pautas mais progressistas...nesse sentido, a maior parte da população saberia interpretar o uso de "todxs"? Estes usos pretendem a inclusão, mas não é reconhecido pela maior parte da</b>

**Quadro 6 - Respostas do Questionário em relação ao uso de “x”**

(conclusão)

Posicionamento indeciso	(2X-I)	Pauta social	população, justamente por estarem à margem das discussões que motivam tais usos.
Posicionamento positivo	(1X-P)	Matemática	Entendo que o uso do "x" representa uma ruptura linguística maior. Causa grande estranhamento o uso da consoante em lugar de uma vogal. Contudo, <b>é uma consoante que costuma representar "incógnita" (na área de exatas). Talvez por ter uma atuação nas exatas, por ser uma consoante e por seu uso, me parece, é mais antigo que o uso do "e", não vejo tantos prejuízos na capacidade de comunicação.</b>
	(2X-P)	Pronúncia	<b>Acredito que pode ser usado também, só prefiro "e" mesmo, pois é pronunciável e mais agradável de ser ler por humanos e softwares leitores de tela.</b>
Comentários diversos	(1X-D)	Neurodivergência	O uso de x me confunde na leitura. <b>Sou neurodivergente. O uso de uma consoante já me incomodaria ao aprender a língua já que difere do padrão usual de sílabas em geral terem consoante e vogal.</b> Ainda pior na minha percepção é o x ser uma letra que na leitura forma desenhos e me faz confundir as letras logo antes e logo depois do x. É como se o x se unisse a essas letras e as três virassem uma só.

Fonte: Elaboração própria.

**Quadro 7 - Respostas do Questionário em relação ao uso de “@”**

(continua)

<b>Categorias de análise</b>	<b>Nomenclatura</b>	<b>Termo(s)-chave</b>	<b>Respostas</b>
Posicionamento negativo	(1@-N)	Ataque à língua	Essa proposta é completamente alienígena!!!! <b>Um verdadeiro ataque à língua portuguesa!</b>
	(2@-N)	Pessoas com deficiência/ Leitura de tela	<b>O emprego da partícula "@" no local de vogal bem como de "x" no meio de palavras atrapalha que pessoas com baixa acuidade visual possam utilizar softwares de leitura de tela e textos.</b> Portanto, sou extremamente contra por não ser nada inclusivo.
Posicionamento indeciso	(1@-I)	Praticidade	Apesar de ainda estar no plural e me parecer relativamente desnecessário, <b>o @ é de fácil leitura. Também me remete a uma forma mais inclusiva do parênteses (as) colocados</b>

Quadro 7 - Respostas do Questionário em relação ao uso de “@”

(continua)

Posicionamento indeciso	(1@-I)	Praticidade	<b>nas palavras. Por exemplo, os(as) idosos(as).</b> Porém, tanto o @ quanto o x me preocupam quanto a leitura. Faço uso de leitura em voz alta para facilitar compreensão e por mais que goste do @ esteticamente e prefira usa-lo, <b>o e ainda é bem mais acessível.</b>
	(2@-I)	Debate avançado	<b>O @ já está em um estágio mais avançado em relação às outras alternativas de linguagem neutro.</b>
Posicionamento positivo	(1@-P)	Empregabilidade	<b>Acredito que tenha outros caracteres melhores, mas sua empregabilidade é extremamente válida.</b>
	(2@-P)	Neutralização	Acho o mesmo que em relação ao uso do "x" [O x além de não trazer nenhuma dinâmica na fala cotidiana, o que deve reger a língua na prática, também é pouco inclusivo em textos de descrição para pessoas com deficiência visual], <b>apesar de entender a importância de seus usos para a tentativa de neutralização do machismo na língua portuguesa.</b> Por isso defendo mais o uso do "e".
Comentários diversos	(1@-D)	Atitudes	Novamente seria a mesma resposta, mas vou tecer outro comentário aqui. Para mim, a falta de preconceito seria o tratamento igual de todas as pessoas, o que a norma culta da língua portuguesa já propicia. <b>Modificar a forma de falar não gera inclusão, apenas agressão porque quem não fala desta nova forma sempre acaba sendo classificado e agredido. Para mim isto não é uma tentativa de resolver o problema da inclusão, apenas das pessoas que fazem questão de empregar esta nova linguagem quererem ser tratadas de forma diferente na LINGUAGEM, mas não fazem questão de serem tratadas diferentemente através de ATOS que verdadeiramente possibilitem sua inclusão.</b> Assim, a briga pela linguagem torna-se ponto central do problema, quando na realidade o problema são as ações que as pessoas possam efetivamente fazer para que estas pessoas sejam e se sintam incluídas. <b>Por exemplo, aceitar relacionamentos de pessoas do</b>

**Quadro 7 - Respostas do Questionário em relação ao uso de “@”**

(conclusão)

Comentários diversos	(1@-D)	Atitudes	<b>mesmo gênero é uma ação mais efetiva, independentemente se as pessoas que aceitam estes relacionamentos não usem "e", "x" ou "@" em sua linguagem.</b>
	(2@-D)	Libras	<b>Estou muito mais acostumado com o uso de @, em partes porque quando vamos transcrever sinais da libras usando glosas do português, usamos @ como forma de evitar a marcação de gênero nos sinais que não tem essa marca (ex. MENIN@), mas o que sempre me pega é que o uso desses recursos em textos mais formais fica capenga, porque, até onde vejo o uso, as pessoas usam esses recursos sem muita constância e acaba por criar textos em que o padrão não se sustenta do começo ao fim. É ruim nesse sentida e, por isso, evito. Meus usos desse recurso, quando acontecem, são em textos curtos, como vocativo de e-mails ou anúncios muito curtos.</b>

Fonte: Elaboração própria.

Com base nas considerações levantadas, podemos notar, em um primeiro momento, que algumas percepções se aproximam, sejam elas de caráter contrário ou favorável ao uso linguístico em análise. Nas ponderações de (1E-N), principalmente, (2E-N) e (2E-I), o argumento maior gira em torno de uma “imposição” e “obrigatoriedade” do emprego do “e”, em detrimento de “palavras bem consolidadas na língua portuguesa”, além deste movimento linguístico ser visto como uma “afronta” e uma “provocação para o cancelamento de pessoas que não têm nenhum preconceito de gênero, mas que se recusam a modificar a norma culta da língua portuguesa em favor de uma "novilíngua", agressiva e ditatorial.”. Admite-se, aqui, uma forte associação da norma culta (e não da norma-padrão, portanto) aos preceitos da gramática normativa, que seria tão mais suficiente e acessível a todas as pessoas do que a própria concepção de diversidade e respeito linguísticos.

Argumentações como as anteriores, que giram em torno de uma suposta e perfeita padronização da língua portuguesa, assim como do ilusório purismo linguístico, recuperam ideologias monolingüísticas. Segundo Rodrigues e Nascimento (2020, p. 21),

(...) estas ideologias são as principais responsáveis pela manutenção na crença de que o monolingüismo é uma condição normal e ideal, e que, [sic] a

linguagem padrão é a “língua” desejável que trará benefícios sociais e econômicos. Nesse sentido, a padronização é um processo que institucionaliza um conjunto de posturas avaliativas em relação a práticas de variação em oposição à norma padrão [sic] (...).

Em (2E-N) há uma sinalização quanto à questão da obrigatoriedade, todavia de forma mais maleável ao demonstrar conhecimento sobre a dinamicidade da língua e ao contrapor o uso de “e” a tantas outras pessoas que, de alguma maneira, poderiam ser prejudicadas com a sua adoção. Por fim, em (2E-I), notamos a hesitação de posicionamento quando o enunciador afirma ser esse uso linguístico um direito daqueles que assim o fazem, já que “ninguém pode proibir a criação de palavras”, contudo não gostaria que fosse um emprego imposto, frequente.

No que se refere aos usos de “x” e “@”, nos deparamos com percepções ainda mais negativas, como vistas em (1X-N) e (1@-N), que evidenciam a autoridade do Congresso Brasileiro na tomada de decisões dessa natureza (ainda que o **STF** tenha decidido sobre a inconstitucionalidade de os estados determinarem se as escolas devem utilizar ou não a linguagem não binária em sala de aula<sup>41</sup>), apartando-a, supostamente, de qualquer resquício ideológico, bem como a não valoração da pauta, por a considerar uma proposta “alienígena!!!! Um verdadeiro ataque à língua portuguesa!”.

Em casos como os de (2X-N), (2@-N), (1X-I), (1@-I) e (2@-I), o quesito da empregabilidade é o ponto de convergência entre as opções “x” e “@”. Isso porque, para ambos os casos, a preocupação majoritária dos respondentes recai sobre a eficácia da pronúncia das palavras via *softwares* designados para leituras de tela, em atendimento às necessidades de pessoas com alguma deficiência ou baixa acuidade visual. A fim de driblar esse incômodo, algumas avaliações dos respondentes trazem o emprego de “e” como uma melhor alternativa, conforme exposto em (1X-P), (2X-P) e (1@-P).

Para Gabriel Aquino, pedagogo especialista em acessibilidade e inclusão, em entrevista para a TV UFMG<sup>42</sup>, a discussão sobre a temática se torna relevante por levantar tais aspectos e não deve ser encerrada por preconceitos; é preciso desconstruir a **ideia geral** de que novas variantes lesam a compreensão de pessoas com deficiência (e tamanho cuidado tende a evitar discursos capacitistas), mas que, em contrapartida, são usos que podem, sim, de alguma maneira, prejudicar pessoas com dislexia, em fase de alfabetização, surdos oralizados ou mesmo neurodivergentes, como no caso retratado em (1X-D). Apesar disso, as apreciações

---

<sup>41</sup> Disponível em: <https://portal.stf.jus.br/noticias/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=502208>. Acesso em 07 out. 2024.

<sup>42</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=o4CKf3PTgck>. Acesso em: 09 out. 2024.

tecidas em (2@-D) nos trazem um panorama diferente, manifestando a possibilidade do uso de “@” na transcrição de sinais da Libras, no intuito de evitar marcação de gênero, porém destacando que não há uma constância na utilização desses recursos e que isso afeta na criação de um padrão que se sustenta do começo ao fim. Desse modo, apresenta contextos em que há viabilidade, como em “textos curtos, como vocativo de e-mails ou anúncios muito curtos.”

Ressaltamos, neste primeiro momento e diante dessas respostas, que compreendemos o fato de que nada na língua se dá por **imposição** e, mais ainda, que a ligação deste termo com os efeitos da linguagem não binária nunca foi o ponto de partida da discussão. Atrelar a imposição exclusivamente ao uso de “@”, “x” ou “e” e não o oposto (a imposição pelo não uso dela) denota uma posição político-ideológica, também. Conforme explica Zambrano (2022, p. 60),

Essa noção de “imposição” vem associada à noção de “aceitação”, porque toda nova forma de expressão só se converte em mudança se alcançar a aceitação da comunidade. Nessa comunidade atuam forças político-sociais-ideológicas conflitantes, o que limita a expansão da adoção de certas formas associadas a grupos marginalizados ou invisibilizados.

Indo de encontro a essa assertiva ideológica – a da imposição –, a resposta de (1E-P) revela não só a possibilidade do uso de “e”, como sua verdadeira empregabilidade no dia a dia: “O uso do "e", no meu grupo social (também me posicionando como uma pessoa não-binária) ocorre muito naturalmente, e creio que os maiores bloqueios sobre esse novo uso por falantes de língua portuguesa são, majoritariamente, ideológicos. Espero que, no futuro, o uso do "e" se torne tão natural quanto tem potencial para ser.”

Quando citamos neste trabalho as vicissitudes ideológicas, queremos reforçar que toda visão de mundo individual ou coletiva se transforma em um conjunto de princípios que orienta as ações políticas e sociais dos indivíduos. Em termos gerais, sujeitos conservadores são vistos como relativamente mais tradicionais, dogmáticos e conformistas, enquanto os liberais são percebidos como não convencionais e mais flexíveis em relação ao que é novo (Shook; Fazio, 2009). Isso nos leva a entender o quanto o conservadorismo reverbera no âmbito da linguagem, caracterizado por crenças e atitudes de repreensão e baixa afeição a usos linguísticos disruptivos e o porquê de a discussão sobre a linguagem não binária ser associada à pauta progressista (2X-I). Por outro lado, (1E-P) resgata o enfoque da terceira onda da Sociolinguística: a capacidade que os falantes têm de se posicionar em sociedade, através da comunicação de informações sociais a respeito de sua própria identidade (Santos, 2020), inclusive por meio da língua(gem).

Diante dessas condições, alguns falantes optam por usos genéricos, como, por exemplo,

o emprego de termos coletivos expressos em (1E-I): “estudantes”, “pessoas”, etc. Em sua justificativa, verificamos que ronda determinada incerteza quanto à eficácia e à necessidade da linguagem não binária, embora reconheça que sua empregabilidade tenha um valor significativo àqueles que a pleiteiam: “O uso dessa linguagem deixa óbvia a posição de inclusividade com pessoas lgbtqiap+ do emissor e isso pode ser bom no sentido de transmitir a imagem de um local seguro etc, ao mesmo tempo que afastará ou entrará em conflito com pessoas que não concorde com o uso da expressão, mesmo que não sejam necessariamente lgbtqiap+fóbicas (...) ha mais uma necessidade artificial muitas vezes parte de instituições e palestrantes do que das próprias pessoas não binarias, eu realmente me questiono sobre a necessidade disso apesar de não ser contra.”.

A despeito de seu posicionamento sobre não ser contra à utilização da linguagem não binária, ao questionar sua utilidade, podemos notar uma tentativa de balancear representatividade e preconceito. Ainda que o falante perceba que há um sentido afetivo e de segurança deste emprego linguístico para indivíduos que se identificam como LGBTQIAPN+, demonstra insegurança em relação àqueles que não concordam com o uso e que poderiam sofrer, em alguma medida, retaliação por isso. O que pouco se compreende e se considera, no entanto, é que consciência linguística perpassa valores sociais diversos, como dominação, subordinação, igualdade e direitos, por exemplo. Esses valores estabelecidos na linguagem são valores estabelecidos, na verdade, em sociedade; se a mudança social só ocorre a partir da mudança de comportamento e pensamento dos sujeitos, a percepção de determinados usos linguísticos também pode ser transformada por esses mesmos agentes. Segundo Bakhtin e Volochínov (2006, p. 121): “a mudança de significação é sempre, no final das contas, uma reavaliação: o deslocamento de uma palavra determinada de um contexto apreciativo para outro”, isto é, mudando-se o tom apreciativo de uma palavra ou expressão, muda-se o nível de sua aceitação também.

Espelhamos essas proposições ao verificarmos, também, as considerações tecidas em (1@-D): “Para mim, a falta de preconceito seria o tratamento igual de todas as pessoas, o que a norma culta da língua portuguesa já propicia. **Modificar a forma de falar não gera inclusão, apenas agressão porque quem não fala desta nova forma sempre acaba sendo classificado e agredido** (...) Por exemplo, aceitar relacionamentos de pessoas do mesmo gênero é uma ação mais efetiva, independentemente se as pessoas que aceitam estes relacionamentos não usem "e", "x" ou "@" em sua linguagem.”.

Ao trazer o relacionamento entre pessoas do mesmo gênero, de fato, cabe-nos concordar

que esse respeito é algo efetivo e extremamente importante, mas isso não quer dizer que, na língua(gem), novas discussões que abordem demandas identitárias também não sejam. Da maneira como se coloca, questões de língua são apenas questões latentes, quando, na verdade, são capazes de ditar discursos, posturas e até mesmo suscitar atitudes físicas violentas. A violência simbólica, por vezes, se apresenta disfarçada de “simples opiniões”.

Ao fim e ao cabo, (2@-P) e (2E-P) trazem apontamentos a respeito do sexismo linguístico e do machismo na língua portuguesa, que dialogam diretamente com os atravessamentos na língua articulados anteriormente, além de demonstrar algum conhecimento sobre variabilidade e funcionamento linguísticos (“a língua muda constantemente e ao longo da história já foi alterada inúmeras vezes”). Percebemos, a partir dessas colocações, que pessoas que assimilam o fato de a língua não ser estática e de ela poder servir como um instrumento de mudança social tendem a ser mais abertas e receptivas às novas formas linguísticas. Isso também não exime uma novidade de causar estranhamento e, acerca disso, Zambrano (2022, p. 78) comenta “como toda e qualquer transformação, há um momento inicial de estranhamento e recusa quanto às mudanças de circunstâncias pré-estabelecidas e, na língua, isso também acontece”, o que torna esse processo legítimo. Como aponta Faraco (2005, p. 33): “a diferença de valoração das variedades se cria socialmente: algumas, por razões políticas, sociais e/ou culturais, adquirem uma marca de prestígio e outras não”.

Apesar de (1E-D) não concordar plenamente com a utilização de “e”, pois cria-se uma terceira categoria de gênero ao invés de contemplar todas as categorias em um único uso, (2E-D) enfatiza, justamente, que “existe um grupo específico que se identifica como não-binário e esse ‘e’ parece contemplar esse tipo de marca identitária”.

Com base nessas reflexões, então, analisamos as questões fechadas do questionário.

### **4.3. Análise das percepções subjetivas manifestadas nas questões fechadas**

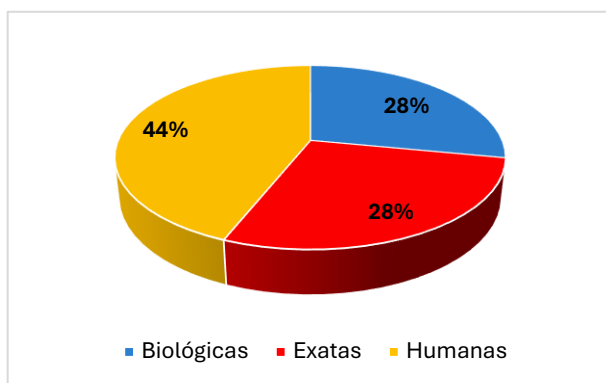
Inicialmente, consideramos necessário delinear como os dados estão organizados. Conforme mencionado na subseção 4.2, o *corpus* desta pesquisa contou com 195 respondentes: dentre eles estão 95 estudantes de graduação e pós-graduação, 90 docentes e 10 técnico-administrativos, segmentados por suas respectivas áreas de formação (em andamento ou concluída) – Humanas, Exatas e Biológicas<sup>43</sup>. A adesão ao questionário não contemplou de

---

<sup>43</sup> O agrupamento dos cursos por área de atuação se deu a partir da Tabela de Áreas de Conhecimento da CAPES. Disponível em: [http://fisio.icb.usp.br:4882/posgraduacao/bolsas/capesproex\\_bolsas/tabela\\_areas.html#grupo5](http://fisio.icb.usp.br:4882/posgraduacao/bolsas/capesproex_bolsas/tabela_areas.html#grupo5). Acesso em: 12 out. 2024.

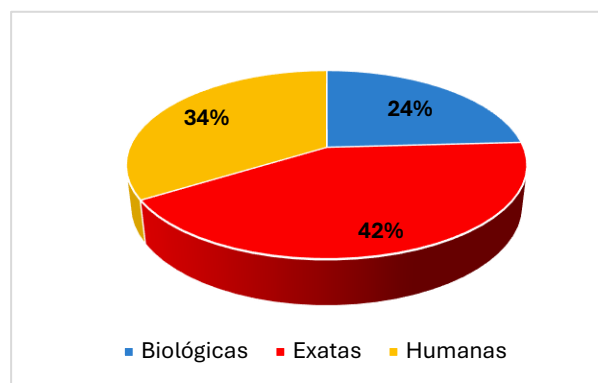
maneira equilibrada as 3 áreas de atuação, a considerar o contexto de recolhimento das informações exposto na subseção 4.1. Com este panorama em tela, a distribuição geral se deu da seguinte forma:

**Gráfico 2 - Formação (em andamento ou concluída), por área de conhecimento, na graduação**



Fonte: Elaboração própria.

**Gráfico 1 - Formação (em andamento ou concluída), por área de conhecimento, na pós-graduação**



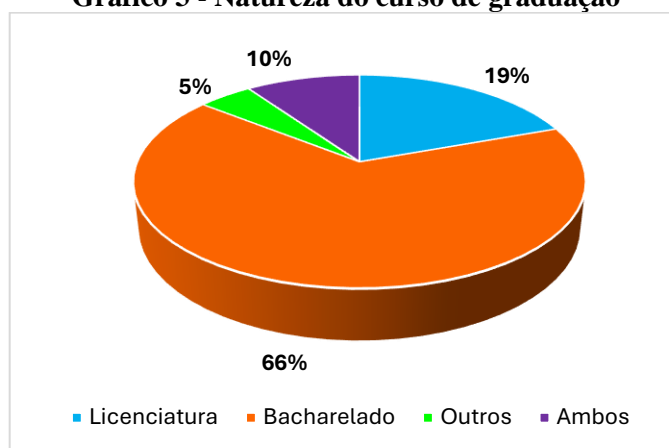
Fonte: Elaboração própria.

Como podemos observar, os respondentes indicaram, majoritariamente, formação em cursos de graduação da área de Humanas, enquanto, em termos de pós-graduação, houve predomínio da área de Exatas. Um dos motivos para esses percentuais diferentes seria o fato de algumas pessoas terem cursado mestrado ou doutorado em área diversa de sua área de formação inicial, ou, ainda, o fato de haver participantes cuja formação se deteve apenas ao nível de graduação.

Segundo Ferreira, Tenani e Gonçalves (2012, p. 180), diversos trabalhos variacionistas já confirmaram que há uma correlação relevante entre determinados usos linguísticos e níveis de escolaridade: “maiores níveis de escolarização estão sempre associados ao uso mais frequente da forma padrão e menores níveis de escolarização ao uso mais frequente da forma não-padrão”. Em nossas análises, entendemos que cruzar os dados sobre o nível de escolaridade dos informantes com a aceitação ou não das variantes “@”, “x” e “e” não exerceria tanta influência como outros aspectos variáveis, uma vez que todos possuem, no mínimo, o mesmo nível de formação (graduação).

Em relação aos cursos de graduação (em andamento ou concluídos), sobre os quais hipotetizamos haver alguma influência da natureza do curso – consequentemente, das discussões neles presentes – nas respostas dadas ao questionário, obtivemos a seguinte distribuição:

**Gráfico 3 - Natureza do curso de graduação**



Fonte: Elaboração própria.

Os dados contemplados em “outros” indicam respostas que fugiram do esperado, como o preenchimento do nome do curso de formação e o registro de “NA” (não se aplica). Por entendermos que o primeiro caso seria um erro de colocação e o segundo uma resposta possível, optamos por não excluir essas informações da nossa análise. Interessa-nos perceber, aqui, que 66% dos respondentes fazem ou fizeram cursos de bacharelado, enquanto apenas 19% cursam ou cursaram licenciatura.

Diante do cenário até aqui exposto, conduzimos a análise a partir de quatro aspectos, articulados no decorrer da análise: i) se a circunstância em que as graduações são predominantemente oriundas da área de Humanas pode determinar respostas, em maior parte, maleáveis a respeito do fenômeno linguístico investigado; ii) o quanto o contexto de pós-graduação prevalecer em área divergente (Exatas) da elencada anteriormente pode influenciar e, por conseguinte, sobrepor os dados; iii) em que medida o tipo de formação pode configurar graus diferentes de percepções sobre os usos linguísticos – já que estamos diante de futuros professores que, necessariamente, lidarão com futuros discentes e suas respectivas identidades em contextos de ensino – e professores em exercício que já lidam com isso –, logo, a imprescindibilidade de uma educação formativa que trate sobre/da diversidade (seja linguística, seja interpessoal); e, por fim, iv) o que podemos observar ao considerar as percepções subjetivas e os graus de concordância entre atuações díspares na Universidade – docente, discente e técnico-administrativo.

Ao polarizarmos os cursos de Humanas e Exatas em extremidades opostas (e generalizantes, ainda que isso não seja totalmente aplicável), associamos tais cursos aos sujeitos que o fazem e que, em maior ou menor grau, tendem a se identificar com as ideologias

predispostas a essas áreas de conhecimento. Usualmente, as Humanidades ou Humanas, como o próprio nome sugere, são ciências que estudam o ser humano, tanto como indivíduo, quanto como sociedade. Para isso, analisam aspectos sociais, econômicos, políticos, históricos, dentre outros, e, conseqüentemente, debatem aspectos falhos do sistema capitalista, tal qual disparidade econômica, desigualdade social, pautas político-sociais, sendo compreensível sua ligação às ideologias de esquerda. Segundo a Politize!<sup>44</sup> (2022, s/p, *online*), “em geral, a esquerda se define por aqueles que acreditam na possibilidade de um Estado com equidade e justiça social”.

Por outro lado, a área de Exatas é um campo de estudo voltado ao cálculo, às expressões matemáticas, cujo foco é a resolução de problemas de maneira lógica e categórica. O estudo em outras fontes, com pouca ligação às questões político-sociais, por exemplo, e mais contato com as concepções meritocráticas, acaba direcionando esses perfis a uma ideologia de direita, que é “essencialmente individualista” (Politize!, 2017, s/p, *online*<sup>45</sup>). Essas explicações corroboram aquilo que foi dito na subseção 4.2, quando descrevemos que sujeitos conservadores tendem a ser mais conformistas, enquanto liberais são mais flexíveis no que concerne ao “diferente”, ao “novo”.

Ao sintetizarmos as primeiras informações angariadas a respeito dos colaboradores do questionário, entendemos haver uma possibilidade de equilíbrio entre os graus de concordância favoráveis e desfavoráveis sobre os usos linguísticos não binários. Isso porque, quando observamos os gráficos (cf. gráfico 1 e 2), notamos que, na graduação, 44% representam Humanidades (o que pode indicar um grau de aceitação maior), mas, na pós, 42% representam Exatas (e, nessa lógica, indicaria graus de rejeição maior). Assim, se olharmos apenas para os dados de formação, por área de conhecimento, da graduação, a tendência poderia ser termos um resultado positivo, mas, se considerarmos os dados de formação, por área de conhecimento, da pós-graduação, essa dedução se inverteria, o que corresponde às chances percentuais de equilíbrio (50%/50%) entre pólos positivo e negativo acerca do tratamento do fenômeno, de maneira geral. O que poderia motivar certo desequilíbrio, nesse contexto, determinando uma tendência à contrariedade do uso da linguagem não binária, seria a proporção acentuada de formações em grau de bacharel.

---

<sup>44</sup> Organização da sociedade civil, sem fins lucrativos, que atua na área da educação política. Disponível em: <https://www.politize.com.br/esquerda-no-brasil>. Acesso em: 12 out. 2024.

<sup>45</sup> Disponível em <https://www.politize.com.br/direita-e-esquerda-valores/>. Acesso em: 12 out. 2024.

Para que possamos verificar esses elementos, os gráficos 4, 5 e 6 demonstram os níveis de concordância de **todos** os participantes em relação aos usos de “e”, “x” e “@”, explorados nas seguintes sentenças, na Parte I do questionário:

**Figura 13 - Sentença para avaliação com o uso de "e"**

**RATIFICAÇÃO**  
Prezades alunes das turmas Fortaleza 2 e 3, as aulas de hoje (09/05) serão realizadas no Auditório da Pós- Graduação de História

Fonte: Elaboração própria.

**Figura 14 - Sentença para avaliação com o uso de "x"**

**RATIFICAÇÃO**  
PrezadxS alunxs das turmas Fortaleza 2 e 3, as aulas de hoje (09/05) serão realizadas no Auditório da Pós- Graduação de História

Fonte: Elaboração própria.

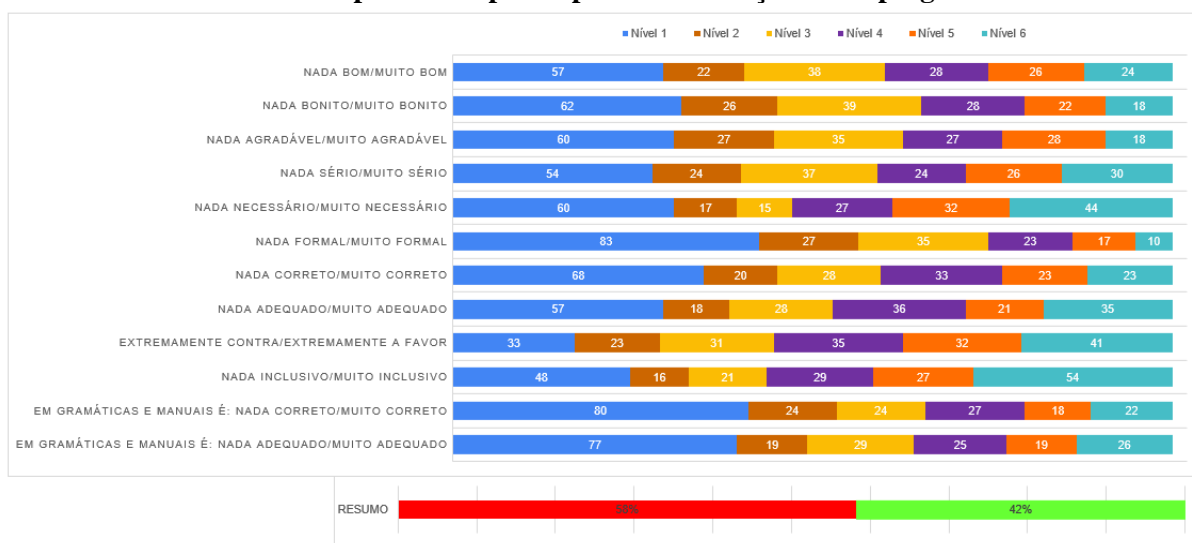
**Figura 15 - Sentença para avaliação com o uso de "@"**

**RATIFICAÇÃO**  
Prezad@s alun@s das turmas Fortaleza 2 e 3, as aulas de hoje (09/05) serão realizadas no Auditório da Pós- Graduação de História

Fonte: Elaboração própria.

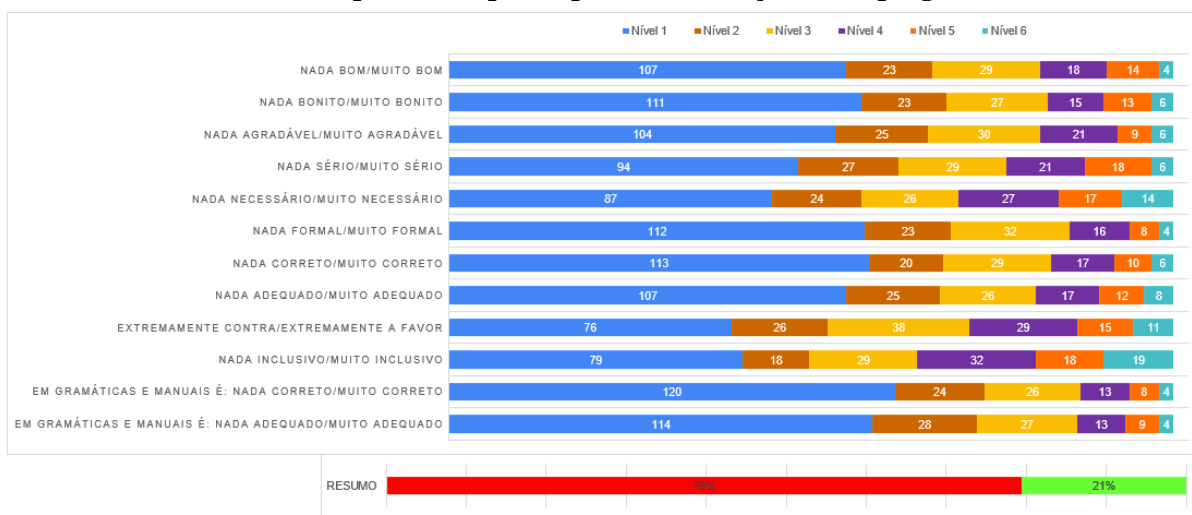
No decorrer do questionário, anteriormente às sentenças apresentadas acima, definidas como Parte I, havia uma orientação ilustrativa de como as respostas deveriam ser interpretadas e preenchidas, indicando que à esquerda seria o pólo mais negativo e à direita o pólo mais positivo. Os doze questionamentos a respeito desses usos resultaram nos gráficos abaixo:

**Gráfico 4 - Respostas dos participantes em relação ao emprego do "e"**



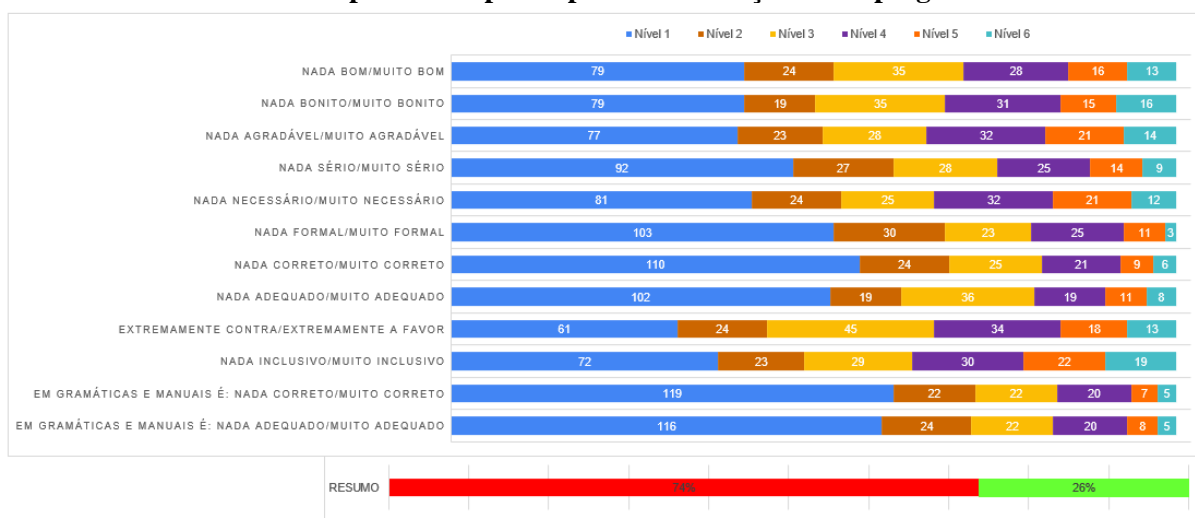
Fonte: Elaboração própria.

**Gráfico 5 - Respostas dos participantes em relação ao emprego do "x"**



Fonte: Elaboração própria.

**Gráfico 6 - Respostas dos participantes em relação ao emprego do "@"**



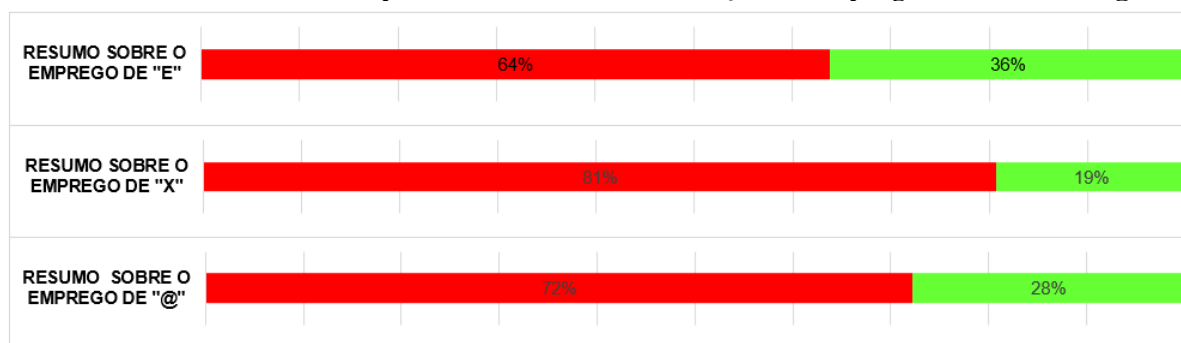
Fonte: Elaboração própria.

Os “Níveis” destacados nos gráficos se referem aos graus de concordância na escala apresentada no questionário, em que 1, 2 e 3 representam os níveis mais negativos, enquanto 4, 5 e 6, no extremo oposto, representam os níveis mais positivos. Os números cardinais destacados dentro de cada coloração da barra são os quantitativos totais consagrados pelos respondentes. Abaixo, no resumo, trazemos uma síntese do gráfico como um todo: baseado nas quantidades apresentadas como resposta a cada pergunta, determinamos a porcentagem geral que representa a soma dos níveis negativos e níveis positivos.

Tal como pudemos constatar na análise das respostas abertas, o uso linguístico que obteve maior aprovação dentre os três sugeridos foi o “e” (42%), relegando o “x” à menor apreciação (21%). Esperávamos que, de maneira geral, o “e” fosse ser mais aceito do que as outras variantes, pelas razões sempre muito pontuadas pelos falantes quanto à possibilidade de oralização, de alteração sintática e de leitura, mas nos surpreendeu o resultado ser de 58% propenso ao negativo. Consoante ao disposto na introdução deste trabalho, supusemos que a variação seria maiormente positiva a julgar pelo espaço universitário aventar contextos sexual e de gênero diversos. Ao verificarmos a quantidade expressa em cada nível, notamos que o Nível 1 (caracterizado pelo “nada...”) foi pontuado em larga escala nos três casos, enquanto o Nível 6 (“muito...”) teve um número mais expressivo apenas em relação ao emprego de “e”.

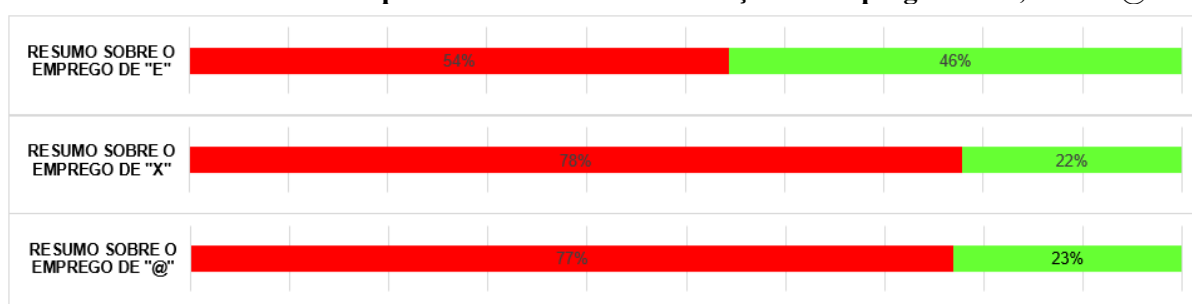
Em busca de compreendermos mais a fundo esses posicionamentos, vejamos os resumos do que cada classe atuante na UFSCar apontou:

**Gráfico 7 - Resumo das respostas dos docentes em relação ao emprego de “e”, “x” e “@”**



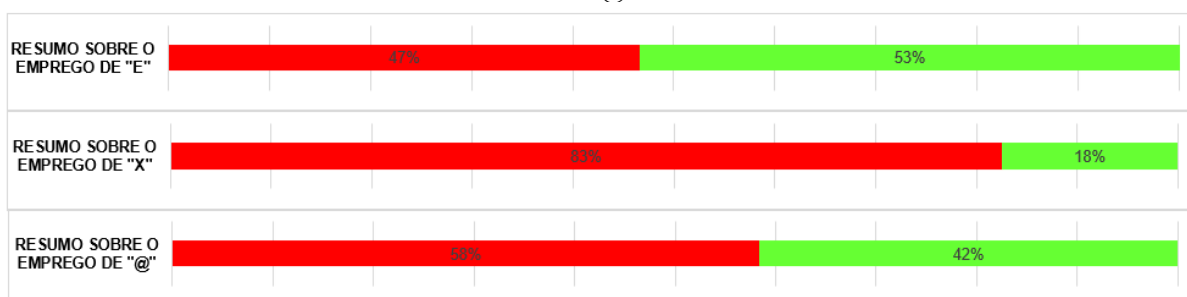
Fonte: Elaboração própria.

**Gráfico 8 - Resumo das respostas de estudantes em relação ao emprego de “e”, “x” e “@”**



Fonte: Elaboração própria.

**Gráfico 9 - Resumo das respostas de técnico-administrativos em relação ao emprego de “e”, “x” e “@”**



Fonte: Elaboração própria.

Em suma, em todas as classes, o emprego de “x” e “@” teve os maiores índices de rejeição, episódio motivado por serem propostas mais difíceis de implementação na língua. No entanto, observamos que, a respeito do uso de “e”, o resumo das respostas de técnico-administrativos evidenciou um saldo positivo quanto à adesão dessa variante. Cogitamos ser um indicativo próspero, entretanto o baixo quórum de participantes dessa categoria pode ter sido um fator nocivo determinante na representatividade desses dados.

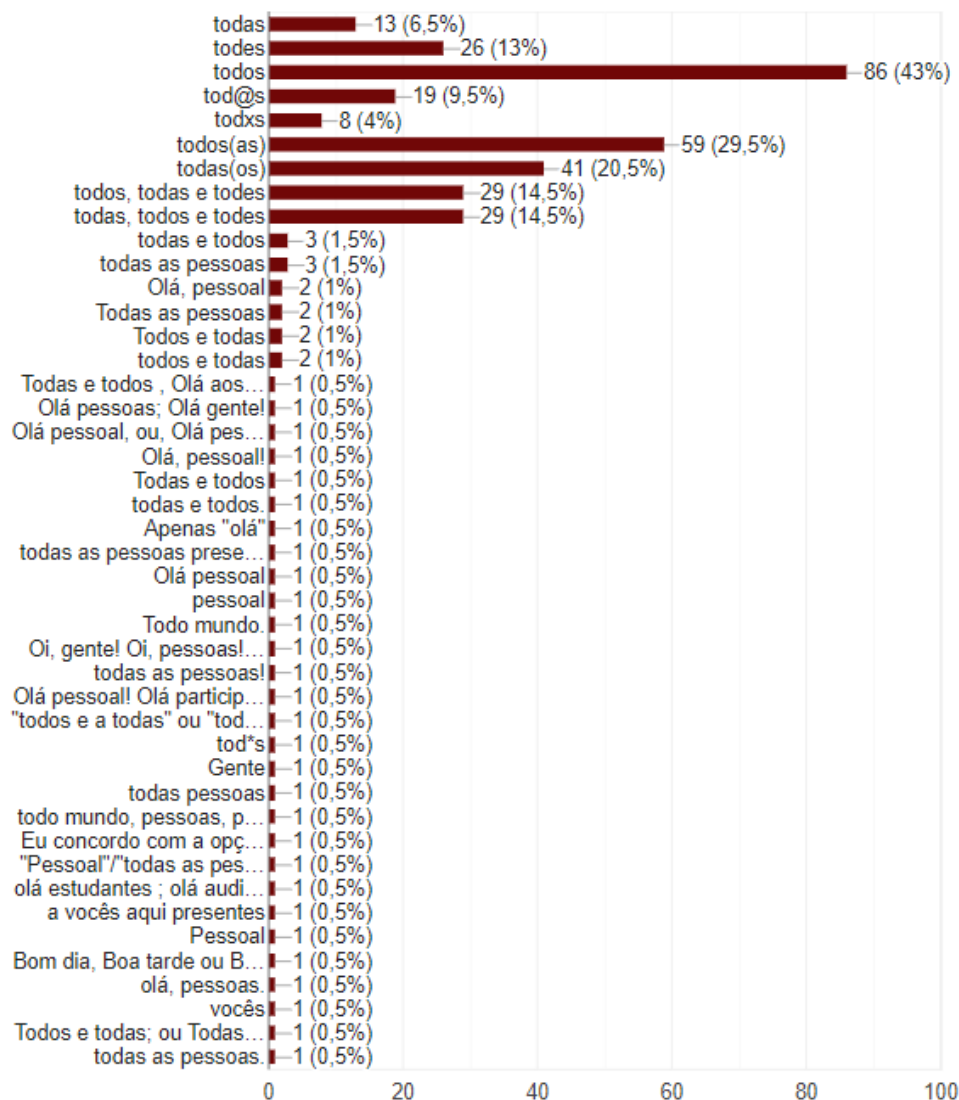
Para a Parte II do questionário, propusemos contextos em que o respondente teria atuações específicas e deveria indicar quais escolhas linguísticas faria em cada caso. Neste

momento do questionário, optamos por trabalhar com caixas de seleção para que o participante pudesse escolher quantas alternativas julgasse necessárias. Isto posto, os resultados que serão exibidos, naturalmente, terão um quantitativo maior do que o número de participantes. Via de regra, as opções principais para seleção foram:

- Prezadas
- Prezades
- Prezados
- Prezad@s
- Prezadx
- Prezados(as)
- Prezadas(os)
- Prezados, prezadas e prezades
- Prezadas, prezados e prezades
- Outros...

No campo intitulado “Outros”, os participantes poderiam declarar qualquer outra forma que empregariam para além daquelas sugeridas. Baseando-nos no percentual inicial obtido, computamos os seguintes dados:

**Gráfico 10 - Percentual inicial das respostas obtidas na Parte II**



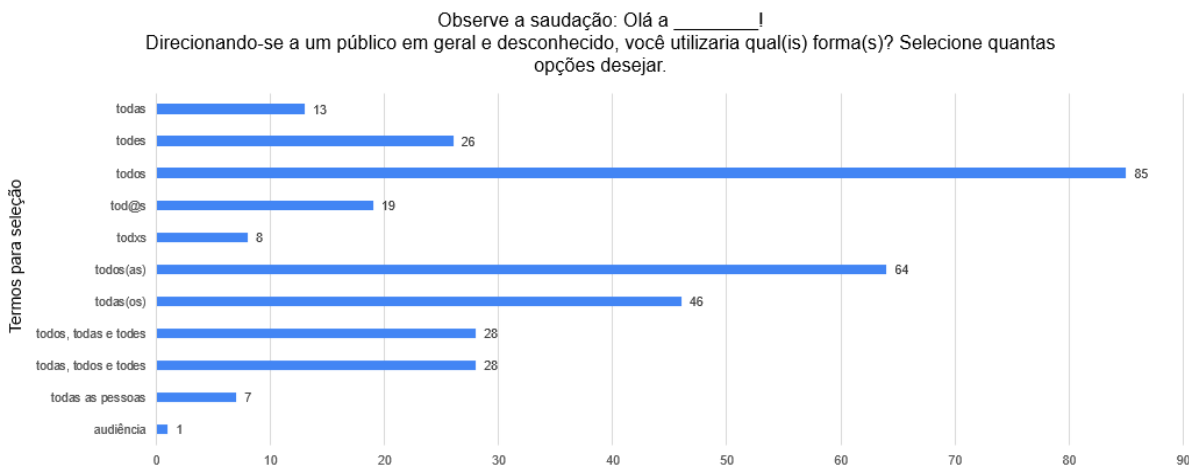
Fonte: Elaboração própria.

Posto isto, decidimos pela exclusão de respostas que figuravam abaixo de 10% – apenas se tais respostas não pudessem ser aglutinadas em outras. Após essa filtragem, optamos por conservar alguns termos inusuais trazidos como opção, a fim de que pudéssemos observar a frequência de uso diante de cada contexto. Como todos os respondentes precisaram se colocar na mesma posição para definir qual termo elegeriam, não analisamos por classe de atuação<sup>46</sup>.

<sup>46</sup> Contextos de comunicação entre “estudantes > técnico-administrativos” e “docentes > técnico-administrativos” não foram abordados pelo fato de que, em situações reais de uso, em geral, estudantes e docentes dirigem-se a apenas um técnico-administrativo da instituição. Também ambicionamos reduzir o questionário da melhor forma possível para não se tornar algo maçante aos participantes.

Ao selecionarmos os dados para exploração, transformamos o quantitativo dos termos mais escolhidos nos gráficos listados de 11 a 18<sup>47</sup>:

### Gráfico 11 - Pergunta n° 01 - Parte II



Fonte: Elaboração própria.

### Gráfico 12 - Pergunta n° 02 – Parte II

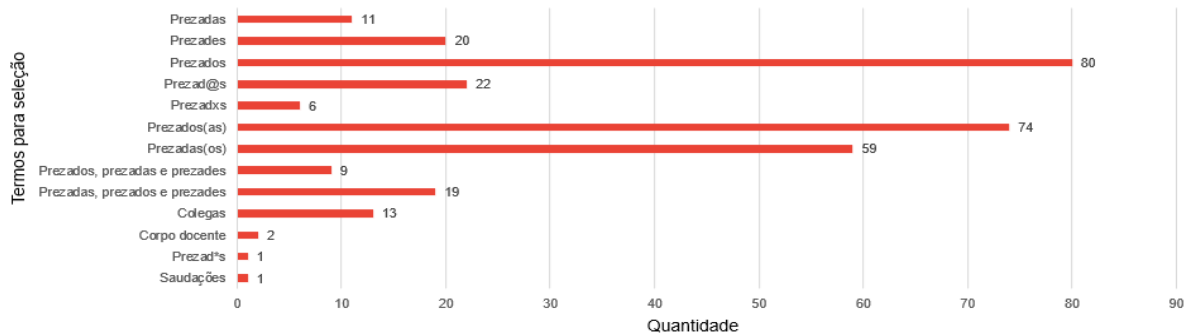


Fonte: Elaboração própria.

<sup>47</sup> No contexto apresentado no gráfico 11, propusemos uma situação comunicativa em que os respondentes não precisariam se colocar em nenhum papel específico de atuação e, por conseguinte, deveriam indicar apenas quais usos linguísticos fariam em uma situação comunicativa escrita a um público desconhecido. Compreendemos, no entanto, a possibilidade de ter havido uma leitura equivocada nesse momento, levando o participante a considerar o questionamento diante de um contexto de fala.

### Gráfico 13 - Pergunta n° 03 - Parte II

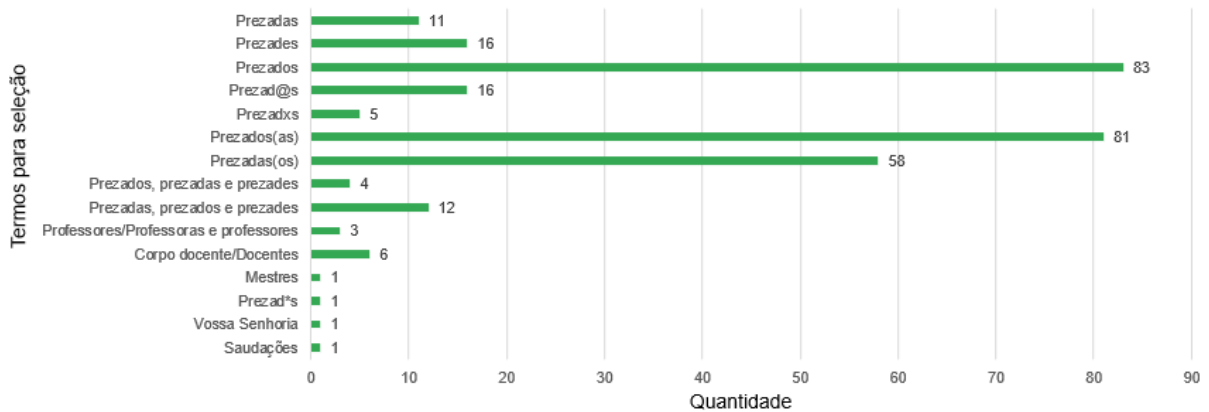
Considere que você seja um professor e não conheça seus colegas de trabalho. Das opções abaixo, qual(is) você escolheria para a escrita de um e-mail endereçado ao corpo docente? Selecione quantas opções desejar.



Fonte: Elaboração própria.

### Gráfico 14 - Pergunta n° 04 - Parte II

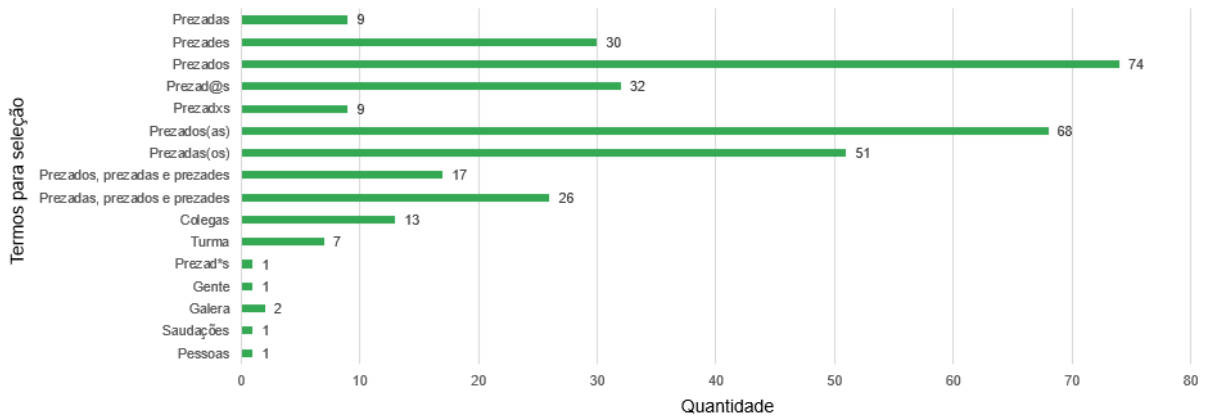
Considere que você seja um estudante e não conheça seus professores. Das opções abaixo, qual(is) você escolheria para a escrita de um e-mail endereçado ao corpo docente? Selecione quantas opções desejar.



Fonte: Elaboração própria.

### Gráfico 15 - Pergunta n° 05 - Parte II

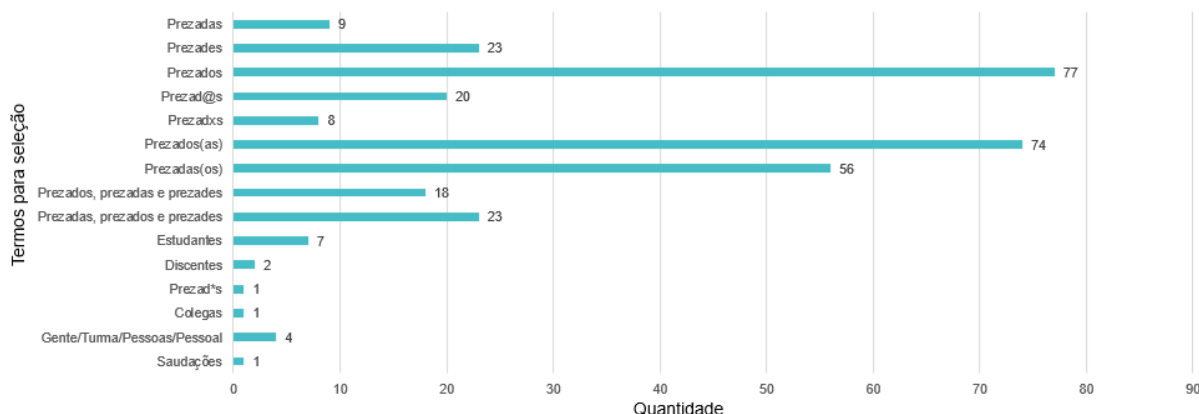
Considere que você seja um estudante e não conheça seus colegas de sala. Das opções abaixo, qual(is) você escolheria para a escrita de um e-mail à turma? Selecione quantas opções desejar.



Fonte: Elaboração própria.

### Gráfico 16 - Pergunta n° 06 - Parte II

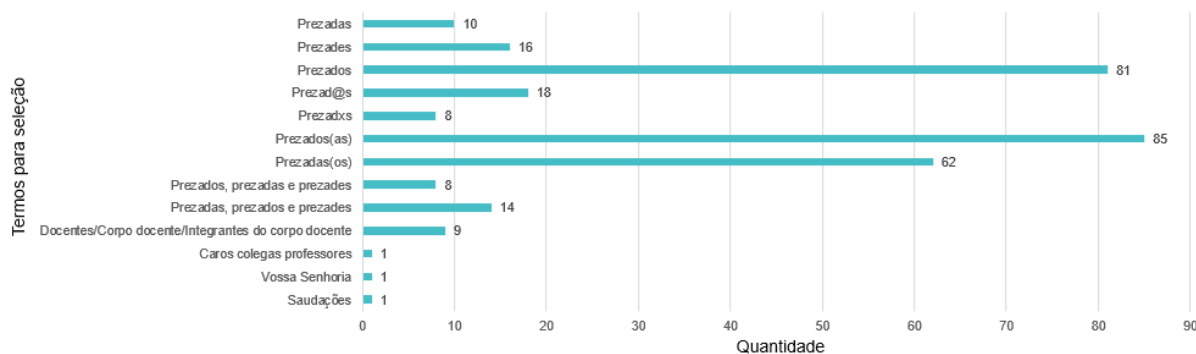
Considere que você seja um técnico-administrativo e não conheça os estudantes. Das opções abaixo, qual(is) você escolheria para a escrita de um e-mail à classe discente? Selecione quantas opções desejar.



Fonte: Elaboração própria.

### Gráfico 17 - Pergunta n° 07 - Parte II

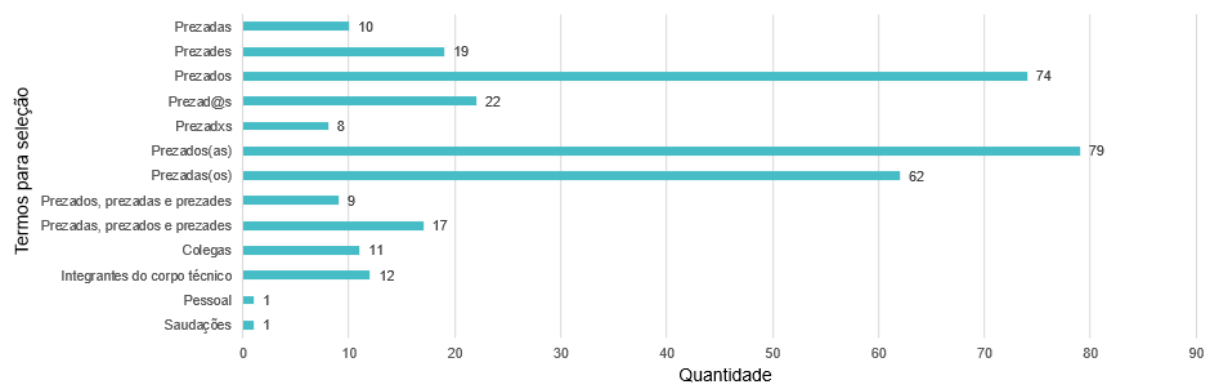
Considere que você seja um técnico-administrativo e não conheça os professores. Das opções abaixo, qual(is) você escolheria para a escrita de um e-mail à classe docente? Selecione quantas opções desejar.



Fonte: Elaboração própria.

### Gráfico 18 - Pergunta n° 08 - Parte II

Considere que você seja um técnico-administrativo e não conheça seus colegas de trabalho. Das opções abaixo, qual(is) você escolheria para a escrita de um e-mail a outro técnico-administrativo? Selecione quantas opções desejar.



Fonte: Elaboração própria.

Com exceção do gráfico 18, cujo contexto apresentado situa ser um técnico-administrativo contatando outro técnico-administrativo, em todos os outros gráficos vemos o

mesmo padrão de predominância dos termos, sendo, em ordem decrescente: 1º prezados; 2º prezados(as) e 3º prezadas(os).

No que compete aos contextos de atuação diferentes, analisamos caso a caso, a fim de apurar se houve percentuais discrepantes significativos. O gráfico 11 recupera a pergunta nº 01 que buscava abordar um contexto de público desconhecido e, nessa circunstância, notamos um forte engajamento em relação ao uso do masculino genérico (todos), seguido do uso privilegiado do masculino (todos(as)) e, na sequência, o uso flexionado do gênero feminino em primeiro plano (todas(os)). Neste cenário, aparece um cômputo médio de 30 respostas que abordariam o uso não binário (todes/todos, todas e todes/todas, todos e todes) em suas falas.

Quando analisamos os contextos em que se trata de um docente dirigindo-se a sua turma ou de um docente dirigindo-se a seus colegas de profissão, as estimativas de uso se mantêm muito próximas, inclusive no que se refere ao uso de “todes”. Um traço bem interessante é que o resultado de frequência do emprego deste último é bastante harmônico com a frequência de “@”.

Nos contextos em que tratamos de um estudante em contato com docentes e estudantes em contato com colegas de turma, há uma queda significativa no uso do masculino genérico (prezados) e do uso privilegiado do masculino (prezados(as)). Percebemos que o quantitativo de emprego da linguagem não binária (“e”) aumenta consideravelmente (16 > 30 “prezades”), assim como o uso da intervenção semiótica (“@”), que passa de 16 para 32 sinalizações. A opção de destacar todos os gêneros (“prezadas, prezados e prezades”) também sobe de 12 para 26.

No último enquadramento, cuja sequência se dá de TA > estudante, TA > docente e TA > TA, observamos algumas variações consideráveis. No primeiro cenário, além do masculino genérico ser o uso majoritário, existe uma média de 20 seleções para o uso não binário (“todes”) e para a marcação dos três gêneros (“prezadas, prezados e prezades”); quando a situação comunicativa passa a ser direcionada aos docentes, o quantitativo de masculino genérico aumenta e dos usos linguísticos não binários cai, notadamente. No cenário comunicativo entre servidores de mesma função, isto é, TA > TA, ocorre uma inversão no padrão estabelecido até então: o termo principal passa a ser “prezados(as)”, seguido de “prezados” e “prezadas(os)”. Em todos os contextos em que o respondente deve se colocar como TA, o uso de “@” se manteve estável.

Optamos por trazer à análise termos como “audiência”, “prezad\*s” e “saudações” – esses dois últimos aparecendo em quase todos os contextos –, mesmo que tenham figurado em

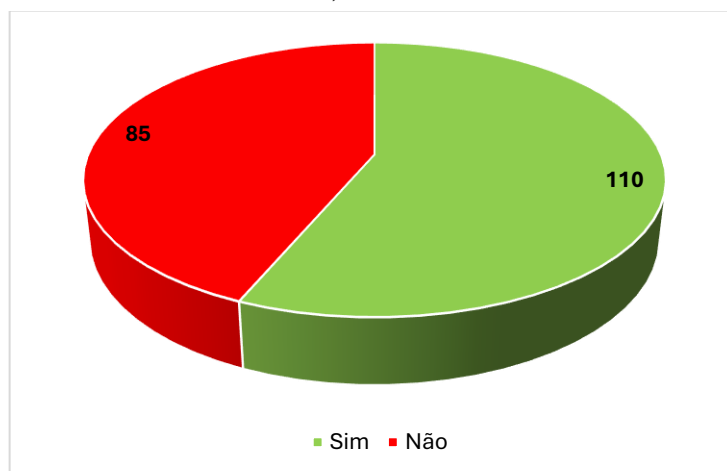
percentual baixo, por fugirem de qualquer outra marcação conhecida ou pensada para esses casos. No mais, o que pudemos identificar é que as novas alternativas anunciadas pelos respondentes são equivalentes entre si: de maneira genérica, esses sujeitos buscam utilizar termos coletivos para evitarem o emprego do masculino genérico, expressos por palavras como: “gente”, “turma”, “galera”, “colegas”, “integrantes do corpo técnico”, “corpo docente”, entre outros.

Notamos que a posição hierárquica na estrutura do ambiente acadêmico pode ser uma justificativa para as escolhas, sugerindo a utilização da norma-padrão da língua como um meio de alcance de “igual para igual” nesse determinado contexto. As estruturas de poder definem e delimitam a forma como deve-se falar e portar. Por outro lado, num enquadramento entre amigos e colegas, em geral, prenuncia-se uma circunstância de informalidade, o que justificaria os usos apontados.

#### 4.4 Análise do perfil social dos informantes

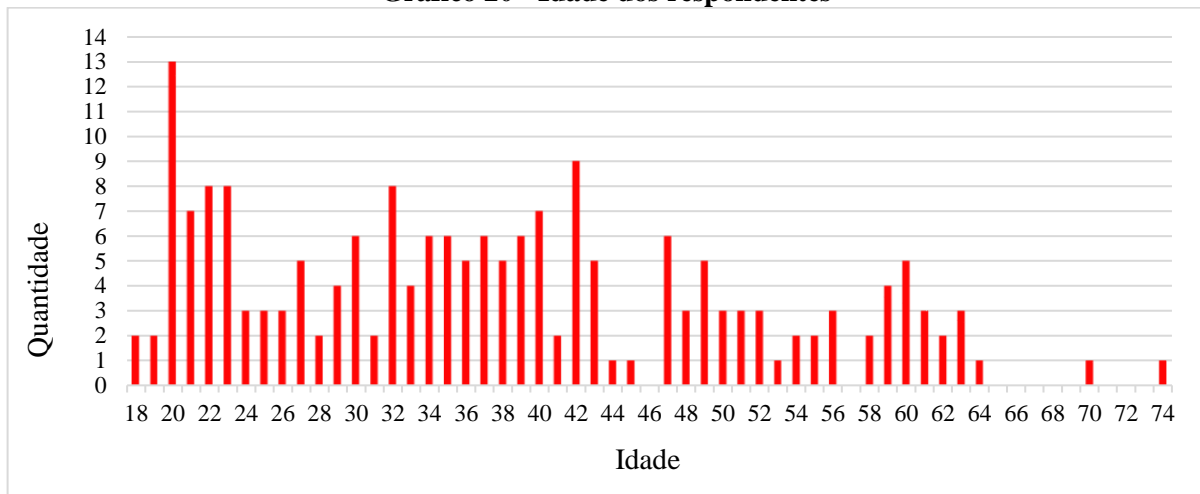
Em nosso estudo, consideramos como um dos pontos mais importantes a relação entre o perfil dos respondentes e o pertencimento e/ou conhecimento das causas LGBTQIAPN+. Esses dados são valiosos para que possamos entender as redes sociais desses indivíduos e o quanto isso pode influenciar nas percepções e atitudes linguísticas. Os gráficos presentes nesta subseção, oriundos do “Perfil do participante” e da “Parte III” do questionário, sintetizarão essas informações:

**Gráfico 19 - Pergunta n° 05 – Parte III: Você concorda com o emprego da marcação de "@", "x" e "e"?**



Fonte: Elaboração própria.

**Gráfico 20 - Idade dos respondentes**



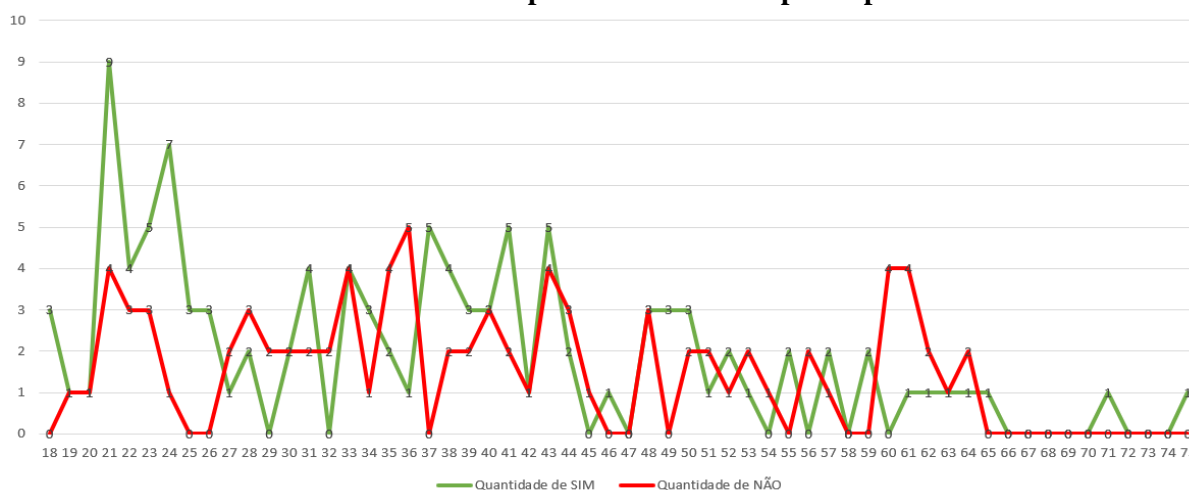
Fonte: Elaboração própria.

Os estudos do campo macrossociolinguístico, como já caracterizado em seção anterior, buscam investigar a interação das sociedades com as suas línguas, “envolvendo as atitudes que levam à distribuição funcional das formas de falar, à manutenção, mudança ou substituição da linguagem, à delimitação de comunidades de fala etc.; em outras palavras, focaliza a dimensão linguística da sociedade” (Severo; Görski, 2023, p. 9756-9757). Conforme relembra Brandão (2018), os papéis dessas categorias macrossociais sobre a escolha dos falantes por tal variante de determinada variável remetem aos estudos de Labov (2008[1972], 1994, 2001), sob os quais os processos de variação e mudança linguística podem ser analisados fundamentados pela diacronia ou pela sincronia.

As discussões regidas pelo viés diacrônico compreendem análises linguísticas que englobam as mudanças ocorridas através do tempo, enquanto os estudos sincrônicos estudam os fenômenos da língua através de um recorte. A partir desta primeira, conseguimos observar os diferentes estágios de uma variável, que pode se consolidar em mudança linguística ou não, e o fator etário pode deter grande influência nisso. Brandão (2018, p. 147) salienta: “É também possível identificarmos, ao invés de uma mudança em progresso via gradação etária, uma variação estável, em que falantes de determinadas idades optam pelo uso de uma variante que é característica do grupo e do contexto do qual fazem parte.”.

Neste estudo, observarmos um fenômeno linguístico – ainda que guiado a partir de um recorte temporal, no qual as oscilações de concordância sobre determinado uso são ainda mais evidentes –, considerando, também, a geração da qual um informante faz parte, pode nos dar um indicativo bem explicativo.

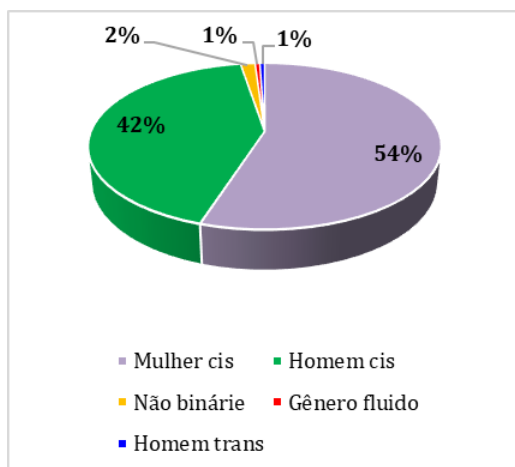
**Gráfico 21 - Idade e posicionamento dos participantes**



Fonte: Elaboração própria.

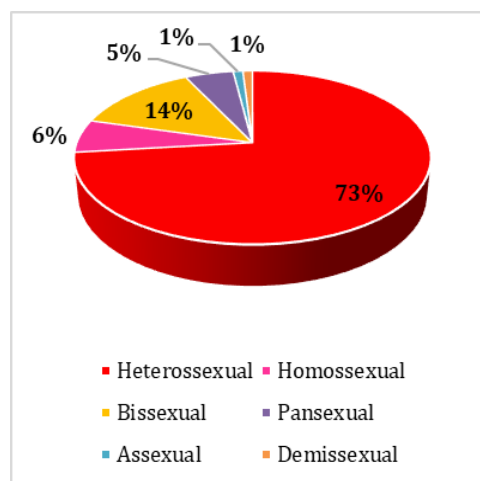
Ao cruzarmos os dados da Pergunta nº 05 (“Você concorda com o emprego da marcação de “@”, “x” e “e”?”) com a idade dos respondentes, notamos que os mais jovens tendem a ser mais favoráveis à utilização das marcações não binárias, demonstrando picos quantitativos entre 20 e 24 anos, enquanto os mais velhos tendem a negar mais o uso dessa linguagem, quando estão entre 60 e 61 anos. Na faixa etária mediana (33 a 43 anos, mais ou menos), encontramos tanto picos de positividade quanto de negatividade em relação ao uso de “@”, “x” e “e”, em termos gerais. Isso confirma o que se espera para a atuação da variável faixa etária em fenômenos variáveis (Labov, 1972), nos quais gerações mais novas são mais abertas a aderir e disseminar usos linguísticos considerados distantes da norma-padrão do que gerações mais antigas, cuja tendência é conservar usos já consolidados na língua. Interpretamos que o emprego de “@”, “x” e “e” também pode ser regido por outras variáveis sociais, como, por exemplo, identidade de gênero, orientação sexual e até mesmo conhecimento e convivência com pessoas LGBTQIAPN+ – questões tratadas na sequência.

**Gráfico 23 - Identidade de gênero**



Fonte: Elaboração própria.

**Gráfico 22 - Orientação sexual**



Fonte: Elaboração própria.

Como podemos observar, não obtivemos, neste estudo, uma variabilidade no perfil social dos informantes. No que compete à identidade de gênero, por exemplo, não houve alcance significativo de pessoas não binárias para participação. Em relação à orientação sexual dos participantes, pensamos que, por haver aquelas que fogem do padrão heteronormativo, poderíamos verificar indícios de uma conexão com o fenômeno variável. As tabelas 5 e 6 trazem essas referências cruzadas com os posicionamentos favoráveis e contrários ao uso da linguagem não binária:

**Tabela 5 - Posicionamentos sobre as variantes de acordo com identidade de gênero**

Identidade de gênero	Quantitativo a favor	Identidade de gênero	Quantitativo contra
Homem cis	40	Homem cis	45
Homem trans	1	Homem trans	0
Mulher cis	65	Mulher cis	40
Mulher trans	0	Mulher trans	0
Não binária	3	Não binária	0
Gênero fluido	1	Gênero fluido	0

Fonte: Elaboração própria.

**Tabela 6 - Posicionamentos sobre as variantes de acordo com a orientação sexual**

Orientação sexual	Quantitativo a favor	Orientação sexual	Quantitativo contra
Heterossexual	73	Heterossexual	70
Homossexual	7	Homossexual	5
Bissexual	16	Bissexual	10
Demissexual	2	Demissexual	0
Pansexual	10	Pansexual	0
Assexual	2	Assexual	0

Fonte: Elaboração própria.

É possível notar, diante desses dados, a prevalência de identidades cis-heteronormativas. Por um lado, compreendemos que a amostra deste estudo é extremamente restrita e, antagonicamente ao esperado, não atingiu a heterogenia necessária para análises mais factuais. Inobstante, é aceitável pontuar que, ainda que haja esse desequilíbrio no montante, as informações são significativas.

Em ambos os contextos, aquelas pessoas cuja identidade se constrói à margem dos protótipos sociais, ou seja, não correspondem ao padrão hetero/cis, são, majoritariamente, a favor dos usos linguísticos em discussão. Como podemos observar na tabela 5, apenas pessoas que se identificam como cisgêneras apresentam posicionamento contrário. Homem trans, não binários e gênero fluido são expressamente a favor. Isso também é percebido na tabela 6: há dados de pessoas da comunidade LGBTQIAPN+ contrárias aos usos linguísticos (5 homossexuais e 10 bissexuais), todavia, a apreciação positiva em relação a esses empregos ainda é maior.

Ainda que, a priori, essa análise pareça ser de cunho essencialista, reduzindo os sujeitos a tão somente às suas identidades de gênero e sexualidade, o que propomos, na verdade, é chamar a atenção às *personas* por trás dessas construções identitárias e como essas construções e o sentimento de “pertença” a determinado grupo social podem influenciar nas escolhas e atitudes linguísticas. Na terceira onda, esse é o ponto central das investigações. Souza e Lopes (2021, p. 16) reiteram que “o falante é um usuário ativo da língua, agindo conscientemente na construção de seu comportamento estilístico, recrutando variantes linguísticas como recurso para a construção de *persona/personae* e jogando com o significado social de tais variantes.”.

As perguntas finais do questionário vão ao encontro das premissas deste estudo, as quais

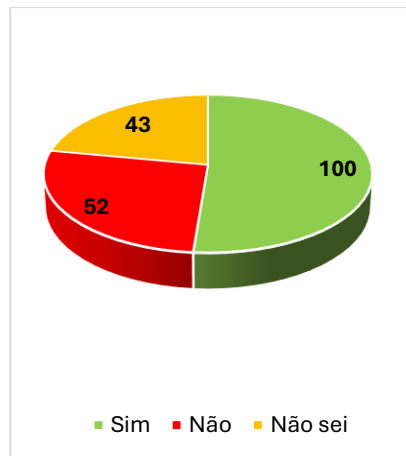
supõem que identidade, pertença e convivência/conhecimento das causas LGBTQIAPN+ são fatores fundamentais e que interferem na predileção de um ou outro uso linguístico.

**Gráfico 25 - Pergunta n° 01 – Parte III: Você sabe o que é uma pessoa não binária?**



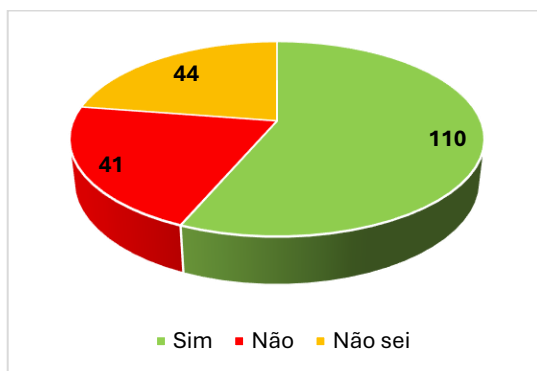
Fonte: Elaboração própria.

**Gráfico 24 - Pergunta n° 02 – Parte III: Existem pessoas não binárias nos seus círculos sociais?**



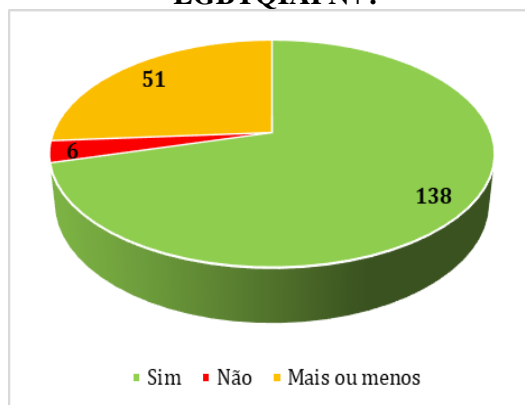
Fonte: Elaboração própria.

**Gráfico 26 - Pergunta n° 03 – Parte III: Existem pessoas não binárias no seu convívio na UFSCar?**



Fonte: Elaboração própria.

**Gráfico 27 - Pergunta n° 04 – Parte III: Você tem conhecimento sobre as causas LGBTQIAPN+?**



Fonte: Elaboração própria.

Cerca de 90% dos informantes demonstraram saber o que é uma pessoa não binária. Os gráficos mostram que em torno de 50% dos respondentes convivem com pessoas não binárias, seja no círculo social ou no ambiente de trabalho. Apenas 6 pessoas sinalizaram não ter qualquer conhecimento quanto às causas da comunidade LGBTQIAPN+.

Entendemos, por um lado, que essas informações sugerem uma boa perspectiva no que compete à visibilidade de grupos minorizados. Por outro lado, ao confrontarmos esses dados com as reações subjetivas, temos essas informações como um elemento crítico, já que há conhecimento sobre a existência de outras identidades de gênero, sobre pessoas não binárias, mas não há uma expectativa de representatividade na língua de maneira equivalente.

Quanto ao gráfico 19, temos um exemplo claro do que Oushiro (2015) afirma sobre as percepções que os sujeitos têm e os comentários que emitem baseados nisso e, seguramente, o impacto que há nas atitudes linguísticas:

Em razão de serem por vezes contraditórios ou incompletos, o valor informativo de tais comentários nem sempre pode ser tomado como evidência direta de processos linguísticos. Aquilo que um informante diz sobre certas variantes não necessariamente reflete seus próprios usos linguísticos ou de determinados grupos sociais (Oushiro, 2015, p. 264, grifo nosso).

Isto é, ainda que tenhamos observado grande bloqueio e rejeição em relação aos usos linguísticos não binários, defronte a um questionamento franco sobre a concordância de tais usos, a maioria dos falantes demonstraram ser favoráveis.

#### **4.5 Síntese dos resultados**

A partir das discussões esmiuçadas sobre cada parte do questionário aplicado, fazemos, por fim, uma síntese dos principais pontos levantados:

- **Respostas abertas (Parte I)**

As discussões levantadas sobre a linguagem não binária demonstraram grande preferência em relação ao uso do “e”, dentre as três opções (“@”, “x” e “e”). Isso se deu devido à percepção dos falantes sobre os outros dois usos linguísticos não terem uma correspondência fonético-fonológica, além da grande preocupação com a inclusão de pessoas com deficiência com baixa acuidade visual, que poderiam ter a leitura de tela e textos, através de *softwares*, truncada.

Alguns informantes, apesar de concordarem que o emprego do “e” é melhor, ressaltaram

a dificuldade de uma implementação na língua a longo prazo devido à dificuldade da flexão do “e” em toda oração (por exemplo: Essa aqui é a minha sobrinha/Esse aqui é o meu sobrinho > Est? aqui é mi? sobrinhe). Nesse sentido, dão espaço ao uso de termos genéricos ou coletivos para evitar a utilização do masculino como genérico (por ex.: aluna/aluno > estudante).

Pudemos perceber que determinadas pessoas não aceitam o emprego dessas alternativas na língua por terem consciência de que remetem a pessoas da comunidade LGBTQIAPN+, enquanto outros apoiam o uso pelo mesmo motivo.

#### ▪ **Respostas fechadas (Parte II)**

Os dados a respeito da formação dos informantes nos mostraram que os participantes fazem ou fizeram cursos de graduação que são, majoritariamente, da área de Humanas, enquanto na pós-graduação eles estão em ou concluíram cursos da área de Exatas. Dentre o número total de respondentes, 66% afirmaram ter formação em bacharelado, 19% indicaram ter formação em licenciatura e 10% apontaram ter formação em licenciatura e bacharelado.

Todas as variantes estudadas tiveram grandes índices de rejeição: “e” – 58%, “x” – 79%, “@” – 74%. Por atuação, a gradação de aceitação, em ordem decrescente, se deu da seguinte maneira: 1º técnico-administrativos; 2º discentes, 3º docentes. O gráfico de adesão ou não aos usos pelos técnico-administrativos foi o único que apresentou variabilidade positiva quanto ao uso do “e”, isto é, indicou que 53% das respostas, em geral, foram positivas, em detrimento de 47% negativas; os outros dois empregos tiveram aceitação menor. Os participantes cuja formação advém da área de Humanas são mais receptivos em relação ao uso da linguagem não binária. A área de Exatas se sobressai nos resultados referentes à rejeição do fenômeno variável e forma(n)dos da área de Biológicas mantêm posicionamentos balanceados entre aceitação e rejeição.

Nas questões em que trabalhamos a escolha de termos para o preenchimento de lacunas e para o direcionamento a um público em específico, tivemos a predominância do masculino genérico (“todos”), seguido do masculino/feminino (“todos(as)”) e, por último, do feminino/masculino (“todas(os)”). O uso de “todes” teve uma variabilidade em determinados contextos, equiparando-se com “tod@s”. No geral, “todes” ficou em quarta colocação.

#### ▪ **Perguntas gerais/perfil social dos informantes (Parte III e Parte Final)**

Em relação ao perfil dos respondentes, questões como idade, identidade de gênero,

orientação sexual, conhecimento das causas LGBTQIAPN+, convivência com pessoas não binárias e posicionamento a respeito dos usos linguísticos foram abordadas.

A faixa etária atingida foi de 18 a 74 anos e pudemos perceber uma aceitação maior das alternativas linguísticas vinda dos mais jovens. Há um grande embate sobre a aceitação desses usos na margem dos 28-43 anos. Infelizmente, o quórum relativo às identidades de gênero e orientações sexuais não foi heterogêneo; tivemos como padrão a heterocisnormatividade, isto é, homens e mulheres cis e heterossexuais fizeram parte do quantitativo predominante.

A maioria dos respondentes sinalizou saber o que é uma pessoa não binária, convive com pessoas não binárias e tem conhecimento sobre as causas LGBTQIAPN+. Ao final, 56% dos informantes demonstraram ser **a favor** dos usos linguísticos. Este dado nos intrigou bastante pois diverge de tudo o que foi apresentado ao longo do questionário. Ponderamos, para isso, o fato de que, na pergunta da Parte III, indagamos se os respondentes concordavam com a marcação dos **três usos** e não apenas de **um uso** em específico, como fora analisado nos gráficos. Como o “e” foi relativamente mais aceito, poderia ser a causa dessa divergência. Deduzimos, também, que, assim como o Paradoxo do Observador em entrevistas sociolinguísticas (Labov, 2006 [1966]), haveria, neste momento final, um receio quanto ao sujeito respondente ser percebido e/ou interpretado como uma pessoa preconceituosa, já que em muitos comentários os falantes afirmaram não concordar com o uso, mas aceitá-lo. Optamos por apresentar esta pergunta somente ao final, a fim de evitarmos influenciar as respostas dos participantes ao longo do questionário.

Procuramos verificar se havia uma conexão entre aqueles que discordam e aqueles que não têm conhecimento das causas LGBTQIAPN+ e as respostas foram: aqueles que não têm conhecimento nenhum da causa discordam veementemente (6 não); aqueles que definiram ter conhecimento concordam em sua maioria (83 sim/56 não); e aqueles que indicaram ter “mais ou menos” conhecimento demonstraram maior parcela, também, em concordância (27 sim/23 não).

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, buscamos investigar as percepções de falantes do português brasileiro acerca da linguagem não binária, na escrita – a partir do emprego de intervenções semióticas (como, por exemplo, o uso de “@” e “x”) e do emprego de “e”, nas palavras e sentenças. Para isso, realizamos a aplicação de um questionário, dividido em quatro grandes partes, com o objetivo de alcançarmos estudantes, docentes e técnico-administrativos de uma universidade federal, cujas respostas compreenderiam suas percepções subjetivas sobre esses usos.

Nossa pesquisa contou com a participação de 208 respondentes, dos quais 13 participantes precisaram ser removidos de acordo com a nossa filtragem metodológica, resultando em 195 respostas para análise. Para um olhar estatístico criterioso, considerando que o número total de pessoas do *campus* São Carlos da UFSCar é de 11.362, seria necessário atingirmos a margem de 372 respostas – o que não ocorreu.

Dadas as condições adversas pelas quais o trabalho passou, incluindo uma greve, pensamos em uma reflexão mais qualitativa dos dados, a partir da elaboração de quadros e de gráficos e tabelas de frequência, sem a preocupação fulcral, neste momento, de um tratamento estatístico detalhado. Diante disso, o interesse se voltou a um tratamento mais interpretativo de uma amostra situada de um público restrito. As conclusões não se referem a **toda** a comunidade da UFSCar, mas dão um indicativo sobre como essa comunidade tem pensado acerca da linguagem não binária, isto é, dão alguns indícios iniciais.

O que podemos perceber, a partir de todo o debate realizado neste estudo, é a, ainda, rejeição da linguagem não binária. Em suma, essa negação se ampara quase sempre na defesa da gramática normativa, do purismo linguístico e da tentativa de “proteção” do “bom” português. Aquilo que é ensinado nos primeiros anos escolares sobre língua rege um grande impacto durante toda a formação e compreensão dos indivíduos sobre o que pode ser considerado “certo” e “errado” – e, portanto, todas as manifestações que fogem da norma-padrão aprendida são vistas como condenáveis.

Embora os índices apresentados tenham sido negativos, ao analisarmos a gradação de aceitação, identificamos, em ordem decrescente, que técnico-administrativos responderam de maneira mais receptiva aos usos linguísticos não binários, seguidos dos discentes e dos docentes. Os docentes, portanto, foram os que demonstraram menor indício de aceitação. Para esta análise, entendemos que essa afeição negativa advinda de corpos que compõem maior

autoridade dentro da universidade, para além das áreas de formação, pode nos mostrar alguma justificativa.

Conjecturamos que, pelo fato de a Academia ser um espaço que possibilita maiores discussões e acolhimento sobre diversidade, também seria um espaço de maior aceitação a nível linguístico – o que não ocorreu. Pudemos perceber que a universidade é um espaço composto por pessoas bastante conservadoras. Dito isto, buscar justificar ou concluir que o não uso da linguagem não binária deve-se, apenas, à obrigatoriedade da norma-padrão da língua portuguesa dentro da universidade como um fator determinante não é suficiente.

Observamos, baseando-nos em trabalhos anteriores até o presente estudo, que há um bom funcionamento da linguagem não binária em outros países. Já no contexto universitário aqui trabalhado (podendo expandir-se a outros contextos sociais também), existe uma gradação clara na utilização das várias linguagens, sendo consideradas: 1º) a norma-padrão da língua portuguesa, fazendo uso, para tanto, do **masculino genérico** para abarcar todas as pessoas; 2º) a utilização da **linguagem inclusiva**, destacando os gêneros binários na fala e/ou na escrita, na intenção de se atingir todas as pessoas de maneira igualitária; e, por fim, 3º) a utilização da **linguagem não binária**, que, essencialmente, busca abranger um terceiro gênero nos contextos de comunicação.

É necessário ressaltar que não somos contra a gramática normativa, assim como nenhum linguista é. Conforme destaca Scherre (2005, p. 71): “sou contra, sim, sua veneração cega, que gera necessariamente seu uso equivocado, humilhando o ser humano por meio do que ele tem de mais característico: o dom de dominar a própria língua.”. E acrescentamos: o dom de modificar a própria língua também. O uso da linguagem não binária não trata da destruição da língua portuguesa, mas da ampliação das possibilidades de representação por meio dela.

O baixo nível de participação de respondentes à pesquisa, apesar de toda a movimentação realizada para a divulgação do estudo, afetou significativamente a interpretação dos dados coletados, o que nos leva a pensar que, talvez, os indicadores de gênero e sexualidade não sejam tão ínfimos como os deste estudo e que, talvez, poderiam ter nos mostrado muitas outras variações representativas. Cabe, aqui, espaço a novas investigações que venham a discorrer sobre o mesmo tema, com base em referências quantitativas mais congruentes.

Por fim, compreendemos que o uso da linguagem não binária confere não só respeito, como também proteção da saúde mental de sujeitos que se sentem desconfortáveis ao serem chamados por termos masculinos ou femininos. Quando propomos a discussão dessas novas alternativas linguísticas, não estamos decretando o fim do (uso do) masculino e do feminino,

quer seja na gramática, quer seja socialmente; estamos buscando compreender quais as motivações e quais corpos estão reivindicando mudanças. Se a curto prazo, na língua, existem obstáculos, o que pode ser feito para que isso seja solucionado? Qual o grande impacto civil, senão o da inclusão? As formas não marcadas de gênero para pessoas que não se identificam com os pronomes tradicionais visam a isso. Normalizar essa linguagem é também normalizar suas existências.

## REFERÊNCIAS

- ABAURRE, M. B. M. Entrevista com Maria Bernadete M. Abaurre. *In: XAVIER, A. C.; CORTEZ, S. (org.). **Conversa com linguistas: virtudes e controvérsias da linguística.** São Paulo: Parábola Editorial, 2006, p. 13-24.*
- ALKMIM, T. M. Sociolinguística - Parte I. *In: MUSSALIM, F; BENTES, A. C. (org.). **Introdução à linguística** - domínios e fronteiras. v. 1. São Paulo: Cortez, 2001. p. 22-47.*
- ALVES, C. P. Políticas de identidade e políticas de educação: estudo sobre identidade. **Psicologia & Sociedade**, v. 29, p. 1-9, 2017.
- ALVES, F. **Lei que proíbe uso da linguagem neutra em escolas de Natal é aprovada na Câmara Municipal.** G1, Rio Grande do Norte, 21 dez. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/rn/rio-grande-do-norte/noticia/2023/12/21/lei-que-proibe-uso-da-linguagem-neutra-em-escolas-de-natal-e-aprovada-na-camara-municipal.ghtml>. Acesso em: 22 dez. 2023.
- ANACLETO, A. A. A.; GALLICIANO, V.; TEIXEIRA-FILHO, F. S. **Relações de gênero, sexualidades e diversidades, um diálogo no espaço universitário.** III Simpósio Internacional de Educação Sexual: Corpos, Identidade de Gênero e Heteronormatividade no Espaço Escolar. Maringá, 2013.
- ANDRADE, A. L. de; CRUZ, R. M.; PAUL, S.; BITENCOURT, R. F. Construção de escalas de diferencial semântico: medida de avaliação de sons no interior de aeronaves. **Revista Avaliação Psicológica**, v. 8, n. 2, p. 197-208, 2009.
- BAGNO, M. **Língua, linguagem, linguística: pondo os pingos nos ii.** São Paulo: Parábola Editorial, 2014.
- BAGNO, M. O que é uma língua? Imaginário, ciência e hipóstase. *In: LAGARES, X. C.; BAGNO, M. (org.). **Políticas da norma e conflitos linguísticos.** Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. p. 355-387.*
- BAGNO, M. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz.** 48./49. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2007.
- BAKHTIN, M.; VOLOCHÍNOV, V. N. A interação verbal. *In: BAKHTIN, M.; VOLOCHÍNOV, V. N. **Marxismo e Filosofia da Linguagem.** Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006. p. 112-130*

- BARBOSA, J. B.; GHESSI, R. R. Atitudes linguísticas e o ensino de língua portuguesa: uma reflexão sociolinguística. **Tabuleiro de Letras**, v. 13, p. 69-91, 2019.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reta e Augusto Pinheiro. 3a. reimp., 1. ed. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BORBA, R. Linguística queer: algumas desorientações. *In*: BORBA, R. (org.). **Discursos transviados: por uma linguística queer**. São Paulo: Cortez, 2020a. p. 9-45.
- BORBA, R. Falantxs transviadxs: linguística queer e performatividades monstruosas. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, v. 21, n. 2, p. 388-409, 2020b.
- BORBA, R. Peles trans, mascaras cis: transfobia, patologização e táticas de resistência. *In*: LOPES, A.; FACINA, A.; SILVA, D. (org.). **Nó em pingo d'água: sobrevivência, cultura, linguagem**. Rio de Janeiro e Florianópolis: Morula e Insular, 2019. p. 171-205.
- BORBA, R. Linguística Queer: uma perspectiva pós-identitária para os estudos da linguagem. **Revista Entrelinhas**, v. 9, n. 1, p. 91-107, 2015.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **Manual de sociolinguística**. São Paulo: Editora Contexto, 2014.
- BRANDÃO, S. M. Variável faixa etária - índice de pressão social e/ou mudança em curso? **Revista Diálogos**, v. 7, n. 1, 146-167, 2018.
- BUTLER, J. **Corpos que importam: os limites discursivos do "sexo"**. Tradução de Veronica Daminelli e Daniel Yago Françoli. 1. ed. São Paulo: Crocodilo, 2019 [1993].
- BUTLER, J. **Problemas de Gênero: Feminismo e a Subversão da Identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- BUTLER, J. **Excitable Speech: A Politics of the Performative**. Nova York: Routledge, 1997.
- CALVET, L. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.
- CÂMARA JR., J. M. **Estrutura da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Vozes, 1970.
- CANDAU, V. M. **Sociedade, educação e cultura(s): questões e propostas**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2002.
- CARLOMAGNO, M.; ROCHA, L. C. Como criar categorias e classificar categorias para fazer análise de conteúdo: uma questão metodológica. **Revista Eletrônica de Ciência Política**, v. 7, n. 1, p. 173-188, 2016.

- CARVALHO, D. As genitálias da gramática. **Revista da ABRALIN**, v. 19, n. 1, p. 1-21, 2020.
- CHESHIRE, J. **Variation in English dialect: a sociolinguistic study**. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.
- CIAMPA, A. C. Políticas de identidade e identidades políticas. *In*: DUNKER, C. I. L.; PASSOS, M. C. (org.). **Uma Psicologia que se interroga: ensaios**. São Paulo: Edicon, 2002. p. 133-144.
- CIASCA, S. V.; HERCOWITZ, A.; LOPES JUNIOR, A. **Saúde LGBTQIA+**: práticas de cuidado transdisciplinar. Santana de Parnaíba: Manole, 2021.
- COELHO, I. L.; GÖRSKI, E. M.; MAY, G. H.; SOUZA, C. M. N. **Sociolinguística – 6º Período**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2012.
- CORBETT, G. **Gender**. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.
- CRUZ, F. B. A polêmica entre Djavan e conservadores em torno da linguagem neutra. **Veja São Paulo**, 28 jun. 2023. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/o-som-e-a-furia/a-polemica-entre-djavan-e-conservadores-em-torno-da-linguagem-neutra>. Acesso em: 22 dez. 2023.
- DILLINGER, M. Forma e função na linguística. **D.E.L.T.A.**, v. 7, n. 1, p. 395-407, 1991.
- ECKERT, P. Three waves of variation study: the emergence of meaning in the study of sociolinguistic variation. Tradução de Samuel Gomes de Oliveira, Lívia Majolo Rockenbach e Athany Gutierrez. **Organon**, Porto Alegre, v. 37, n. 73, p. 268-291, 2022 [2012].
- ECKERT, P. **Meaning and linguistic variation: the third wave in sociolinguistics**. Cambridge: Cambridge University Press, 2018.
- ECKERT, P. **Jocks and Burnouts: Social Categories and Identity in the High School**. New York: Teachers College Press, 1989.
- ECKERT, P.; MCCONNELL-GINET, S. Comunidades de práticas: lugar onde co-habitam linguagem, gênero e poder. *In*: OSTERMANN, A. C.; FONTANA, B. (org.). **Linguagem, gênero, sexualidade: clássicos traduzidos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010. p. 109-127.
- EDWARDS, J. Refining our understanding of language attitudes. **Journal of Language and Social Psychology**, v. 18, n. 1, p. 101-110, 1999.
- FACHIN, O. **Fundamentos de Metodologia**. 5. ed. São Paulo: Saraiva, 2006.

FARACO, C. A. **Linguística histórica**: uma introdução ao estudo da história das línguas. Ed. revista e ampl. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

FASOLD, R. **The sociolinguistics of society**. Oxford: Basil Blackwell, 1984.

FERREIRA, J. S.; TENANI, L. E.; GONÇALVES, S. C. L. O morfema de gerúndio "ndo" no português brasileiro: análise fonológica e sociolinguística. **R. Let. & Let**, Uberlândia - MG, v. 28, n. 1, p. 167-188, jan./jun., 2012.

FOUCAULT, M. **Os Anormais**: Curso no Collège de France (1974-1975). Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FOUCAULT, M. Sobre a história da sexualidade. *In*: FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1995. p. 243-276.

FREITAG, R. **Não existe linguagem neutra!**: gênero na sociedade e na gramática do português brasileiro. São Paulo: Contexto, 2024.

FREITAG, R. M. K. A quarta onda: ativismo sociolinguístico no Brasil. **Fórum Linguístico**, v. 20, p. 9401-9419, 2023.

FREITAG, R. M. K.; MARTINS, M. A.; TAVARES, M. A. Bancos de dados sociolinguísticos do Português Brasileiro e os estudos de terceira onda: potencialidades e limitações. **Revista Alfa**, v. 56, n. 3, p. 907-934, 2012.

GARCIA, B. L. **Identidade social e atitude linguística**: um estudo da fala de Bonfim Paulista. 2018. 157f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2018.

GHESSI, R. R. **Concordância verbal em português**: um estudo sobre atitudes linguísticas em duas escolas públicas de Monte Azul Paulista - SP. 2020. 142f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2020.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GIL, A. C.. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOMES, R. M. S. **Por uma linguística (mais) popular**: a construção do gênero neutro como dissidência linguística. 2022. 234f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos. 2022.

GONSALVES, E. P. **Conversas sobre iniciação à pesquisa científica**. 3. ed. Campinas: Alínea, 2001.

GONZALEZ, C. R.; MOITA LOPES, L. P. Teorias queer, narrativas e gênero/sexualidade. *In*: MOITA LOPES, L. P.; GONZALEZ, C. R.; MELO, G. C. V.; GUIMARÃES, T. F. (org.). **Estudos queer em linguística aplicada indisciplinar**: gênero, sexualidade, raça e classe. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2022. p. 158-166.

GUIMARÃES, T. F.; MOITA LOPES, L. P. A entextualidade, a indexicalidade e a performatividade. *In*: MOITA LOPES, L. P.; GONZALEZ, C. R.; MELO, G. C. V.; GUIMARÃES, T. F. (org.). **Estudos queer em linguística aplicada indisciplinar**: gênero, sexualidade, raça e classe. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2022. p. 52-57.

HALL, S. Quem precisa de identidade? *In*: SILVA, T. T.; HALL, S.; WOODWARD, K. (org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva de estudos culturais. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 103-133.

HALL, S. Identidade cultural e diáspora. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, Brasília, n. 24, p. 68-75, 1996.

KNECHTEL, M. R. **Metodologia da pesquisa em educação**: uma abordagem teórico-prática dialogada. Curitiba: Intersaberes, 2014.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LABOV, W. **The social stratification of English in New York city**. 2. ed. ampl. New York: Cambridge University Press, 2006 [1966].

LACERDA, M. L.; GÖRSKI, E. M.; PAZA, C. R. M. A terceira onda variacionista: continuidade ou descontinuidade de fases? **Revista da Abralin**, v. 21, n. 1, p. 1-27, 2022.

LAMBERT, W. W.; LAMBERT, W. E. **Psicologia Social**. Rio de Janeiro: Zahar Editors, 1966.

LEITE, J. E. R. Fundamentos de Linguística. *In*: FARIA, E. M. B.; CAVALCANTE, M. C. B. (org.). **Língua Portuguesa e LIBRAS**: teorias e práticas. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2010. p. 171-232.

LEITE, M. Q. **Preconceito e intolerância na linguagem**. São Paulo: Contexto, 2008.

LEONEL, V.; MOTTA, A. de M. **Ciência e pesquisa**: disciplina na modalidade a distância. Palhoça: Unisul Virtual, 2011.

LIKERT, R. A technique for the measurement of attitudes. **Archives in Psychology**, v. 22, n. 140, p. 1-55, 1932.

LIVIA, A.; HALL, K. "É uma menina!: a volta da performatividade à linguística. *In*: OSTERMANN, A. C., FONTANA, B. (org). **Linguagem. Gênero. Sexualidade**. Clássicos traduzidos. São Paulo: Parábola Editorial, 2010. p. 109-127.

LOURO, G. L. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LOURO, G. L. Teoria queer: uma política pós-identitária para a educação. **Estudos feministas**, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 541-553, 2001.

LUCIAN, R.; DORNELAS, J. S. Mensuração de Atitude: Proposição de um Protocolo de Elaboração de Escalas. **RAC - Revista de Administração Contemporânea**, v. 19, 2. ed. especial, p. 157-177, 2015.

MAJONE, G. **Evidence, argument, and persuasion in the policy process**. New Haven: Yale University Press, 1989.

MENDES, R. B. A terceira onda da sociolinguística. *In*: José Luiz Fiorin. (org.). **Novos caminhos da Linguística**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2017, p. 103-123.

MILROY, L. **Language and social networks**. Oxford: Blackwell, 1980.

MISKOLCI, R. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 11, n. 21, jan./jun., p. 150-182, 2009.

MOORE, E; PODESVA, R. Style, indexicality, and the social meaning of tag questions. **Language in Society**, v. 38, ed. 4, p. 447-485, 2009.

MORENO FERNÁNDEZ, F. **Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje**. Barcelona: Ariel, 1998.

NEVES, M. H. M. Professora e linguista com 70 anos no serviço público vê equívoco em termo 'linguagem neutra'. Entrevista concedida a Emerson Vicente. **Folha de S. Paulo**, s/p, on-line, março, 2022. Disponível em: [https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2022/03/professora-e-linguista-com-70-anos-no-servico-publico-ve-equivoco-em-termo-linguagem-neutra.shtml?utm\\_source=facebook&utm\\_medium=social&utm\\_campaign=fbfolha](https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2022/03/professora-e-linguista-com-70-anos-no-servico-publico-ve-equivoco-em-termo-linguagem-neutra.shtml?utm_source=facebook&utm_medium=social&utm_campaign=fbfolha). Acesso em: 31 mar. 2022.

OLIVEIRA, S. R.; PICCININI, V. C. Validade e reflexividade na pesquisa qualitativa. **Cadernos EBAPE BR**, v. 7, n. 1, p. 89-98, 2009.

OLLAIK, L. G.; ZILLER, H. M. Concepções de validade em pesquisas qualitativas. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 38, n. 1, p. 229-241, 2012.

OSGOOD, C. E., SUCI, G. J., TANNENBAUN, P. H. **The measurement of meaning**. Urbana: University of Illinois, 1957.

OUSHIRO, L. Avaliações e percepções sociolinguísticas. **Estudos Linguísticos** (São Paulo. 1978), v. 50, n. 1, p. 318-336, 2021.

OUSHIRO, L. Conceitos de identidade e métodos para seus estudos na sociolinguística. **Estudos Linguísticos e Literários**, n. 63, núm. esp., p. 304-325, 2019.

OUSHIRO, L. **Identidade na pluralidade**: avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São Paulo. 2015. 394f. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

PENNYCOOK, A. Uma linguística aplicada transgressiva. Tradução de Luiz Paulo da Moita Lopes. In: MOITA LOPES, L. P. (org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006, p. 67-84.

RAJAGOPALAN, K. Entrevista com Kanavillil Rajagopalan. In: XAVIER, A. C.; CORTEZ, S. (org.). **Conversa com linguistas**: virtudes e controvérsias da linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2006, p. 175-182.

RODRIGUES, J. A.; NASCIMENTO, A. M. Políticas linguísticas no Brasil: monolinguismo e padronização da língua. **Revista Coralina**, Goiás, vol. 3, n. 1, p. 18-33, jul. 2020.

SAMPAIO, S. S. A liberdade como condição das relações de poder em Michel Foucault. **R. Katál**, Florianópolis, v. 14, n. 2, p. 222-229, jul./dez. 2011.

SANTOS, W. S. **Percepções sociolinguísticas acerca da variação subjuntivo/indicativo em São Luís e São Paulo**. 2020. 241f. Dissertação (Mestrado em Semiótica e Linguística Geral) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

SAUSSURE, F. de. **Curso de linguística geral**. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2012.

SCHERRE, M. M. P. **Doa-se lindos filhotes de poodle**: variação linguística, mídia e preconceito linguístico. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

SCHWINDT, L. C. Sobre gênero neutro em português brasileiro e os limites do sistema linguístico. **Revista da ABRALIN**, [S. l.], v. 19, n. 1, p. 1-23, 2020.

SENE, M. G. Percepções sociolinguísticas, avaliações subjetivas e atitudes linguísticas: três domínios complementares. **Todas As Letras** - Revista de Língua e Literatura, São Paulo, v. 21, n. 1, p. 304-323, jan./abr, 2019.

SEVERO; C. G.; GÖRSKI, E. M. Sociologia da linguagem e sua relação com a macro e a microsociolinguística. **Fórum linguístico** - Revista do Programa de Pós-graduação em Linguística da UFSC, Florianópolis, v. 20, n. 4, p. 9755-9767, out./dez, 2023.

SHAPIRO, F. R. **The Yale Book of Quotations**. New Haven and London: Yale University Press, 2006.

SHOOK, N. J.; FAZIO, R. H. Political ideology, exploration of novel stimuli, and attitude formation. **Journal of Experimental Social Psychology**, Elsevier, v. 45, 4. ed., p. 995–998, 2009.

SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença. *In*: SILVA, T. T.; HALL, S.; WOODWARD, K. (org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva de estudos culturais. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 73-102.

SILVA, T. T. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

SILVA, H. C.; AGUILERA, V. A. O poder de uma diferença: um estudo sobre crenças e atitudes linguísticas. **ALFA**: Revista de Linguística, São Paulo, v. 58, n. 3, p. 703-723, 2014.

SILVA, D. M.; MILANI, S. E. Whitney, Saussure, Meillet e Labov: a língua como um fato social. **Anais do SILEL**, v. 3, n. 1, Uberlândia: EDUFU, 2013.

SOUZA, C. C. B. N.; LOPES, N. S. Sobre o estilo na sociolinguística de terceira onda: perspectivas teórico-metodológicas. **Revista A Cor das Letras**. Feira de Santana, v. 22, n. esp., p. 7-17, Set. 2021.

STAKE, R. E. **Pesquisa qualitativa**: estudando como as coisas funcionam. Porto Alegre: Penso, 2011.

STRALEN, C. J. Psicologia Social: uma especialidade da Psicologia? **Psicologia & Sociedade**, v. 17, n. 1, p. 17-28; jan/abr, 2005.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1997.

VAIDERGORN, J. Cidadania e Direitos Humanos na Formação Universitária. **Cad. Cedes**, Campinas, v. 30, n. 81, p. 253-256, maio-ago. 2010.

VALE, F. L. **Ativismo no vale do youtube: o papel de influenciadores digitais na formação identitária de jovens LGBT + no Brasil**. 2017. 63 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação - Habilitação em Publicidade e Propaganda) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

VALLE, P. R. D.; FERREIRA, J. L. **Análise de conteúdo na perspectiva de Bardin: contribuições e limitações para a pesquisa qualitativa em educação**. In: *SciELO Preprints*. DOI: <https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.7697>, 2024. Disponível em: <https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/7697/14412>. Acesso em: 20 set. 2024.

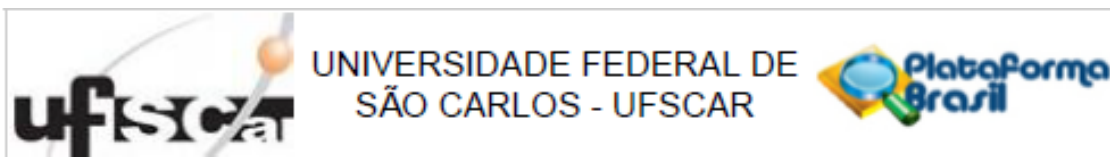
WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968].

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T.; HALL, S.; WOODWARD, K. (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva de estudos culturais**. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 73-102.

ZAMBRANO, P. C. **Linguagem inclusiva em destaque: pesquisa, análise e divulgação dos xis da questão**. 2022. 127f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras - Português/Espanhol) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos. 2022.

ZAMBRANO, P. C. **Linguagem inclusiva: qual é o “x” da questão? - Definição e defesa**. São Carlos. 2021. 50 p. (relatório de pesquisa)

## ANEXO A - PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** “Olá a todes!”: uma análise de percepções subjetivas sobre usos linguísticos não binários

**Pesquisador:** Priscila Cristina Zambrano

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 69435023.0.0000.5504

**Instituição Proponente:** CECH - Centro de Educação e Ciências Humanas

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 6.454.113

#### Apresentação do Projeto:

As informações elencadas nos campos "Apresentação do Projeto", "Objetivo da Pesquisa" e "Avaliação dos Riscos e Benefícios" foram extraídas do arquivo "Informações Básicas da Pesquisa" (PB\_INFORMAÇÕES\_BÁSICAS\_DO\_PROJETO\_2136009, de 24/08/2023) e/ou do Projeto Detalhado (Projeto\_de\_Mestrado\_PriscilaCristinaZambrano, de 08/05/2023): RESUMO, HIPÓTESE (se houver), METODOLOGIA, CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO.

#### Resumo:

Este projeto de pesquisa tem como objetivo principal investigar percepções de falantes da língua portuguesa sobre a linguagem não binária (em especial, sobre os usos de "@", "x" e "e"). Pretendemos discutir as correlações entre língua, sociedade e identidades, a partir da visão de língua como entidade heterogênea (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006[1968]; LABOV, 2008[1972]). Para tanto, organizaremos e aplicaremos um questionário a estudantes, professores e outros servidores de uma Instituição de Ensino Superior (IES) pública federal brasileira, localizada no estado de São Paulo, a fim de que possamos observar as reações subjetivas e os graus de concordância sobre os usos linguísticos não binários em questão. As análises serão quali-quantitativas e contarão com dados obtidos através das Escalas de Diferenciais Semânticos (OSGOOD; SUCI; TANNENBAUN, 1957) e Likert (LIKERT, 1932).

**Endereço:** WASHINGTON LUIZ KM 235

**Bairro:** JARDIM GUANABARA

**CEP:** 13.565-905

**UF:** SP

**Município:** SAO CARLOS

**Telefone:** (16)3351-9685

**E-mail:** cephumanos@ufscar.br



#### Metodologia Proposta:

Para a realização deste estudo, empregaremos a abordagem quali-quantitativa. Este estudo será desenvolvido em uma IES pública federal, localizada no interior do estado de São Paulo, e será iniciado somente após a sua aprovação no Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP) da instituição. Esta pesquisa visa atingir a participação de estudantes dos 33 (trinta e três) cursos de graduação – sendo cursos de licenciatura e bacharelado –, estudantes dos 43 (quarenta e três) programas de pós-graduação ofertados pela IES e outros profissionais,

como servidores docentes e técnico-administrativos. O critério fundamental para a seleção, a priori, será o de possuir vínculo com a IES. A primeira etapa deste projeto de pesquisa será a realização de pesquisas bibliográfica e documental. Ambas as pesquisas serão realizadas por meio da busca e coleta de produções que discorram, de alguma forma, sobre a linguagem não binária. Buscaremos esses materiais, principalmente, em repositórios de publicações científicas, para compreendermos o que especialistas têm dito e analisado sobre linguagem não binária. Para além do contexto científico, outros espaços serão consultados, como o jornalístico, por exemplo. Depois de concluída essa etapa, será elaborado e aplicado questionário sobre o objeto de estudo, criado através da ferramenta Google Forms. No corpo do formulário, apresentaremos, inicialmente, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), bem como um hiperlink para download do TCLE. Na primeira parte do questionário, constarão perguntas sobre o perfil do participante – tais como: se o respondente é estudante, docente ou técnico-administrativo da IES participante (e só serão considerados respondentes válidos aqueles que estudarem/trabalharem na IES-alvo), idade, gênero, orientação sexual, escolaridade, curso/local de atuação, entre outros. Na segunda parte, a ser elaborada após avanços nas pesquisas bibliográfica e documental sobre os usos linguísticos não binários, será criado um conjunto de perguntas de reação subjetiva, cujo objetivo será averiguar as impressões/as percepções subjetivas que as pessoas têm em relação ao tópico especificado e os graus de concordância. Para avaliar atitudes emocionais, trabalharemos com a Escala de

Diferenciais Semânticos, proposta originalmente por Osgood, Suci e Tannenbaun (1957), que varia em polos antônimos (bom/ruim; feliz/triste; etc). No ensejo de examinarmos os graus de concordância, utilizaremos a Escala Likert (LIKERT, 1932). Comumente operada com 7 pontos, enfatizamos o uso desse último instrumento de análise considerando apenas 6 pontos, uma vez que evitaremos resquícios de um "ponto neutro", já que o propósito é analisar o posicionamento desses falantes. Após a geração e coleta de dados, estes serão categorizados, triangulados e analisados de acordo com a fundamentação teórica que sustenta este estudo. O trabalho

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235

Bairro: JARDIM GUANABARA

CEP: 13.565-905

UF: SP

Município: SAO CARLOS

Telefone: (16)3351-9685

E-mail: cephumanos@ufscar.br



Continuação do Parecer: 6.454.113

quantitativo contará com o auxílio da plataforma R.

**Objetivo da Pesquisa:**

As informações elencadas nos campos "Apresentação do Projeto", "Objetivo da Pesquisa" e "Avaliação dos Riscos e Benefícios" foram extraídas do arquivo "Informações Básicas da Pesquisa" (PB\_INFORMAÇÕES\_BÁSICAS\_DO\_PROJETO\_2136009, de 24/08/2023) e/ou do Projeto Detalhado (Projeto\_de\_Mestrado\_PriscilaCristinaZambrano, de 08/05/2023): RESUMO, HIPÓTESE (se houver), METODOLOGIA, CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO.

**Hipótese:**

Temos por objetivo investigar as percepções sobre língua e linguagem não binária de nichos particulares dessa IES, a fim de observar – se existirem – diferenças e semelhanças, por exemplo, entre percepções de estudantes de cursos e programas distintos, podendo estas serem reflexo (ou não) de grades curriculares (como o cumprimento de matérias da esfera educacional), assim como verificar as percepções de profissionais que atuam em setores distintos da IES quanto ao discernimento dos usos linguísticos não binários.

**Objetivo Primário:**

Temos como objetivo geral desta pesquisa compreender o que determinados falantes da língua portuguesa entendem por linguagem não binária, quais são suas percepções a respeito desse fenômeno linguístico e como as avaliações linguísticas dos falantes podem impactar na trajetória desse fenômeno.

**Objetivo Secundário:**

Dentre os objetivos específicos, estão: i) adquirir e consolidar conceitos relacionados à Sociolinguística e aos estudos sobre gênero e língua, bem como à terminologia mais adequada para a abordagem do fenômeno; ii) analisar tais percepções a partir de nichos particulares de uma Instituição de Ensino Superior (IES) pública federal, contrastando, por exemplo, as percepções de estudantes (licenciandos ou não), pós-graduandos, professores e outros servidores dessa instituição; e, por fim, iii) observar, a partir da aplicação de questionário, as reações subjetivas e os graus de concordância sobre o uso de "@", "x" e "e" nas palavras e sentenças.

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235  
Bairro: JARDIM GUANABARA CEP: 13.565-905  
UF: SP Município: SAO CARLOS  
Telefone: (16)3351-9685 E-mail: cephumanos@ufscar.br



Continuação do Parecer: 6.454.113

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

As informações elencadas nos campos "Apresentação do Projeto", "Objetivo da Pesquisa" e "Avaliação dos Riscos e Benefícios" foram extraídas do arquivo "Informações Básicas da Pesquisa" (PB\_INFORMAÇÕES\_BÁSICAS\_DO\_PROJETO\_2136009, de 24/08/2023) e/ou do Projeto Detalhado (Projeto\_de\_Mestrado\_PriscilaCristinaZambrano, de 08/05/2023): RESUMO, HIPÓTESE (se houver), METODOLOGIA, CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO.

**Riscos:**

Como este estudo se insere na área de Ciências Humanas, ele apresenta riscos mínimos e subjetivos, como cansaço após a resolução do questionário, desconforto ou evocar sentimentos ou lembranças desagradáveis, já que exigem que a(o) participante reflita sobre o tema abordado.

**Benefícios:**

Trata-se de uma pesquisa que poderá contribuir para discussões (e, conseqüentemente, ações) sobre a temática dentro da própria Instituição de Ensino Superior participante da pesquisa, uma vez que terá (re)conhecido as percepções e avaliações subjetivas de sua comunidade acadêmica sobre linguagem não binária.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Trata-se de uma pesquisa que deve seguir os preceitos éticos estabelecidos pela Resolução CNS nº 510 de 2016 e suas complementares.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Vide campo "Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações"

**Recomendações:**

Vide campo "Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações"

Atender as orientações da Conep sobre PROCEDIMENTOS EM PESQUISAS COM QUALQUER ETAPA EM AMBIENTE VIRTUAL. Este documento pode ser acessado na página do CEP UFSCar: <http://www.propq.ufscar.br/etica/cep>

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Agradecemos as providências e os cuidados tomados pelos pesquisadores ao apresentarem a 2ª versão do protocolo de pesquisa ao CEP da UFSCar. Trata-se de análise de resposta ao parecer

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235

Bairro: JARDIM GUANABARA

CEP: 13.565-905

UF: SP Município: SAO CARLOS

Telefone: (16)3351-9685

E-mail: [cephumanos@ufscar.br](mailto:cephumanos@ufscar.br)



Continuação do Parecer: 6.454.113

pendente n. 6.252.345 emitido pelo CEP em 21/08/2023.

Seguem abaixo as pendências listadas no parecer anterior do CEP e seu status (atendida, não atendida, parcialmente atendida).

Pendência 1: (ATENDIDA) TCLE online: Recomenda-se editar o TCLE, uma vez que o instrumento de coleta de dados será totalmente online e, conseqüentemente, o TCLE. Informações que recomenda-se a inserção no TCLE (sugestão de texto):

"Sua participação é voluntária, isto é, a qualquer momento você irá decidir se deseja participar e preencher o questionário, se deseja desistir da participação durante o preenchimento do questionário ou após o preenchimento, e poderá retirar seu consentimento sem nenhuma penalização ou prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição.

Ao clicar em "Aceito participar da pesquisa", irá:

1. Eletronicamente aceitar participar da pesquisa, o que corresponderá à assinatura deste termo (TCLE), o qual poderá ser impresso ou solicitado ao pesquisador via endereço de e-mail fornecido, se assim o desejar.
2. Responder ao questionário online que terá tempo gasto para seu preenchimento em torno de XXXX minutos.

Caso não concorde, basta fechar a página do navegador. Caso desista de participar durante o preenchimento do questionário e antes de finalizá-lo, os seus dados não serão gravados, enviados e nem recebidos pelo pesquisador e serão apagados ao se fechar a página

do navegador. Caso tenha finalizado o preenchimento e enviado suas respostas do questionário e após decida desistir da participação deverá informar o pesquisador desta decisão e este descartará os seus dados recebidos sem nenhuma penalização. Você poderá imprimir uma via deste termo, ou se desejar, o pesquisador poderá encaminhar uma via assinada por e-mail ou da maneira como preferir."

O texto do TCLE online foi modificado conforme orientações do Parecer emitido pelo CEP.

#### Considerações Finais a critério do CEP:

Diante do exposto, o Comitê de ética em pesquisa - CEP, de acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS nº 510 de 2016, manifesta-se por considerar "Aprovado" o projeto. Conforme dispõe o Capítulo VI, Artigo 28, da Resolução Nº 510 de 07 de abril de 2016, a responsabilidade

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235

Bairro: JARDIM GUANABARA

UF: SP

Telefone: (16)3351-9685

Município: SAO CARLOS

CEP: 13.565-905

E-mail: cephumanos@ufscar.br



Continuação do Parecer: 6.454.113

do pesquisador é indelegável e indeclinável e compreende os aspectos éticos e legais, cabendo-lhe, após aprovação deste Comitê de Ética em Pesquisa:

II - conduzir o processo de Consentimento e de Assentimento Livre e Esclarecido;

III - apresentar dados solicitados pelo CEP ou pela CONEP a qualquer momento;

IV - manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período mínimo de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa;

V - apresentar no relatório final que o projeto foi desenvolvido conforme delineado, justificando, quando ocorridas, a sua mudança ou interrupção. Este relatório final deverá ser protocolado via notificação na Plataforma Brasil.

OBSERVAÇÃO: Nos documentos encaminhados por Notificação NÃO DEVE constar alteração no conteúdo do projeto. Caso o projeto tenha sofrido alterações, o pesquisador deverá submeter uma "EMENDA".

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2136009.pdf	24/08/2023 19:01:41		Aceito
Outros	Carta_Resposta_versao1.pdf	24/08/2023 18:59:43	Priscila Cristina Zambrano	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_Corrigido.pdf	24/08/2023 18:56:48	Priscila Cristina Zambrano	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_de_Mestrado_PriscilaCristinaZambrano.pdf	08/05/2023 08:26:00	Priscila Cristina Zambrano	Aceito
Folha de Rosto	FolhaDeRosto.pdf	08/05/2023 08:20:18	Priscila Cristina Zambrano	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235

Bairro: JARDIM GUANABARA

CEP: 13.565-905

UF: SP

Município: SAO CARLOS

Telefone: (16)3351-9685

E-mail: cephumanos@ufscar.br



UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
SÃO CARLOS - UFSCAR



Continuação do Parecer: 6.454.113

SAO CARLOS, 24 de Outubro de 2023

---

**Assinado por:**  
**Sonia Regina Zerbetto**  
**(Coordenador(a))**

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235

Bairro: JARDIM GUANABARA

CEP: 13.565-905

UF: SP

Município: SAO CARLOS

Telefone: (16)3351-9685

E-mail: [cephumanos@ufscar.br](mailto:cephumanos@ufscar.br)

## ANEXO B - DIVULGAÇÃO DA PESQUISA VIA E-MAIL À COMUNIDADE UFSCAR

### **Pesquisa sobre percepções subjetivas acerca de usos linguísticos convida comunidade da UFSCar para participação online**

Uma pesquisa de mestrado, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL) da UFSCar, visa avaliar as percepções que alunos de graduação e pós-graduação, técnico-administrativos e professores da UFSCar exprimem acerca de determinados usos linguísticos. Para tanto, são convidados a participarem remotamente da pesquisa, a partir do preenchimento de um questionário online. O formulário apresenta questões sobre os usos de "@", "x" e "e" nas palavras e sentenças e que devem ser respondidas baseadas em uma escala de 6 pontos, considerando 1 como polo mais negativo e 6 como polo mais positivo, além de algumas questões objetivas sobre o assunto. O estudo é conduzido pela estudante Priscila Cristina Zambrano, sob orientação da professora Caroline Carnielli Biazolli, do PPGL. O preenchimento do questionário poderá ser feito em até 15 minutos, através do link <https://bit.ly/3VXdz5r>. Dúvidas podem ser esclarecidas no e-mail [pzambrano@estudante.ufscar.br](mailto:pzambrano@estudante.ufscar.br). Pesquisa aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFSCar (CAAE: 69435023.0.0000.5504).

[índice](#)

PESQUISA DE MESTRADO

*Priscila Cristina Zambrano*

PPGL - UFSCAR

# PRECISAMOS DE VOCÊ!

Aponte a câmera do seu celular para o  
QR Code abaixo e contribua para a  
produção do conhecimento sobre o  
português brasileiro!



CEP UFSCar: 6.454.113

CAAE: 69435023.0.0000.5504



# APÊNDICE B - COLAGEM DA ARTE DE DIVULGAÇÃO PELO CAMPUS SÃO CARLOS DA UFSCar





## APÊNDICE C – TCLE

### Pesquisa de Mestrado em Linguística

Você está sendo convidado a participar de uma pesquisa da área de Linguística.

Trata-se de um projeto de mestrado desenvolvido por mim, **Priscila Cristina Zambrano**, sob orientação da **Profa. Dra. Caroline Carnielli Biazolli**, do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos - UFSCar.

O objetivo deste estudo é avaliar as percepções que os falantes da língua exprimem acerca de determinados usos linguísticos. Para alcançar os objetivos propostos, será utilizado o seguinte instrumento de pesquisa: um questionário, dividido em duas grandes seções, sendo a primeira voltada às questões propostas e a segunda voltada ao perfil dos participantes. A coleta de dados será realizada virtualmente, tendo como base esta plataforma eletrônica *Google Forms*, e buscará observar os graus de concordância (Escala Likert) e as atitudes emocionais (Escala de Diferenciais Semânticos) sobre as questões expostas.

Você está recebendo este convite pois tem vínculo ativo com a Universidade Federal de São Carlos. Esta pesquisa justifica-se por buscar contribuir com as áreas de Letras e Linguística, uma vez que investiga a relação de professores, estudantes e demais profissionais do âmbito acadêmico com conceitos e percepções relacionados à língua. Por essa razão, sua participação enquanto informante desta pesquisa é de grande relevância. Suas respostas serão tratadas de forma anônima e confidencial, ou seja, em nenhum momento será divulgado seu nome em qualquer fase do estudo. Quando for necessário exemplificar determinada situação, sua privacidade será assegurada. Os dados coletados poderão ter seus resultados divulgados em eventos, revistas e/ou trabalhos científicos. Para esta pesquisa, não haverá nenhuma despesa por parte dos participantes.

A participação nesta pesquisa oferece riscos mínimos e subjetivos, já que exigem que o participante reflita sobre o tema abordado. Algumas perguntas podem gerar desconforto, evocar sentimentos ou lembranças desagradáveis ou levar a um leve cansaço após a resolução do questionário.

Sua participação é voluntária, isto é, a qualquer momento você irá decidir se deseja participar e preencher o questionário, se deseja desistir da participação durante o preenchimento do

questionário ou após o preenchimento, e poderá retirar seu consentimento sem nenhuma penalização ou prejuízo em sua relação com a pesquisadora ou com a instituição.

Ao clicar em "**Aceito participar da pesquisa**", irá:

1. Eletronicamente aceitar participar da pesquisa, o que corresponderá à assinatura deste termo (TCLE), o qual poderá ser impresso ou solicitado à pesquisadora via endereço de e-mail fornecido, se assim o desejar.

2. Responder ao questionário *online* que terá tempo gasto para seu preenchimento de aproximadamente 15 (quinze) minutos. Caso não concorde, basta fechar a página do navegador.

Caso desista de participar durante o preenchimento do questionário e antes de finalizá-lo, os seus dados não serão gravados, enviados e nem recebidos pela pesquisadora e serão apagados ao se fechar a página do navegador. Caso tenha finalizado o preenchimento e enviado suas respostas do questionário e, após isso, decida desistir da participação, deverá informar a pesquisadora desta decisão e esta descartará os seus dados recebidos sem nenhuma penalização.

Você poderá imprimir uma via deste termo ou, se desejar, a pesquisadora poderá encaminhar uma via assinada por e-mail ou da maneira como preferir.

**Endereço para contato (24 horas por dia e sete dias por semana):**

Pesquisadora Responsável: Priscila Cristina Zambrano

Endereço: Rodovia Washington Luiz, Km. 235 - Caixa Postal do PPGL - CEP 13.565-905 - São Carlos-SP – Brasil

Contato telefônico: (XX) XXXXX-XXXX

E-mail: pzambrano@estudante.ufscar.br

## APÊNDICE D - QUESTIONÁRIO APLICADO

### QUESTÕES - PARTE I

Nesta seção, você responderá questões voltadas a determinadas escolhas linguísticas. Abaixo está a orientação de como as escalas deverão ser preenchidas. Não há respostas certas ou erradas.

Orientações para preenchimento das escalas:



Veja o exemplo abaixo:

### **RATIFICAÇÃO**

Prezades alunos das turmas Fortaleza 2 e 3, as aulas de hoje (09/05) serão realizadas no Auditório da Pós- Graduação de História

### Sobre o uso de "e" nas palavras e sentenças...

Em relação à estética, o emprego do "e" é: \*

1 2 3 4 5 6

Nada bom       Muito bom


Em relação à estética, o emprego do "e" é: \*

1 2 3 4 5 6

Nada bonito       Muito bonito

Voltar

Próxima

 Página 3 de 31

Limpar  
formulário

Veja o exemplo abaixo:

### **RATIFICAÇÃO**

Prezades alunos das turmas Fortaleza 2 e 3, as aulas de hoje (09/05) serão realizadas no Auditório da Pós- Graduação de História

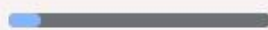
Em relação à agradabilidade, o emprego do "e" é: \*

1 2 3 4 5 6

Nada agradável       Muito agradável

Voltar

Próxima

 Página 4 de 31

Limpar  
formulário

Veja o exemplo abaixo:

### **RATIFICAÇÃO**

Prezades alunos das turmas Fortaleza 2 e 3, as aulas de hoje (09/05) serão realizadas no Auditório da Pós- Graduação de História

Em relação à seriedade, o emprego do "e" é: \*

	1	2	3	4	5	6	
Nada sério	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Muito sério

Voltar

Próxima

Página 5 de 31

Limpar  
formulário

Veja o exemplo abaixo:

### **RATIFICAÇÃO**

Prezades alunos das turmas Fortaleza 2 e 3, as aulas de hoje (09/05) serão realizadas no Auditório da Pós- Graduação de História

Em relação à pertinência, o emprego do "e" é: \*

	1	2	3	4	5	6	
Nada necessário	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Muito necessário

Em relação à formalidade, o emprego do "e" é: \*

	1	2	3	4	5	6	
Nada formal	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Muito formal

Voltar

Próxima

Página 6 de 31

Limpar  
formulário

Veja o exemplo abaixo:

## **RATIFICAÇÃO**

Prezades alunos das turmas Fortaleza 2 e 3, as aulas de hoje (09/05) serão realizadas no Auditório da Pós- Graduação de História

Em relação ao uso linguístico, o emprego do "e" é: \*

	1	2	3	4	5	6	
Nada correto	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Muito correto

Em relação ao uso linguístico, o emprego do "e" é: \*

	1	2	3	4	5	6	
Nada adequado	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Muito adequado

Em relação ao emprego de "e": \*

	1	2	3	4	5	6	
Sou extremamente contra	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Sou extremamente a favor

Em relação ao emprego de "e": \*

	1	2	3	4	5	6	
Não acho nada inclusivo	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Acho muito inclusivo

[Voltar](#)

[Próxima](#)

[Limpar](#)

Veja o exemplo abaixo:

### **RATIFICAÇÃO**

Prezades alunes das turmas Fortaleza 2 e 3, as aulas de hoje (09/05) serão realizadas no Auditório da Pós- Graduação de História

Em relação ao emprego do "e", esse uso em **GRAMÁTICAS** e **MANUAIS** é: \*

1 2 3 4 5 6  
Nada correto       Muito correto

Em relação ao emprego do "e", esse uso em **GRAMÁTICAS** e **MANUAIS** é: \*

1 2 3 4 5 6  
Nada adequado       Muito adequado

Se quiser, fique à vontade para comentar sobre suas respostas anteriores:

Sua resposta

Voltar

Próxima

Página 8 de 31

Limpar  
formulário

Orientações para preenchimento das escalas:



Veja o outro exemplo abaixo:

### **RATIFICAÇÃO**

Prezadxs aluñxs das turmas Fortaleza 2 e 3, as aulas de hoje (09/05) serão realizadas no Auditório da Pós- Graduação de História

### **Sobre o uso de "x" nas palavras e sentenças...**

Em relação à estética, o emprego do "x" é: \*

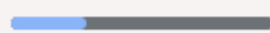
	1	2	3	4	5	6	
Nada bom	<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Muito bom

Em relação à estética, o emprego do "x" é: \*

	1	2	3	4	5	6	
Nada bonito	<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Muito bonito

Voltar

Próxima

 Página 9 de 31

Limpar  
formulário

Veja o exemplo abaixo:

### **RATIFICAÇÃO**

Prezadxs alunxs das turmas Fortaleza 2 e 3, as aulas de hoje (09/05) serão realizadas no Auditório da Pós- Graduação de História

Em relação à agradabilidade, o emprego do "x" é: \*

1 2 3 4 5 6

Nada agradável       Muito agradável

Voltar

Próxima



Página 10 de 31

Limpar  
formulário

Veja o exemplo abaixo:

### **RATIFICAÇÃO**

Prezadxs alunxs das turmas Fortaleza 2 e 3, as aulas de hoje (09/05) serão realizadas no Auditório da Pós- Graduação de História

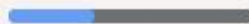
Em relação à seriedade, o emprego do "x" é: \*

1 2 3 4 5 6

Nada sério       Muito sério

Voltar

Próxima



Página 11 de 31

Limpar  
formulário

Veja o exemplo abaixo:

### **RATIFICAÇÃO**

Prezadxs alu@xs das turmas Fortaleza 2 e 3, as aulas de hoje (09/05) serão realizadas no Auditório da Pós- Graduação de História

Em relação à pertinência, o emprego do "x" é: \*

	1	2	3	4	5	6	
Nada necessário	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Muito necessário

Em relação à formalidade, o emprego do "x" é: \*

	1	2	3	4	5	6	
Nada formal	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Muito formal

Voltar

Próxima

Página 12 de 31

Limpar  
formulário

Veja o exemplo abaixo:

### **RATIFICAÇÃO**

Prezadxs alu@xs das turmas Fortaleza 2 e 3, as aulas de hoje (09/05) serão realizadas no Auditório da Pós- Graduação de História

Em relação ao uso linguístico, o emprego do "x" é: \*

	1	2	3	4	5	6	
Nada correto	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Muito correto

Em relação ao uso linguístico, o emprego do "x" é: \*

	1	2	3	4	5	6	
Nada adequado	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Muito adequado

Em relação ao emprego de "x": \*

1 2 3 4 5 6

Sou extremamente contra       Sou extremamente a favor

Em relação ao emprego de "x": \*

1 2 3 4 5 6

Não acho nada inclusivo       Acho muito inclusivo

Voltar

Próxima

Página 13 de 31

Limpar  
formulário

Veja o exemplo abaixo:

### **RATIFICAÇÃO**

Prezadxs aluwx das turmas Fortaleza 2 e 3, as aulas de hoje (09/05) serão realizadas no Auditório da Pós- Graduação de História

Em relação ao emprego do "x", esse uso em **GRAMÁTICAS** e **MANUAIS** é: \*

1 2 3 4 5 6

Nada correto       Muito correto

Em relação ao emprego do "x", esse uso em **GRAMÁTICAS** e **MANUAIS** é: \*

1 2 3 4 5 6

Nada adequado       Muito adequado

Se quiser, fique à vontade para comentar sobre suas respostas anteriores:

Sua resposta

Voltar

Próxima

Página 14 de 31

Limpar  
formulário

Orientações para preenchimento das escalas:



Veja o último exemplo abaixo:

### **RATIFICAÇÃO**

Prezad@s alun@s das turmas Fortaleza 2 e 3, as aulas de hoje (09/05) serão realizadas no Auditório da Pós- Graduação de História

**Sobre o uso de "@" nas palavras e sentenças...**

Em relação à estética, o emprego do "@" é: \*

	1	2	3	4	5	6	
Nada bom	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Muito bom

Em relação à estética, o emprego do "@" é: \*

	1	2	3	4	5	6	
Nada bonito	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Muito bonito

Voltar

Próxima

Página 15 de 31

Limpar  
formulário

Veja o exemplo abaixo:

### **RATIFICAÇÃO**

Prezad@s alun@s das turmas Fortaleza 2 e 3, as aulas de hoje (09/05) serão realizadas no Auditório da Pós- Graduação de História

Em relação à agradabilidade, o emprego do "@" é: \*

1 2 3 4 5 6

Nada agradável       Muito agradável

Voltar

Próxima

Página 16 de 31

Limpar formulário

Veja o exemplo abaixo:

### **RATIFICAÇÃO**

Prezad@s alun@s das turmas Fortaleza 2 e 3, as aulas de hoje (09/05) serão realizadas no Auditório da Pós- Graduação de História

Em relação à seriedade, o emprego do "@" é: \*

1 2 3 4 5 6

Nada sério       Muito sério

Voltar

Próxima

Página 17 de 31

Limpar formulário

Veja o exemplo abaixo:

### **RATIFICAÇÃO**

Prezad@s alun@s das turmas Fortaleza 2 e 3, as aulas de hoje (09/05) serão realizadas no Auditório da Pós- Graduação de História

Em relação à pertinência, o emprego do "@" é: \*

	1	2	3	4	5	6	
Nada necessário	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Muito necessário

Em relação à formalidade, o emprego do "@" é: \*

	1	2	3	4	5	6	
Nada formal	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Muito formal

Voltar

Próxima

Página 18 de 31

Limpar formulário

Veja o exemplo abaixo:

### **RATIFICAÇÃO**

Prezad@s alun@s das turmas Fortaleza 2 e 3, as aulas de hoje (09/05) serão realizadas no Auditório da Pós- Graduação de História

Em relação ao uso linguístico, o emprego do "@" é: \*

	1	2	3	4	5	6	
Nada correto	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Muito correto

Em relação ao uso linguístico, o emprego do "@" é: \*

	1	2	3	4	5	6	
Nada adequado	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Muito adequado

Em relação ao emprego de "@": \*

1 2 3 4 5 6

Sou extremamente contra       Sou extremamente a favor

Em relação ao emprego de "@": \*

1 2 3 4 5 6

Não acho nada inclusivo       Acho muito inclusivo

Voltar

Próxima

Página 19 de 31

Limpar  
formulário

Veja o exemplo abaixo:

### RATIFICAÇÃO

Prezad@s alun@s das turmas Fortaleza 2 e 3, as aulas de hoje (09/05) serão realizadas no Auditório da Pós- Graduação de História

Em relação ao emprego do "@", esse uso em **GRAMÁTICAS** e **MANUAIS** é: \*

1 2 3 4 5 6

Nada correto       Muito correto

Em relação ao emprego do "@", esse uso em **GRAMÁTICAS** e **MANUAIS** é: \*

1 2 3 4 5 6

Nada adequado       Muito adequado

Se quiser, fique à vontade para comentar sobre suas respostas anteriores:

Sua resposta

Voltar

Próxima

Página 20 de 31

Limpar  
formulário

Você já passou da metade do questionário!

## OBRIGADA POR CHEGAR ATÉ AQUI!

Mais alguns minutos e você completará o questionário. Conto com a sua colaboração!



Voltar

Próxima

Página 21 de 31

Limpar  
formulário

## QUESTÕES - PARTE II

Nesta seção, você responderá questões voltadas a opções de usos linguísticos que você poderia fazer. Não há respostas certas ou erradas.

Observe a saudação:

Olá a \_\_\_\_\_!

Direcionando-se a um **público em geral e desconhecido**, você utilizaria qual(is) forma(s)? Selecione quantas opções desejar.

- todas
- todes
- todos
- tod@s
- todxs
- todos(as)
- todas(os)
- todos, todas e todes
- todas, todos e todes
- Outro: \_\_\_\_\_

Voltar

Próxima

Página 22 de 31

Limpar  
formulário

### Questões

Considere que você seja um **professor e não conheça sua turma**. Das opções abaixo, qual(is) você escolheria para a escrita de um e-mail **endereçado à classe discente**? Selecione quantas opções desejar. \*

- Prezadas
- Prezades
- Prezados
- Prezad@s
- Prezadx
- Prezados(as)
- Prezadas(os)
- Prezados, prezadas e prezades
- Prezadas, prezados e prezades
- Outro: \_\_\_\_\_

Voltar

Próxima

Página 23 de 31

Limpar  
formulário

### Questões

Considere que você seja um **professor e não conheça seus colegas de trabalho**. Das opções abaixo, qual(is) você escolheria para a escrita de um e-mail **endereçado ao corpo docente**? Selecione quantas opções desejar. \*

- Prezadas
- Prezades
- Prezados
- Prezad@s
- Prezadx
- Prezados(as)
- Prezadas(os)
- Prezados, prezadas e prezades
- Prezadas, prezados e prezades
- Outro: \_\_\_\_\_

Voltar

Próxima

Página 24 de 31

Limpar  
formulário

### Questões

Considere que você seja um **estudante e não conheça seus professores**. Das opções abaixo, qual(is) você escolheria para a escrita de um e-mail **endereçado ao corpo docente**? Selecione quantas opções desejar. \*

- Prezadas
- Prezades
- Prezados
- Prezad@s
- Prezadx
- Prezados(as)
- Prezadas(os)
- Prezados, prezadas e prezades
- Prezadas, prezados e prezades
- Outro: \_\_\_\_\_

Voltar

Próxima

Página 25 de 31

Limpar  
formulário

### Questões

Considere que você seja um **estudante e não conheça seus colegas de sala**. Das opções abaixo, qual(is) você escolheria para a escrita de um e-mail à **turma**? Selecione quantas opções desejar. \*

- Prezadas
- Prezades
- Prezados
- Prezad@s
- Prezadx
- Prezados(as)
- Prezadas(os)
- Prezados, prezadas e prezades
- Prezadas, prezados e prezades
- Outro: \_\_\_\_\_

Voltar

Próxima

Página 26 de 31

Limpar  
formulário

## Questões

Considere que você seja um **técnico-administrativo** e **não conheça os estudantes**. Das opções abaixo, qual(is) você escolheria para a escrita de um e-mail à **classe discente**? Selecione quantas opções desejar. \*

- Prezadas
- Prezades
- Prezados
- Prezad@s
- Prezadx
- Prezados(as)
- Prezadas(os)
- Prezados, prezadas e prezades
- Prezadas, prezados e prezades
- Outro: \_\_\_\_\_

Voltar

Próxima

Página 27 de 31

Limpar  
formulário

## Questões

Considere que você seja um **técnico-administrativo** e **não conheça os professores**. Das opções abaixo, qual(is) você escolheria para a escrita de um e-mail à **classe docente**? Selecione quantas opções desejar. \*

- Prezadas
- Prezades
- Prezados
- Prezad@s
- Prezadx
- Prezados(as)
- Prezadas(os)
- Prezados, prezadas e prezades
- Prezadas, prezados e prezades
- Outro: \_\_\_\_\_

Voltar

Próxima

Página 28 de 31

Limpar  
formulário


## Questões

Considere que você seja um **técnico-administrativo e não conheça seus colegas \* de trabalho**. Das opções abaixo, qual(is) você escolheria para a escrita de um e-mail **a outro técnico-administrativo**? Selecione quantas opções desejar.

- Prezadas
- Prezades
- Prezados
- Prezad@s
- Prezadx
- Prezados(as)
- Prezadas(os)
- Prezados, prezadas e prezades
- Prezadas, prezados e prezades
- Outro: \_\_\_\_\_

Voltar

Próxima

 Página 29 de 31

Limpar  
formulário

## QUESTÕES - PARTE III

Nesta seção, você responderá questões para que possamos compreender o nível de conhecimento sobre determinadas causas. Serão dados relevantes para a pesquisa.

Você sabe o que é uma pessoa não binária? \*

- Sim
- Não

Existem pessoas não binárias nos seus círculos sociais? \*

- Sim
- Não
- Não sei

Existem pessoas não binárias no seu convívio na UFSCar? \*

- Sim
- Não
- Não sei

Você tem conhecimento sobre as causas LGBTQIAPN+? \*

- Sim
- Não
- Mais ou menos

Você concorda com o emprego da marcação de "@" , "x" e "e"? \*

- Sim
- Não

Fique à vontade caso queira deixar algum comentário.

Sua resposta

Voltar

Próxima

Página 30 de 31

Limpar  
formulário

## PERFIL DO PARTICIPANTE

Nesta seção, você responderá questões voltadas a seu próprio perfil. Serão dados relevantes e confidenciais.

Qual a sua idade? \*

Sua resposta

Qual a sua atuação na UFSCar? \*

- Estudante
- Professor
- Técnico-Administrativo
- Outro: \_\_\_\_\_

**Qual o seu nível de formação acadêmica/titulação? \***

- Ensino Médio completo
- Ensino Superior incompleto
- Ensino Superior completo
- Especialização incompleta
- Especialização completa
- Mestrado incompleto
- Mestrado completo
- Doutorado incompleto
- Doutorado completo
- Pós-doutorado incompleto
- Pós-doutorado completo

**Como fez seus estudos de Ensino Médio? \***

- Integralmente em escola pública
- Integralmente em escola particular
- Maior parte em escola pública
- Maior parte em escola particular
- Outro: \_\_\_\_\_

**Como fez seus estudos de Ensino Superior? \***

- Integralmente em instituição pública
- Integralmente em instituição particular
- Maior parte em instituição pública
- Maior parte em instituição particular
- Outro: \_\_\_\_\_

**Qual curso de graduação você cursou ou está cursando? Caso sua formação máxima seja Ensino Médio, por gentileza, registre "NA" (não se aplica). \***

Sua resposta \_\_\_\_\_

O curso indicado na questão anterior é licenciatura, bacharelado ou ambos? Caso sua formação máxima seja Ensino Médio, por gentileza, registre "NA" (não se aplica). \*

Sua resposta \_\_\_\_\_

Qual curso de pós-graduação você cursou ou está cursando?

Sua resposta \_\_\_\_\_

Qual é a sua identidade de gênero? \*

Mulher cis

Homem cis

Mulher trans

Homem trans

Não binária

Outro: \_\_\_\_\_

Qual é a sua orientação sexual? \*

Heterossexual

Homossexual

Bissexual

Pansexual

Assexual

Outro: \_\_\_\_\_

Uma cópia das suas respostas será enviada para o endereço de e-mail fornecido

Voltar

Enviar

Página 31 de 31

Limpar  
formulário